Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

Satisfação com a Imagem Corporal e os Valores e Representações Corporais

Um estudo em adolescentes do ensino secundário

Teresa Maria Lourenço Martins Veloso

Porto 2003

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL E OS VALORES E REPRESENTAÇÕES CORPORAIS

Um estudo em adolescentes do ensino secundário

Dissertação apresentada com vista à obtenção de grau de Mestre (Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de Outubro) em Ciências do Desporto na Área de Recreação e Lazer.

Orientadora: Prof. Doutora Olga Vasconcelos

Co-Orientadora: Prof. Doutora Paula Queirós

Teresa Maria Lourenço Martins Veloso

Porto, 2003

Veloso, T. (2003). Satisfação com a imagem corporal e os valores e representações corporais. Um estudo em adolescentes do ensino secundário. Dissertação com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ciências do Desporto - Área de Especialização em Recreação e Lazer. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

PALAVRAS-CHAVE: SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL - VALORES E REPRESENTAÇÕES CORPORAIS - CULTURAS JUVENIS - ADOLESCÊNCIA - SOCIEDADE

Agradecimentos

Não obstante o carácter individual deste trabalho, a sua elaboração não teria sido possível sem a orientação, colaboração, apoio e incentivo de algumas pessoas. Por isso, gostaria de expressar os meus agradecimentos a todos os que acompanharam nesta árdua caminhada.

À Prof. Doutora Olga Vasconcelos, orientadora deste trabalho, pelos ensinamentos transmitidos, conselhos, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou.

À Prof. Doutora Paula Queirós, co-orientadora da pesquisa, pela sabedoria transmitida, conselhos, disponibilidade e apoio que sempre manifestou.

Ao Conselho Executivo, professores e alunos da Escola E.B.2,3/S de Oliveira de Frades, que permitiram a realização dos questionários, disponibilidade e ajuda na concretização deste trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais e irmãos, pelos conselhos, disponibilidade, afabilidade, carinho, confiança, paciência e apoio nos momentos mais difíceis, sem os quais este estudo não teria sido possível

Ao Ni, pelo disponibilidade, ajuda, paciência, carinho, amor, incentivo e apoio que sempre demonstrou.

À Cristina, pela amizade, disponibilidade, orientação, conselhos, por toda a ajuda prestada, incentivo, apoio e paciência que revelou.

A todos os meus amigos e colegas, pelo apoio, carinho e boa disposição que sempre apresentaram.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	iii
Índice	v
Índice de Quadros	ix
Resumo	xix
Abstract	xxi
Résumé	xxiii
I.INTRODUÇÃO	1
1. Considerações preliminares	3
2. Justificação e apresentação do trabalho	7
II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
1. Imagem corporal	15
1.1. Conceitos e percursos	15
1.2. Percepção da imagem corporal	18
1.3. Satisfação com a imagem corporal	19
1.4. Imagem corporal na adolescência	21
1.5. Imagem corporal e os seus campos de associação	23
1.5.1. Imagem corporal e sexo	23
1.5.2. Imagem corporal e idade	26
1.5.3. Imagem corporal e estatuto sócio-económico	28
1.5.4. Imagem corporal e actividade física	30
1.6. Avaliação da imagem corporal	33
1.6.1. Avaliação da componente perceptiva	34
1.6.2. Avaliação da componente subjectiva	37
2. Corpo	41
2.1. Conceitos e percursos do corpo	41
2.2. O corpo contemporâneo	46
2.3. Valores corporais na adolescência	49
2.4. Culturas juvenis	54
2.5. O corpo e a actividade física	59
3. Imagem corporal e valores referenciados ao corpo	62
III. OBJECTIVOS E HIPÓTESES DO ESTUDO	67

1. Objectivos 69

2. Hipóteses 69

IV. METODOLOGIA 71

1. Caracterização da amostra 73

1.1. Sexo e idade 73

1.2. Estatuto sócio-económico 74

1.3. Tipo de habitação, número de assoalhadas e número de pessoas em casa 76

1.4. Actividades de tempos livres 77

1.5. Incentivos materiais 97

1.6. Actividades desportivas 100

2. Material e Métodos 110

2.1. Questionário de identificação pessoal 110

2.2. Avaliação da Satisfação com a imagem corporal 111

2.3. Questionário dos valores e representações corporais e avaliação das redes de sociabilidade/culturas juvenis 121

3. Procedimentos Estatísticos 121

V. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 125

1. Satisfação com a imagem corporal 127

1.1. Satisfação com a imagem corporal em função da idade e do sexo 127

1.2. Satisfação com a imagem corporal em função do estatuto sócio-económico e do sexo 130

1.3. Percepção da altura 132

1.4. Percepção do peso 133

2. Valores e representações corporais 140

2.1. Análise Factorial dos valores referenciados ao corpo 140

2.2. Valores e representações corporais, em função da idade e do sexo 144

2.3. Valores e representações corporais, em função do estatuto sócio-económico e do sexo 146

3. Imagem corporal e valores e representações corporais 151

3.1. Relação entre a satisfação com a imagem corporal e as componentes dos valores referenciados ao corpo 151

4. Redes de sociabilidade/grupos juvenis 159

4.1. Grupos juvenis 159

4.1.1. Géneros musicais em função do sexo 160

4.1.2. Géneros musicais em função da idade 162

4.1.3. Géneros musicais em função do estatuto sócio-económico 165

4.1.4. Estilos e ideais de grupo 168

4.2. Redes de sociabilidade 172

4.2.1. Tipo de pessoas com quem mais convivem, em função do sexo 172

4.2.2. Tipo de pessoas com quem mais convivem, em função da idade 173

4.2.3. Tipo de pessoas com quem mais convivem, em função do estatuto sócio-económico 174

VI. CONCLUSÕES 185

VII. BIBLIOGRAFIA 193

VIII. ANEXOS I

I. Questionário de identificação pessoal iii

II. Questionário da Satisfação com a imagem corporal Xxi

III. Questionário dos valores e representações corporais xv

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Descrição da amostra segundo o sexo e a idade e o número de indivíduos;	73
Quadro 2	Percentagem de indivíduos pertencentes ao estatuto sócio-económico alto, médio e baixo;	75
Quadro 3	Percentagem do número de indivíduos que possuem um dos três tipos de habitação;	76
Quadro 4	Percentagem do número de assoalhadas das habitações dos inquiridos;	76
Quadro 5	Percentagem do número de pessoas com que os indivíduos vivem em casa;	77
Quadro 6	Percentagem do número de irmãos que os indivíduos têm;	77
Quadro 7	Percentagem de indivíduos do sexo masculino, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres;	78
Quadro 8	Percentagem de indivíduos do sexo feminino, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres;	78
Quadro 9	Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres;	79
Quadro 10	Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres;	80
Quadro 11	Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, de	80

acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres;

Quadro 12 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico alto, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres; 81

Quadro 13 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico médio, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres; 82

Quadro 14 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico baixo, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres; 82

Quadro 15 Percentagem de indivíduos do sexo masculino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 83

Quadro 16 Percentagem de indivíduos do sexo feminino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 84

Quadro 17 Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 85

Quadro 18 Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 86

Quadro 19 Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos , de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 86

Quadro 20 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico alto, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 87

Quadro 21 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico médio, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 88

Quadro 22 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico baixo, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa; 89

Quadro 23 Percentagem de indivíduos do sexo masculino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 90

Quadro 24 Percentagem de indivíduos do sexo feminino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 91

Quadro 25 Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 92

Quadro 26 Percentagem de indivíduos com idades 93

compreendidas entre os 16 e os 17 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa;

Quadro 27 Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 93

Quadro 28 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico alto, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 95

Quadro 29 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico médio, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 95

Quadro 30 Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico baixo, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa; 96

Quadro 31 Percentagem de bens materiais que os indivíduos do sexo masculino e do feminino que possuem; 97

Quadro 32 Percentagem de bens materiais que os indivíduos possuem nos três grupos idades; 98

Quadro 33 Percentagem de bens materiais que os indivíduos com estatuto sócio-económico alto, médio e baixo possuem; 99

Quadro 34 Percentagem de indivíduos, do sexo masculino, que praticam e que gostariam de 101

praticar actividades desportivas;

Quadro 35 Percentagem de indivíduos, do sexo feminino, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 102

Quadro 36 Percentagem de indivíduos, com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 103

Quadro 37 Percentagem de indivíduos, com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 104

Quadro 38 Percentagem de indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 105

Quadro 39 Percentagem de indivíduos, pertencentes ao estatuto sócio-económico alto, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 107

Quadro 40 Percentagem de indivíduos, pertencentes ao estatuto sócio-económico médio, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 108

Quadro 41 Percentagem de indivíduos, pertencentes ao estatuto sócio-económico baixo, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas; 109

Quadro 42 Coeficiente de correlação intraclasse (R) dos itens do questionário de satisfação com a imagem corporal, entre a primeira e a 113

segunda aplicação;

Quadro 43 Coeficiente de correlação intraclasse (R) dos itens do questionário valores e representações corporais, entre a primeira e a segunda aplicação; 118

Quadro 44 Satisfação com a imagem corporal em função da idade e do sexo. Anova II factores (média, desvio padrão, F-teste e p); 128

Quadro 45 Satisfação com a imagem corporal em função do estatuto sócio-económico e sexo. Anova II factores (média, desvio padrão, F-teste e p); 130

Quadro 46 Valores em percentagem da percepção da altura segundo o sexo; 132

Quadro 47 Valores em percentagem da percepção do peso segundo o sexo; 133

Quadro 48 Componentes principais e variáveis correspondentes a coeficientes de saturação mais elevados do questionário dos valores e representações corporais; 142

Quadro 49 Valores da variância total e dos valores próprios das 4 componentes, resultantes da análise em componentes principais; 143

Quadro 50 Valores e representações corporais em função da idade e do sexo. Anova II factores, valores de F e de p. 145

Quadro 51 Valores e representações corporais em função do estatuto sócio-económico e do sexo. Anova II factores, valores de F e de p; 146

Quadro 52 Valores de correlação de Pearson, entre os valores médios da satisfação com a imagem 151

corporal e as 4 componentes relativas aos valores e representações corporais;

Quadro 53 Resultados concernentes ao questionário dos valores e representações corporais em função das categorias da satisfação com a imagem corporal. Anova factorial, valores de F e de p; 152

Quadro 54 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no sexo masculino. Valores em percentagem (%); 160

Quadro 55 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no sexo feminino. Valores em percentagem (%); 161

Quadro 56 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no grupo de idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos. Valores em percentagem (%); 162

Quadro 57 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no grupo de idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos. Valores em percentagem (%); 163

Quadro 58 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no grupo de idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos. Valores em percentagem (%); 164

Quadro 59 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no estatuto sócio-económico alto. Valores em percentagem (%); 165

Quadro 60 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no estatuto sócio-económico médio. Valores em percentagem (%); 166

Quadro 61 Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no estatuto sócio-económico baixo.Valores em percentagem (%); 167

Quadro 62 Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino, que se identificam com os estilos e ideais de grupo; 169

Quadro 63 Percentagem de indivíduos , que se identificam com os estilos e ideais de grupo, nos três grupos de idade; 170

Quadro 64 Percentagem de indivíduos, que se identificam com os estilos e ideais de grupo, segundo o estatuto sócio-económico; 171

Quadro 65 Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino ordenados segundo o tipo de pessoas com quem mais convivem; 173

Quadro 66 Percentagem de indivíduos pertencentes aos três grupos de idade ordenados segundo o tipo de pessoas com quem mais convivem; 174

Quadro 67 Percentagem de indivíduos pertencentes a diferentes estatutos sócio-económicos ordenados segundo o tipo de pessoas com quem mais convivem; 175

Quadro 68 Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino ordenados segundo a idade das pessoas com quem mais convivem; 176

Quadro 69 Percentagem de indivíduos pertencentes aos três grupos de idade ordenados segundo a idade das pessoas com quem mais convivem; 176

Quadro 70 Percentagem de indivíduos pertencentes a diferentes estatutos sócio-económicos ordenados segundo a idade das pessoas com 177

quem mais convivem;

Quadro 71 Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino ordenados segundo o sexo das pessoas com quem mais convivem; 178

Quadro 72 Percentagem de indivíduos pertencentes aos três grupos de idade ordenados segundo o sexo das pessoas com quem mais convivem; 179

Quadro 73 Percentagem de indivíduos pertencentes a diferentes estatutos sócio-económicos ordenados segundo o sexo das pessoas com quem mais convivem. 180

Resumo

Este estudo visa explorar uma possível relação entre os valores e representações actuais do corpo e a satisfação com a imagem corporal dos adolescentes e jovens. Pretende-se estudar como é que os adolescentes e jovens adultos se sentem com o seu próprio corpo e com as pressões sociais que apelam para a obtenção de um corpo jovem, magro e belo.

A amostra foi constituída por 212 indivíduos (n= 212), de ambos os sexos, dos quais 65 são do sexo masculino e 147 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Todos os inquiridos são estudantes e frequentam o ensino secundário da Escola E. B. 2,3/S de Oliveira de Frades, Distrito de Viseu.

Para identificarmos as características gerais dos inquiridos, utilizamos o questionário de Rodrigues (1997). Para avaliar a satisfação com a imagem corporal foi utilizado o questionário Body Image Satisfaction Questionnaire, desenvolvido por Luther et al. (1986, citado por Luther et al., 1990). Para avaliarmos os valores e representações corporais, utilizamos o questionário de Rodrigues (1997).

Os resultados da nossa pesquisa, revelaram que a satisfação com a imagem corporal, quando analisada em função do sexo, mostrou ser superior nos indivíduos do sexo masculino nos II e III grupo de idades (16/17 anos e 18/20 anos). Contudo, mostraram-se mais insatisfeito que o sexo feminino, na faixa etária entre os 14 e os 15 anos. Os maiores níveis de satisfação com a imagem corporal verificaram-se, em ambos os sexos, nos indivíduos de estatuto sócio-económico alto. No que respeita à percepção com a altura e o peso, verificamos que ambos os sexos se percepcionam com a altura e pesos ideais. Contudo, o sexo masculino apresenta valores superiores às raparigas.

Relativamente aos valores e representações corporais, das 4 dimensões apresentadas, o corpo saudável apresentou-se como a mais importante para os três grupos de idade, para os diferentes estratos sociais e para ambos os sexos. No que respeita à componente estética/simbólica, os resultados demonstraram que a valorização desta dimensão é mais acentuada nos indivíduos com idades estabelecidas entre os 16 e os 17 anos, em ambos os sexos e pertencentes a classes sociais elevadas. O corpo social, que apresentou um valor muito próximo de ser significativo no nosso trabalho, obteve maior importância nos rapazes pertencentes aos II e III grupo de idades. Verificou-se, no entanto, uma desvalorização desta componente na faixa etária entre os 14 e os 15 anos. A 4ª componente (corpo sensual), foi, claramente, a dimensão mais desvalorizada, muito embora, as raparigas apresentaram valores superiores relativamente aos rapazes, no I e II grupo de idades.

Existe uma associação, embora pequena, entre a satisfação com a imagem corporal e as variáveis relacionadas com os valores do corpo, revelando diferenças estatisticamente significativas em 20 variáveis.

Relativamente aos géneros musicais, em função dos sexo, idade e estatutos sócio-económicos, a música pop/rock, revelou ser a preferida dos indivíduos do nosso estudo.

Independentemente do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico, os indivíduos da nossa pesquisa sentem dificuldades em identificar-se com alguns dos estilos e ideais de grupo apresentados. Apesar de serem um número minoritário, verificou-se que a adesão a uma determinada cultura, efectuou-se, mais declaradamente, na faixa etária entre os 16 e os 17 anos.

Os resultados do nosso estudo, no que respeita às convivialidades, mostraram que os colegas de escola, com a mesma faixa etária e de ambos os sexos, constituem as redes de sociabilidade, nas variáveis sexo, idade e estatuto sócio-económico.

Palavras chave: Satisfação com a imagem corporal - valores e representações corporais - culturas juvenis - adolescência - sociedade

Abstract

This study aims to explore a possible relationship between the body's values and representations at present and adolescents / young adults' satisfaction with their own corporal image. The intent is to study how adolescents and young adults feel about their own body and how they react to the social pressures that appeal for young, thin and beautiful bodies.

The sample taken was composed by 212 individuals (n = 212), 65 of which are of the masculine sex and 147 of which are of the feminine sex, with ages that fall between 14 and 20 years old. All individuals inquired are students who attend E.B. 2,3/s School in Oliveira de Frades. We have used the Rodrigues Questionnaire (1997) to identify the general characteristics of the inquired individuals. To evaluate the satisfaction with self corporal image we have used the "Body Image Satisfaction Questionnaire (BISQ), developed by Luther et al. (1986, mentioned in Luther et al., 1990). To evaluate the values and corporal representations, we've again used Rodrigues Questionnaire (1997).

The results of our research revealed that the satisfaction degree with self corporal image, as far as gender is concerned, is higher within the individuals of the masculine sex of the II and the III age groups (16/17 years old and 18/20 years old). However, boys with ages that fall between 14 and 15 years old revealed to be more unsatisfied when compared to girls of the same age. The masculine sex revealed higher satisfaction levels with the corporal image as individuals get older. The highest satisfaction levels with corporal image were verified, both genders considered, in individuals of high social economical status. As far as weight and height perceptions are concerned, we have verified that both boys and girls percept themselves as having ideal height and weight values. However, boys present higher percentile values than girls.

In what concerns corporal values and representations, four different dimensions were presented, one of which - the healthy body - came as the most important for the three groups of age, for the different social status and for both genders. In respect to the aesthetic / symbolic component, the results have demonstrated that the valorization of this dimension is more accentuated within the individuals with ages that fall between 16 and the 17 years old, in both genders and belonging to high social classes. The social body, which presented a value very close to being significant to our study, proved to be of more importance within boys belonging to the II and III age groups. We have, however, verified a depreciation of this component in the age group between 14 and 15 years old. The 4th component of our research (sensual body) was, clearly, the most depreciated dimension of all, although girls of the I and II age groups have presented superior values when compared to boys of the same age groups.

There is in fact an association, even though it is small, between the satisfaction with the corporal image and the variables related with the body's values, revealing statistically significant differences in 20 variables.

As far as music genres are concerned, in function of sex, age and social economical status, pop/rock revealed to be the favorite kind of music of the inquired individuals.

Regardless of gender, age and social economical status, the inquired individuals in our research feel difficulties in identifying themselves with some of the presented group styles. Despite being a minority, we have verified that the adhesion to a certain culture happens more declaredly in the age group between 16 and 17 years old.

The results of our study, in what concerns conviviality, showed that school friends, of the same age group and of both genders, constitute the sociability chain , in the variables sex, age and social economical status.

Key Words: Satisfaction with self corporal image - values and corporal representations - juvenile cultures - adolescence - society

Résumé

L'objectif de cette étude cherche explorer un rapport possible entre les valeurs et les représentations actuelles du corps et la satisfaction avec l'image du corps des adolescents et des jeunes. Ont projette étudier comme les adolescents et les jeunes adultes s'asseyent avec son propre corps et avec les pressions sociales demandées pour obtenir un corps jeune, mince et beau.

L'échantillon a été constitué par 212 individus (n = 212), des deux sexes, dont 65 sont du sexe masculin et 147 du sexe féminin, avec âges comprises entre les 14 et les 20 années. Tout les jeunes interrogés sont des étudiants de l' enseignement secondaire et fréquentent l'École E. B. 2,3/S de Oliveira de Frades. Nous avons utilisé le questionnaire Rodrigues (1997) pour identifier les caractéristiques générales des participants de l'étude. Pour évaluer la satisfaction avec l'image corporelle ont a été utilisé le questionnaire Body Image Satisfaction Questionnaire, développé par Luther et al., (1986), mentionné par Luther et al., 1990. Pour évaluer les valeurs et les représentations corporelles nous avons utilisé le questionnaire de Rodrigues (1997).

Les résultats de notre recherche, ont révélé que la satisfaction avec l'image corporelle, quand ont a analysé en fonction du sexe, a montré être supérieur dans les individus du sexe masculin dans II et III groupes d'âges (16/17 années et 18/20 années). Cependant, ils ont été montrés plus insatisfait que le sexe féminin, dans la tranche d'âge entre les 14 et les 15 années. Les valeurs supérieures de satisfaction avec l'image corporelle a été vérifié, dans les deux sexes, dans les individus de statut socio-économique plus haut. En rapport à la perception avec la hauteur et le poids, nous avons vérifié que les deux jeunes des deux sexes se perceptionent avec la hauteur et le poids l'idéal. Cependant, le sexe masculin présente le centile supérieur au jeunes filles. Par rapport aux valeurs et représentations corporelles, des quatre dimensions présentées, le corps sain est venu comme le plus important pour les trois groupes d'âge, pour les strates sociales différentes et pour les deux sexes. Dans ce qu'il respecte à l'esthétique/symbolique, les résultats ont démontré que la valorisation de cette dimension est accentuée dans les individus avec les groupes d'âges entre les 16 et les 17 années, dans les deux sexes et appartenant aux hautes classes sociales. Le corps social, a présenté une valeur très proche d'être significatif dans notre travail, a obtenu valeurs supérieures dans les garçons qui appartiennent au II et III groupe d'âges. Cependant, il a été vérifié une dépréciation de ce composant dans la tranche d'âge entre les 14 et les 15 années. La quatrième composant de notre recherche était (corp sensuel), manifestement, la dimension plus déprécié, quoique les jeunes filles présentent des valeurs supérieures par rapport aux garçons, dans le I et II groupes d'âges. Bien que petit, il existe une association, entre la satisfaction avec l'image corporelle et les variables qui rapportent aux valeurs du corps, en révélant différences estatistiquement significatif dans vingt variables.

Par rapport au genres musicales, en fonction du sexe, âge et statuts sócio-económique, la musique pop/rock, a révélé être le favori des individus de notre étude.

Indépendamment du sexe, de l'âge et du statuts sócio-económique, les individus de notre recherche trouvent des difficultés pour s'identifier avec quelques styles et idéales du groupe présenté. Malgré en nombre minorité, il a été vérifié que l'adhésion à une certaine culture, a étè présenté manifestement, dans la tranche d'âge entre les 16 et les 17 années. Les résultats de notre étude, en ce qui concerne au sociabilité, ont montré que les amis de l'école, avec la même tranche d'âge et de les deux sexes, constituent les fondements de la sociabilité, dans les variables sexe, âge et statut sócio-económique.

Les mots clefs: Satisfaction avec l'image corporelle - valeurs et representations corporelles - cultures des adolescentes - adolescence - société

I. INTRODUÇÃO

I. Introdução

1. Considerações preliminares

Uma das características mais peculiares deste século é traduzida pela ideia de mudança. Vivemos numa época onde se verificam grandes transformações, visíveis nos mais diversos sectores da vida social. Portanto, assiste-se a uma clara mudança dos valores fundamentais da sociedade. A razão desta situação, imbrica-se num conjunto interactivo de fenómenos que, segundo Constantino (1993) traduzem uma cultura do tempo livre com origem num quadro social que tem evoluído em torno dos seguintes factores: (I) diminuição da parcela do tempo de trabalho; (II) aumento da escolaridade; (III) antecipação dos tempos de reforma; IV) elevação do bem estar dos cidadãos; (V) alterações na composição do tecido social; VI) segmentações e diferenciações nos estilos de vida.

A sociedade moderna fez surgir uma cultura do tempo livre, onde se projectaram novas necessidades, novos valores sociais e novas aspirações.

A tendência da sociedade vai no sentido da pluralidade, entendida como um alargamento das escolhas individuais, das atitudes e dos estilos de vida.

De igual modo, Gervilla e Lipovetsky falam da pós-modernidade como uma era nova, com novos valores e novas atitudes (Queirós, 2002). Parece existir consenso de que a pós modernidade é um marco caracterizado por uma forma de pensar diferente e de viver, uma nova forma de o homem se entender e entender a sua posição na sociedade, a que Lipovetsky (1994) também chama de sociedade do "pós-dever". A nossa cultura já não é dominada pelos imperativos de dever, mas sim pela felicidade e pelos direitos de liberdade e de realização pessoal (Lipovetsky, 1994).

Da mesma opinião, Pais (1998), num estudo sobre os valores da sociedade portuguesa, observa que são os jovens os que mais se afastam da ética do dever, apologistas de uma ética individual do prazer. Verifica, ainda, que os valores de cunho individualista e hedonista são valores centrais, principalmente para os mais jovens.

Num outro estudo da mesma obra, Ferreira (1998a), reforça a ideia de Pais (1998), ao revelar que os jovens fundamentam a sua vida quotidiana numa ética de diversão, do prazer, da imagem e do lazer.

Num terceiro estudo, ainda, Ferreira (1998b) verifica, uma vez mais, este mesmo quadro de valores em que os jovens dão maior valorização aos tempos de lazer, ao corpo e às actividades físicas, e ainda, à sexualidade.

O contributo de Almeida (1990) também caminha no mesmo sentido, ou seja, a da procura de realização pessoal, da reivindicação de protecção do indivíduo pela sociedade e da valorização da esfera privada e dos lazeres como meios de realização.

Deste modo, percebemos que nas gerações mais jovens predominam os valores individuais em relação às gerações mais velhas, onde, de acordo com Pais (1998), predominam os valores grupais.

A cultura dos tempos livres também teve consequências directas sobre a prática desportiva, fazendo emergir novas práticas corporais que invocam a realização de um ser activo e saudável, onde o corpo adquiriu um novo estatuto ético e cultural (Sobral, 1996).

O corpo surge como uma matéria que é moldável ao sabor dos desejos pessoais, gostos, fantasias e necessidades, ao sabor da moda, podendo ser "feito, construído, adaptado, recriado, modificado e reciclado" (Bento, 1994, pág. 84).

A importância que o corpo vem assumindo, é cada vez mais visível, através do incremento de lugares e espaços

onde ele se transforma, se embeleza, se modifica, como objecto ritualizado, de culto, ou como uma visão meramente estética, ou de incorporação social (Rodrigues, 1997).

De facto, o parecer bem, o estar na moda e ter um corpo de acordo com os padrões de beleza actuais, imperam determinantemente.

A este respeito Garcia (1999) revela-nos que a sociedade de hoje persegue um corpo jovem, magro e belo. É através desta necessidade que cresce toda a indústria cosmética e se desenvolve um conjunto de práticas físicas, passando o corpo a ser o objecto privilegiado de consumo simbólico (Crespo, 1997).

Perante esta 'imposição da sociedade', somos conduzidos para uma imagem corporal e uma 'eternização da juventude'(Pereira, 1999). O valor da imagem corporal é de tal modo importante, que não basta gostar do que se vê reflectido no espelho. É conveniente que seja uma imagem aprazível ao olhar das outras pessoas.

Neste âmbito, Barbosa (2001) assinala a existência de uma relação entre a imagem corporal e a aparência e beleza física. Mas este conceito é muito mais do que isso. Garner (1997) define-a como a representação mental de nós mesmos. É o que permite contemplarmo-nos, influenciando muitos dos nossos comportamentos, a nossa auto-estima e, até mesmo, a possibilidade de desenvolver psicopatologias. Schilder (1935), pioneiro nesta temática, definiu a imagem corporal como a maneira de vermos o nosso corpo. Isto é, o desenho que formamos na nossa mente, do nosso próprio corpo. O autor sustenta que ela pode alterar-se no decorrer do tempo, dependendo das situações, podendo ser influenciada por um conjunto de experiências sensoriais. O autor, põe em relevo que, forças sociais e culturais também contribuem para a formação do conceito individual da imagem corporal.

Deste modo, a imagem corporal passa a constituir um conceito mais complexo e, unanimamente, vários autores consideram-na multidimensional (Schilder, 1968; Tucker, 1985; Fisher, 1986 e Cash e Pruzinsky, 1990).

Têm sido apontados factores biológicos, sociais e interpessoais como tendo um grande impacto na formação da imagem corporal. A maioria da investigação sobre esta temática, relaciona-se directamente com perturbações alimentares. Não obstante, são vastos os estudos que confirmam grandes preocupações com o peso, mormente entre as camadas mais jovens. Estes adolescentes sobrestimam, constantemente, o tamanho e formas corporais, afirmando-se insatisfeitos com o seu corpo, recorrendo, muitas vezes, ao exercício físico em excesso (Cash, 1991; Cash e Henry, 1995 e Slade, 1994).

A adolescência é um período da vida marcado por grandes transformações físicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Segundo Erikson (1968, citado por Vasconcelos, 1995), a adolescência é o período do "*stress*", da turbulência , da construção da personalidade.

O corpo desempenha um papel fundamental na adolescência, pois, além de ser acompanhado por rápidas transformações e crescimento, é central no relacionamento interpessoal, nomeadamente com os pares. É um período de intensa sociabilidade.

Essas mudanças corporais trazem, por vezes, problemas e complexos, alterando a sua imagem corporal (Jacob, 1994).

É de todo importante e necessário conhecer melhor os jovens, saber o que pensam de si mesmos. O presente estudo pretende ser um contributo para o conhecimento dos jovens, da sua imagem corporal, bem como das relações que possam existir entre esta e os valores do corpo que a sociedade actual impõe.

2. Justificação e apresentação do trabalho

Este estudo visa explorar uma possível relação entre os valores e representações actuais do corpo e a satisfação com a imagem corporal dos adolescentes e jovens.

Pretende-se estudar como é que os adolescentes e jovens adultos se sentem com o seu próprio corpo e com as pressões sociais que apelam para a obtenção de um corpo jovem, magro e belo.

O facto de lidar diariamente com o corpo de adolescentes, enquanto professora da disciplina de Educação Física, disciplina esta que constitui um conjunto de práticas especializadas que contribuem para a construção social do corpo, aumentou o interesse pelo conhecimento dos valores corporais que os alunos têm, e a relação destes com a imagem corporal.

A instituição escola é um local onde estes processos podem ser trabalhados de forma institucional, constituindo-se como um dos principais contextos de aprendizagem social (Alves, 1999 e Queirós, 2002).É um lugar, por excelência, de transmissão e aquisição de saberes, um espaço social onde se combinam diferentes lógicas de acção, através de um processo de interacção constante entre os projectos e as aspirações individuais e os elementos de um sistema educativo.

Sendo a escola o nosso contexto, mais particularmente, a Educação Física, tornou-se o local de eleição para estudar a possível relação existente entre os valores e representações do corpo e a satisfação com a imagem corporal.

A opção da faixa etária, deveu-se, essencilamente, ao facto de "a adolescência ser, por excelência, o tempo do e para o corpo" (Rodrigues, 1997). É uma fase da vida em que a corporalidade ganha uma nova dimensão. O corpo é

utilizado como o meio de comunicação privilegiado para as relações interpessoais e na aquisição de um estilo próprio e personalizado, aproximando ou afastando-se das imagens identificadoras das (sub)culturas juvenis(Rodrigues, 1997).

O corpo desempenha um papel fundamental na adolescência, pois além de ser acompanhado por rápidas transformações e crescimento, é central no relacionamento interpessoal, nomeadamente com os pares, que substituem a relação com os pais. É um período de intensa sociabilidade, em que as normas vigentes no grupo de pares e as expectativas sociais preponderam no desenvolvimento do auto-conceito (Pritchard, King e Narins, 1997, citado por Barbosa, 2001).

As modificações corporais resultantes da puberdade, sugerem ao adolescente uma alteração da imagem corporal. Muitos adolescentes não conseguem adaptar-se à sua nova imagem, podendo resultar numa inadequação entre o corpo ideal e o corpo real.

A construção da imagem corporal pode ser influenciada por diversos factores, entre os quais se destaca: o ritmo da maturação pubertária; as relações familiares; os estereótipos sociais; a origem étnica e cultural, etc.(Vasconceles, 1995).

A satisfação com as partes do corpo e a preocupação com o peso são aspectos importantes para os adolescentes. O ideal cultural, no que respeita à elegância feminina e ao mesomorfismo masculino, parece estar bem incorporado nos indivíduos deste escalão etário (Phelps e Bajorek, 1991, citado por Vasconceles,1995).

Para percebermos, melhor, o conceito de imagem corporal, recorremos à definição dada por Fowler (1989). O autor afirma que ela é a representação mental que o indivíduo possui do seu próprio corpo. É um constructo dinâmico, personalizado, subjectivo, que difere de pessoa

para pessoa e, que pode ser influenciado a partir das experiências pessoais e influências exteriores, a destacar: as pressões socioculturais; psicológicas e fisiológicas; como centrais nos distúrbios sobre a imagem corporal (Schilder, 1968).

O tempo dispendido e os esforços realizados para melhorar a aparência física, confirmam a elevada importância que a imagem corporal assume na actualidade. As pessoas tentam, através do vestuário, de produtos cosméticos, de tatuagens e piercings e até mesmo da cirurgia plástica, ir ao encontro da imagem corporal ideal (Vasconcelos, 1995).

Perante o exposto, parece-nos pertinente conhecer melhor os nossos jovens, os nossos alunos, no sentido de os podermos ajudar a conhecerem-se melhor e a sentirem-se bem consigo próprios e com os outros.

A investigação sobre esta temática, confirma que a satisfação com a imagem corporal varia, entre outros aspectos, com o sexo; com a idade; com a etnia; com o estatuto sócio-económico e com a prática desportiva.

Pesquisas efectuadas sobre a satisfação e a percepção com a imagem corporal, têm demonstrado que existe variação em função do sexo. Isto é, o sexo feminino apresenta maior insatisfação com a imagem corporal que o sexo masculino (Cash e Pruzinsky, 1990; Dinis, 1996 e Abrantes, 1998). Segundo Araújo (2001), uma das possíveis causas para esta tendência, é a existência de um conjunto de factores sociais e pessoais, em que a mulher magra é fortemente socializado, definido como elegância, juventude e atracção social.

Vários estudos apontam para o facto das preocupações com a forma e aparência física variarem com a idade (Fowler, 1989; Maloney et al.,1989 e Jacob, 1994).

Para Cohn e Adler(1996, citado por Simões, 2002b), a idade encontra-se associada aos diferentes ideais de imagem corporal. À medida que a idade aumenta, os ideais orientam-se mais no sentido de um corpo magro, influenciando, deste modo, a satisfação com a imagem corporal das populações mais adultas.

Com resultados opostos, os autores Schwartz (1982, citado por Fisher, 1986), Berscheid et al. (1973, citado por Fisher, 1986) e Festas (2002), não encontraram diferenças significativas em relação à idade.

O estatuto sócio-económico parece também influenciar a maneira como os adolescentes percepcionam a imagem que têm do seu corpo. StunKard et al.(1972, citados em Levinson et al.,1986) afirmam que a obesidade é mais comum nos indivíduos de estatuto sócio-económico baixo. Provam, ainda, que os indivíduos de estratos sociais médios e elevados, revelam uma preocupação na procura da elegância ou mesmo da excessiva magreza.

À medida que o indivíduo rico se torna magro e em forma, o corpo torna-se um modo de distinguir a classe alta da classe baixa (Fallon, 1990).

A preocupação com a imagem corporal é mais acentuada nas mulheres com estatuto social elevado e com uma carreira do que nas mulheres sem projecto de carreira (McAuley et al, 1995).

No que respeita à prática de actividade física, os benefícios obtidos são extensos, salientando-se, entre outros: a melhoria da imagem corporal; o aumento da autoconfiança e da auto-estima; as alterações positivas no humor, a diminuição da tensão, a depressão e ansiedade; a melhoria do bem-estar psicológico, a clareza de pensamento e o aumento do prazer no exercício e nos contactos sociais (Cruz et all, 1996 e Serpa, 1993).

De referir que a prática de actividade física, além de aumentar os índices de satisfação com o corpo, contribui, igualmente, para uma avaliação mais objectiva da imagem corporal (Araújo, 2001).

Neste contexto, o corpo, instrumento fundamental das representações sociais, não pode deixar de merecer um cuidado particular.

À guisa de conclusão, pretende-se verificar a relação que existe entre os valores referenciados ao corpo e a satisfação coma imagem corporal, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico e ver, até que ponto, se verifica, ou não, uma associação entre estes dois aspectos.

O presente estudo encontra-se estruturado em três partes fundamentais. A primeira parte, é dedicada ao que consideramos ser o enquadramento teórico da nossa investigação. Denominada de revisão da literatura, propomos uma breve passagem pelos aspectos relacionados com a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo, assim como a relação entre os dois.

A selecção de um método é uma tarefa importante, uma vez que, é através dele que se organizam, criticamente, as práticas de investigação, no intuito da melhor opção (Costa, 1986, citado por Queirós, 2002). É uma estratégia integrada na pesquisa, dedicada à explicação pormenorizada e exaustiva de um conjunto de procedimentos efectuados, para tornar intelegível uma panóplia de dados obtidos dos indivíduos em estudo. Constituirá, assim, a segunda parte do nosso trabalho.

Após a leitura dos dados, o cruzamento de concepções e ideias anteriores com as nossas, consolidar-se-ão na terceira parte desta pesquisa, servindo de base às reflexões finais.

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

II. Revisão bibliográfica

1. IMAGEM CORPORAL

1.1. Conceitos e percursos

Schilder (1935), foi um dos primeiros investigadores que fez referência à imagem corporal, definindo-a como a forma como vemos o nosso corpo, ou ainda, o desenho que formamos na nossa mente, do nosso próprio corpo. O autor revela que a imagem corporal se altera ao longo do tempo e conforme variadas situações, sendo influenciada por um conjunto de experiências sensoriais.

Não obstante a análise da imagem corporal sob o ponto de vista fisiológico e psicológico, Schilder (1968) põe em relevo que, forças sociais e culturais também contribuem na formação do conceito individual da imagem corporal. Deste modo, a imagem corporal passa a constituir um conceito mais complexo e multidimensional (Schilder, 1968; Tucker, 1985; Fisher, 1986 e Cash e Pruzinsky, 1990).

Contudo, existe, ainda, uma falta de uniformidade na definição operacional de 'imagem corporal', tendo sido referida, entre outras definições como 'esquema corporal', 'modelo postural do corpo', 'corpo percebido 'consciência corporal'(Fisher, 1990).

Um dos poucos teóricos que tentou definir operacionalmente a 'imagem corporal', foi Bennett (1960, citado por Fisher, 1986), afirmando que o indivíduo comum faz uma avaliação do quanto atractivo o seu corpo é, desenvolve um conceito sobre a quantidade de espaço que ele ocupa, formula conclusões sobre a força do seu corpo e até onde ele pode ser molestado e decide, até que ponto, o seu corpo apresenta padrões de masculinidade ou de feminilidade.

Do ponto de vista anatómico e biomecânico, surgem Mezzetti e Pistoletti (1988, citados por Vasconcelos, 1995). Os autores consideram a imagem corporal como sendo a representação que um indivíduo faz do seu próprio corpo e das suas diferentes partes. Este conceito implica o conhecimento da estrutura física, do movimento, das funções do corpo e das posições que o corpo toma relativamente aos outros e aos objectos.

Numa perspectiva mais psicológica, surge Algan (citado por Cash e Pruzinsky, 1990), definindo a imagem corporal como sendo a percepção de si mesmo enquanto entidade autónoma, diferente do seu envolvimento e sem juízos de valor positivo ou negativo.

Para Fowler (1989), a imagem corporal é a representação mental que o indivíduo possui do seu próprio corpo. Ou seja, o resultado das percepções conscientes e inconscientes, das atitudes e dos sentimentos que o sujeito tem perante o seu corpo, ao longo da sua existência e de acordo com a própria experiência corporal. Por outras palavras, a imagem corporal é uma representação avaliativa centrada no corpo, que inclui experiências de conforto ou desconforto, satisfação ou insatisfação (Fisher, 1986; Cash e Brown, 1987 e Cash e Brown, 1989).

A imagem corporal é considerada uma experiência subjectiva, altamente personalizada. A percepção e a experiência corporal, muitas vezes, não correspondem ao corpo real(Cash e Pruzinsky, 1990). Esta ideia é evidente nos vários estudos efectuados, de entre os quais, passamos a destacar: 'evolução individual da aparência pessoal' (Cash, 1990), 'as perturbações alimentares'(Fallon et al., 1990, citados por Cash e Pruzinsky, 1990), 'outras formas de psicopatologias' (Pruzinsky, 1990) e a 'utilização de produtos cosméticos '(Pruzinsky e Edgerton, 1990). Na

maioria destas pesquisas, verifica-se uma imagem distorcida da imagem corporal real.

Fisher (1986) prossegue com a ideia de que não pode existir um termo singular para a imagem corporal. Ela é multifacetada. Shontz (1974, citado por Fisher, 1986) descreve sete funções utilizadas na construção da imagem corporal, sendo elas: registo sensorial, instrumento de acção, fonte de energia, auto-estímulo, estímulo para os outros, um mundo privado e um instrumento expressivo.

Segundo Fallon (1990), a imagem corporal não é somente o retrato que o sujeito percepciona sobre o seu próprio corpo, mas também a forma como outros sujeitos o vêem. Portanto, além das representações mentais, as reacções dos outros à aparência do corpo do indivíduo influenciam o desenvolvimento da imagem corporal (Fisher, 1986).

Foi no âmbito das perturbações alimentares que o conceito da imagem corporal se tornou alvo de particular interesse, não só académico, mas também popular e social. De referir estudos levados a cabo por Thompson et al. (1990), os quais evidenciaram a existência de uma imagem corporal distorcida, como aspecto fulcral da sintomatologia da anorexia nervosa. No entanto, outras pesquisas têm revelado que, indivíduos sem distúrbios alimentares, também possuem uma visão desadaptada da sua imagem corporal, particularmente as mulheres, que sempre revelaram bastante preocupação com a sua aparência (Cash e Pruzinsky, 1990; Dinis, 1996 e Abrantes, 1998).

Outra definição importante, é-nos dada por Sobral (1995). Este autor considera a imagem corporal não apenas a imagem do nosso corpo, dimensões e formas, peso e textura, mas também uma elaboração constante, dos quais fazem parte os nossos sentimentos, atitudes, valores, modelos e opiniões, vigentes num determinado contexto.

Perante o exposto, concluímos, como Araújo (2001) que a imagem corporal é um conceito dinâmico, personalizado e subjectivo. Varia de pessoa para pessoa, de acordo com as experiências pessoais e a intervenção de numerosas influências exteriores.

1.2.Percepção da imagem corporal

Em geral, os investigadores estudam os dois aspectos da imagem corporal: (i) aspecto perceptivo, também designado como a percepção do tamanho (estimativa do tamanho corporal) e (ii) aspecto subjectivo, que inclui atitudes acerca do tamanho, peso, partes corporais e aparência física geral (Cash e Brown, 1987, citados por Cash e Pruzinsky, 1990).

Thompson e Thompson (1986) referem que, para uma investigação mais completa e eficaz da imagem corporal, devem ser utilizadas as duas medidas, a perceptiva e a subjectiva.

A percepção da imagem corporal, como componente objectiva, caracteriza-se pela delimitação do tamanho das várias partes corporais (Festas, 2002). Este conceito surgiu com Fisher (1986), após ter verificado que vários indivíduos descreviam os seus limites corporais com determinação e firmeza.

No entanto, uma perturbação neurológica ou psicológica pode originar distúrbios da imagem corporal, levando muitas vezes, a alterações alimentares (anorexia ou bulimia) e consequentemente as perturbações na percepção da imagem corporal. A confirmar isso, Bruch (1962, citado por Fisher, 1986), com as suas pacientes anoréxicas, verificou a existência de grandes distúrbios na percepção da imagem

corporal, apresentando as pacientes uma sobrestimação do tamanho corporal.

Shontz (1969, citado por Fisher, 1986), efectuou uma investigação sobre a percepção do tamanho corporal. O autor constatou que as raparigas têm tendência para sobrestimar a largura da cintura e, quando comparados os dois sexos, verificou que as raparigas apresentam uma ligeira diferença para minimizar o tamanho das partes corporais relativamente aos rapazes.

Num estudo efectuado por Furlong (1977, citado por Fisher, 1986), o autor verificou que as mulheres idosas têm tendência para subestimar o seu tamanho, enquanto que as mulheres de meia idade sobrestimam o seu tamanho corporal. Concluiu na análise da sua pesquisa que os homens revelaram-se mais estáveis ao longo da idade no que concerne à estimativa do tamanho corporal.

No estudo realizado por Kreitler e Kreitler (1988), em duzentos e quarenta indivíduos (dos quatro aos trinta anos), verificou-se que, ao longo da idade, existia uma diminuição das diferenças encontradas entre o valor percepcionado e o valor real. Os autores sugerem que a percepção do tamanho tende a ser cada vez mais real no decorrer da idade.

1.3.Satisfação com a imagem corporal

De acordo com Cash (1985, citado por Cash e Pruzinsky, 1990), o nosso corpo é formado sobre três domínios somáticos: (i) aparência física, (ii) condição física e (iii) saúde. Cada um deles é avaliado numa dimensão individual.

Um estudo realizado por Jourard e Secord (1954, citados por Bruchon-Schweitzer, 1990) revelou que a insatifação com a imagem corporal dos homens e das mulheres difere, nomeadamente, quando analisadas, mais detalhadamente as várias partes corporais. Os autores verificaram que, enquanto os homens estavam mais insatisfeitos com a parte superior do tronco, nomeadamente as omoplatas e deltóides, as mulheres apresentavam maiores níveis de insatisfação com a parte inferior do tronco, a destacar: abdómen, ancas e coxas.

Existe uma ideia clara de que a valorização cultural do corpo feminino é muito maior a do corpo masculino. Daí que as mulheres tendam a sentir-se mais insatisfeitas com a sua imagem do que o sexo oposto (Berscheid et al., 1973, citados por Bruchon-Schweitzer, 1990). Não obstante, essa tendência tende a diminuir, uma vez que os valores corporais começam a ser mais valorizados também para o sexo masculino. Esta modificação é notável nos valores da sociedade actual, quer através da comunicação social, como também nas imagens de beleza e atracção física com que a sociedade convive constantemente. Estas imagens levam à construção de juízos errados, criando comportamentos inadequados e, na maioria das vezes, muito pouco saudáveis. Este facto verifica-se já em crianças, que se consideram com excesso de peso, avaliando o seu corpo negativamente, conduzindo, muitas vezes, a desordens alimentares. A confirmar esta opinião, Seligman (1987, citado por Cash e Pruzinsky, 1990) realizou um estudo com crianças e verificou que, mais de metade, consideravam-se com excesso de peso. Contudo, apenas 15% se encontrarem nessas condições. O autor concluiu que a componente psicológica tem mais peso do que a componente física propriamente dita.

Nos estudos que envolvem indivíduos de ambos os sexos, as mulheres têm revelado níveis de satisfação com a imagem corporal inferiores aos dos homens, nomeadamente no que respeita ao peso (Fisher, 1986; Cash e Pruzinsky, 1990 e Lutter et al., 1990). Contudo, Morris (1985, citado por Cash, 1990) refere que tantos os indivíduos do sexo masculino como os do sexo feminino, recorrem a cosméticos ou cirurgias para alterar a sua aparência física e assim aumentar a satisfação com a imagem corporal.

De um modo geral, os estudos demonstram que os indivíduos do sexo feminino apresentam valores de satisfação com a imagem corporal inferiores aos do sexo masculino.

1.4. Imagem corporal na adolescência

A adolescência é um período da vida marcado por grandes transformações físicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Segundo Erikson (1968, citado por Vasconcelos, 1995), a adolescência é o período do *stress*, da turbulência , da construção da personalidade.

Os jovens na adolescência sofrem mudanças significativas a vários níveis, sendo o aspecto corporal um dos que mais se altera e se revela fundamental perante o jovem e os que o rodeiam (Jacob, 1994).

No entender de Vasconcelos (1995), as alterações corporais mais relevantes aquando do processo de maturação pubertária radicam, muitas vezes, numa imagem diferente do seu corpo. Isto é, a resistência à mudança, a incapacidade ou dificuldade em produzir uma nova imagem de si e em se adaptar à mesma, podem induzir um sentimento negativo ou inadequado entre o corpo imaginário (ideal) e o corpo real.

O corpo desempenha um papel fundamental na adolescência, pois, além de ser acompanhado por rápidas transformações e crescimento, é central no relacionamento interpessoal, nomeadamente com os pares. É um período de intensa sociabilidade, em que as normas vigentes no grupo de pares e as expectativas sociais têm uma importância acrescida no desenvolvimento do auto-conceito (Pritchard et al., 1997, citados por Barbosa, 2001).

Tais mudanças corporais trazem, por vezes, problemas e complexos, alterando, muitas vezes, a imagem corporal do adolescente (Jacob, 1994), uma vez que é nesta faixa etária que se iniciam relacionamentos com o sexo oposto, aumentando assim o contacto físico e, portanto, a exposição do corpo à avaliação dos outros (Cauffman e Steinberg, 1996, citados por Barbosa, 2001), a preocupação com a aparência física torna-se evidente e central nos adolescentes. Com efeito, comportamentos diferentes, envolvendo restrições da participação em actividades que implicam a exposição do corpo, comportamentos de camuflagem que prejudicam as interacções sociais e o evitar relacionamentos com o sexo oposto, constituem estratégias utilizadas pelos adolescentes para lidar com uma imagem corporal negativa (Gaspar, 1999).

Vasconcelos (1995) afirma que, neste período de vida, a transformação da imagem corporal depende de variados factores, destacando-se os seguintes: o ritmo da maturação pubertária, as atitudes perante o sexo, a natureza das relações familiares, as interacções sociais, a origem étnica e cultural, etc.

A autora salienta, ainda, que os adolescentes se sentem inquietos no que concerne à insatisfação com o seu próprio corpo e, como factor central, a preocupação com o peso.

De acordo com o explanado anteriormente, a imagem corporal é a avaliação subjectiva do nosso próprio corpo, formado pela nossa mente (Schilder, 1968). Não é um fenómeno estático. Modifica-se progressivamente desde o nascimento, sendo influenciado pelas interacções com o envolvimento familiar e a sociedade.

A satisfação com a imagem corporal influencia o comportamento do sujeito, particularmente, ao nível das relações interpessoais (Fisher, 1986).

Cash (1990) afirma que a estética e a aparência corporais, afectam o modo como os outros indivíduos nos vêem e a forma como podemos ser tratados.

Deste modo, quando o adolescente entra na puberdade, espera-se que desenvolva uma imagem corporal positiva e estável, aceitando as mudanças anatómicas (Vasconcelos, 1995).

1.5. A imagem corporal e os seus campos de associação

1.5.1. Imagem corporal e sexo

O sexo tem sido reconhecido, por vários autores, como uma variável fundamental na satisfação com a imagem corporal (Thompson, 1996; Cash e Pruzinsky, 1990; Thompson et al., 1990; Jacob; 1994; Dinis, 1996; Abrantes, 1998 e Gaspar, 1999).

Dada a vasta investigação existente sobre esta temática, optou-se por fazer um reforço às principais diferenças encontradas entre os rapazes e as raparigas, apenas no período da adolescência.

Vários autores apontam para o facto de, as raparigas apresentarem uma maior preocupação e insatisfação com o seu corpo do que os rapazes. Com efeito, investem mais na sua

aparência física (Silberstein et al., 1988; Cash e Brown, 1989; Cash e Henry, 1995; Dinis, 1996; Thompson, 1996; Garner, 1997; Abrantes, 1998 e Gaspar, 1999). Por conseguinte, demonstram-se insatisfeitas com a sua imagem corporal, uma vez que, referem ter mais peso do que aquele que desejavam. Constata-se, ainda, que os estereótipos da imagem corporal são mais distorcidos relativamente ao sexo oposto (Cash e Brown, 1989 e Garner, 1997).

Esta insatisfação com a imagem corporal, por parte das raparigas, inicia-se sobretudo a partir da adolescência (Clifford, 1971; Lerner et al., 1976 e Snyder e Kivlin, 1975, citados por Fisher, 1986).

Rolls et al.(1991, citados por Ingledew e Sullivan, 2002), encontraram diferenças entre os dois sexos, quanto à satisfação com o peso corporal e a forma do corpo (querem perder peso e ficar magras). Verificaram, ainda, que as raparigas recorrem à dieta e sofrem de distúrbios alimentares mais frequentemente do que o sexo oposto. De ressaltar, que estas diferenças surgem no período da adolescência (Ingledew e Sullivan, 2002).

Uma das razões apontadas para tais diferenças, consiste no facto de o ectomorfismo ser considerado o ideal corporal feminino mais atractivo (Staffieri, 1972, citado por Fisher, 1986).

Fisher (1986) compilou vários estudos sobre a relação existente entre a imagem corporal e as diferenças entre sexos. Concluiu que as raparigas parecem ser mais críticas à sua aparência (consideram-se mais gordas) do que os rapazes. Aquelas, experienciam mais desordens alimentares (Fallon et al., 1990, citados por Cash e Pruzinsky, 1990)) e, também direccionam-se mais para a utilização de produtos cosméticos (Pruzinsky e Edgerton, 1990).

De facto, as raparigas parecem aprender, desde cedo, que a sociedade valoriza uma aparência bela, um corpo magro, aceitando muito dificilmente um corpo que não corresponda a esse ideal (Barbosa, 2001).

No que concerne aos rapazes adolescentes, é de realçar um estudo efectuado por Conner et al. (1996), em cento e vinte e oito adolescentes de 11 anos e cento e três dos 12 aos 14 anos de idade. Os autores verificaram que, apesar de os rapazes apresentarem maior satisfação com o seu corpo e serem menos propensos a dietas do que as raparigas, existiam diferenças etárias significativas quanto à estima corporal. O grupo dos 13 anos demonstrava menos satisfação com as formas e o peso corporal do que o grupo de 11 anos, o que sugere que os rapazes, tal como as raparigas, estão mais insatisfeitos com a sua imagem corporal aquando das transformações físicas associadas à puberdade (Barbosa, 2001).

A maioria dos homens deseja um corpo de formas mesomórficas, levemente musculado, em relação ao tipo ectomórfico ou endomórfico. Este ideal masculino é interiorizado desde muito cedo, o que sugere que as pressões culturais e sociais também afectam este sexo (Tucker, 1982 e Silberstein et al., 1988).

De todo o modo, a investigação tem sido bastante unânime, ao considerar as mulheres mais insatisfeitas do que os homens, ao longo do seu desenvolvimento, talvez devido às constantes pressões dos *média* para uma imagem jovem, magra e bonita. Contudo, a imagem corporal é tão importante para as raparigas como para os rapazes adolescentes que, por sua vez, parecem compartilhar os mesmos ideais e discursos corporais que a sociedade impõe.

1.5.2. Imagem corporal e idade

A satisfação com a imagem corporal parece variar com a idade e com o estádio de maturação do indivíduo (Fallon, 1990).

Fowler (1989), argumenta que, ao longo do desenvolvimento pubertário, os adolescentes revelam-se mais preocupados com as medidas corporais. Esta atenção dada à aparência e formas corporais variam em função da idade dos indivíduos.

Os adolescentes parecem interpretar e interiorizar os ideais das imagens corporais de uma forma muito rígida. No entanto, a investigação tem revelado que tais preocupações corporais iniciam-se antes da adolescência. Portanto, crianças de 7, 8 e 9 anos de idade, já apresentam o desejo de emagrecer, demonstrando insatisfação com o seu peso e formas corporais (Rolland et al., 1997; Gardner et al., 1999; Kostanski e Gullone, 1999 e Tiggemann e Pennington, 1990, citados por Barbosa, 2001 e Maloney et al., 1989).

Maloney et al. (1989), realizaram um estudo com trezentos e dezoito crianças dos 7 aos 13 anos, acerca dos comportamentos de dieta e atitudes perante a alimentação. Os resultados apresentados evidenciaram que, 45% das crianças queriam ser mais magras e, 37% já tinham tentado perder peso. Do total da amostra, 6,9% foi diagnosticada com anorexia.

Os autores concluíram que a preocupação com a dieta, mais evidente na adolescência, pode-se iniciar no 1° ciclo do ensino básico e que aumenta com a idade.

Jacob (1994) efectuou um estudo com sessenta indivíduos, trinta com 13 anos e trinta com 15 anos de idade. Verificou, igualmente, que os valores da imagem corporal

pioram significativamente com a idade, dos 13 para os 15 anos, em ambos os sexos.

Schwartz (1982, citado por Fisher, 1986) assegura o facto de a idade não estar associada à insatisfação com a imagem corporal.

Berscheid et al.(1973, citados por Fisher, 1986) também não encontrou diferenças significativas relativamente à idade.

Howe (1973, citado por Fisher, 1986) verificou um aumento na satisfação corporal em mulheres com idades compreendidas entre os 60-70 anos de idade, comparativamente com outras mulheres cujas idades se situam nos 25-35 anos e 45-55 anos.

Para Cohn e Adler (1996, citados por Simões, 2002b), a idade encontra-se associada com os diferentes ideais de imagem corporal. À medida que a idade aumenta, os ideais orientam-se mais no sentido de um corpo magro, influenciando deste modo, as populações mais adultas.

Trinta mil sujeitos, do sexo feminino, foram estudados por Cash e Brown (1989), com o intuito de verificar que a idade influencia as atitudes sobre a sua imagem corporal. Confirmaram os autores que as jovens de 20 anos demonstravam maior preocupação com o seu aspecto corporal. À medida que a idade avançava, a preocupação com a aparência decrescia, embora não apresentassem decréscimo na imagem corporal. Os autores concordam em justificar esta tendência com o facto de, à medida que as pessoas envelhecem, alterarem os seus padrões de vida e os seus ideais de imagem corporal.

As mulheres mais velhas parecem ter ideais de beleza físicos mais reais, adequados às suas idades, quando comparados com as mais jovens (Barbosa, 2001).

Em jeito de conclusão, a insatisfação corporal parece caracterizar as mulheres de todas as idades. Do mesmo modo, não se verificam diferenças quanto à preocupação com a aparência corporal, no sexo masculino, parecendo indicar que os homens mais velhos, se encontram tão satisfeitos com o seu corpo, como os mais jovens.

1.5.3. Imagem corporal e estatuto sócio-económico

Segundo Vasconcelos (1995), o indivíduo com uma estatura alta, pode representar uma 'qualidade' económica. Isto é, pesquisas realizadas por Turner (1984) apontam para o facto de, indivíduos com estatura baixa receberem salários inferiores aos indivíduos altos. De referir, ainda, que os sujeitos baixos apresentam menor propensão para serem admitidos em primeiro lugar num emprego, apesar de todos os candidatos possuírem as mesmas qualificações.

Do exposto, conclui-se, tal como Bogin (1988, citado por Vasconcelos, 1995), que os indivíduos mais altos tendem a subir no estatuto sócio-económico e, os indivíduos mais baixos tendem a descer ou a manter-se no mesmo estatuto, independentemente da classe social. O que sugere, que existe uma forte tendência social que privilegia os sujeitos de estatura alta, podendo contribuir para a sua ascensão na classe social.

Levinson et al.(1986) argumenta que a imagem corporal pode ser influenciada, entre outros factores, pelo estatuto sócio-económico.

Após a realização de um estudo sobre a influência do estatuto sócio-económico, em relação à forma como os adolescentes encaram o seu próprio peso, os autores atrás aflorados, verificaram que as raparigas de classe social superior apresentam maior tendência para se sentirem com

excesso de peso e os rapazes, pelo contrário, mais elegantes.

Stunkard et al.(1972, citados por Levinson et al., 1986), constataram que a obesidade é mais visível nos sujeitos de estatuto sócio-económico mais baixo, verificando o inverso para os indivíduos de estatuto sócio-económico médio e elevado. Os sujeitos revelaram inquietação constante na procura da elegância, da magreza e, o recurso a dietas mais frequentes.

Assim, o estatuto sócio-económico parece também variar na forma como os adolescentes encaram o seu corpo, influenciando, de certo modo, na imagem corporal (Levinson et al., 1986 e Vasconcelos, 1995).

McAuley et al.(1995) referem que a preocupação com a imagem corporal é mais acentuada nas raparigas com estatuto social elevado e com uma carreira profissional, do que propriamente nas mulheres sem projecto de carreira.

No entanto, estudos efectuados por Batista (1995) e Robinson et al. (1996), não revelaram nenhuma associação significativa entre o estatuto sócio-económico e a satisfação com a imagem corporal.

Assim, as pressões para ser mais magro, parecem estar incorporadas em todas as classes sociais (Featherstone, 1991), fazendo crer que os diferentes níveis sócio-económicos (baixo, médio e alto)partilham os mesmos ideais físicos e de beleza (Wells e Sieger, 1961, citados por Barbosa, 2001).

Fisher (1986) afirma que os indivíduos com estatuto sócio-económico mais baixo, se apresentam mais insatisfeitos com o seu aspecto corporal.

Fallon (1990) assevera que o corpo, com ou sem vestuário, tem vindo a tornar-se um meio de distinção entre classes sociais mais baixas e as mais elevadas. A

justificação para este facto, imbrica-se na hipótese que Barbosa (2001) nos sugere, de que as classes sociais mais altas investem mais tempo e dinheiro na sua aparência, pois os seus recursos económicos assim o possibilitam.

1.5.4. Imagem corporal e actividade física

Cada vez mais podemos constatar que as pessoas recorrem à prática do exercício físico e da actividade física, como um meio de melhoria dos níveis de saúde, bem estar físico, mental e social, em face das novas exigências e pressões colocadas pela sociedade moderna, caracterizada por novas tecnologias e por novas formas de pressão e stress (Cruz et al., 1996).

Deste modo, na opinião de Batista (1995), a actividade física começa a ser considerada como um aspecto fundamental da actividade humana.

Uma crença comum é a de que a actividade física apropriada pode auxiliar no desenvolvimento, sendo o indivíduo influenciado sob o ponto de vista social, físico e psicológico.

São múltiplos os benefícios psicológicos individuais obtidos através da actividade física: melhoria da auto-imagem e bem estar; aumento da auto-confiança e do estado de vigília; alterações positivas no humor, diminuição da tensão, depressão e ansiedade; aumento do prazer no exercício e nos contactos sociais (Serpa, 1993).

Assim, a actividade física parece apresentar-se como a avenida óbvia a seguir para a obtenção dos maiores níveis de satisfação com a imagem corporal.

Em Portugal, foram realizados vários estudos sobre a relação existente entre a satisfação com a imagem corporal e a prática de actividade física.

Com um total de noventa indivíduos, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 17 e os 25 anos de idade, Dinis (1996) pretendeu estudar a satisfação com a imagem corporal e a motivação para as actividades desportivas. Verificou que os indivíduos do sexo feminino estavam mais motivados para a prática de actividade física para manterem a forma, enquanto que os indivíduos do sexo masculino tinham como objectivo desenvolverem as habilidades técnicas e atingirem um bom nível desportivo.

Num estudo realizado por Oliveira (1996), sobre os efeitos da ginástica aeróbica na imagem corporal e auto-conceito das mulheres, verificou-se que, após um programa de ginástica aeróbica (22 semanas/2 aulas por semana), a insatisfação teve uma diminuição estatisticamente significativa, o que leva a autora a supor que o exercício tenha um efeito positivo na satisfação com a imagem corporal.

Abrantes (1998), também efectuou um estudo com duzentos e cinquenta e seis sujeitos, sobre a variabilidade da satisfação com a imagem corporal e da expressão da auto-estima, em indivíduos entre os 45 e os 65 anos, de ambos os sexos, praticantes e não praticantes de actividade física. Concluiu que, apenas no sexo feminino, a prática de actividade física surgiu associada à satisfação com a imagem corporal. Ou seja, as mulheres praticantes de actividade física apresentaram níveis de satisfação com a imagem corporal significativamente mais elevados do que as mulheres não praticantes.

Recentemente, no estudo de Alves (2003), que teve por objectivo investigar a percepção e a satisfação com a

imagem corporal em indivíduos com o diagnóstico de esquizofrenia, praticantes e não praticantes de actividade física, constatou-se que, somente nos indivíduos do sexo masculino a prática de actividade física estava significativamente associada a níveis mais elevados de satisfação com a imagem corporal.

Os autores foram unânimes em sugerir que a prática de actividade física contribui de forma significativa para a melhoria da imagem corporal.

Não obstante, a actividade física não surgir associada à satisfação com a imagem corporal, num estudo efectuado por Araújo (2001), verificou que o grupo de não praticantes de exercício físico apresentou níveis de SIC mais elevados do que o grupo de praticantes de actividade física. Do mesmo modo, Jacob (1994) também não confirmou nenhuma relação entre imagem corporal e actividade física.

Neste âmbito, foram efectuadas investigações noutros países, revelando novamente, que a actividade física contribui para a melhoria da satisfação com a imagem corporal (Çok, 1990; Richard et al., 1990 e Davis e Cowles, 1991).

Num estudo levado a cabo por Thomas e James (1988), com cento e trinta e nove homens, participantes em corridas de maratona, os autores verificaram que estes se encontram mais satisfeitos com a sua aparência do que a maioria dos homens da sua idade. Os autores sugerem que estes resultados provêm dos efeitos do exercício na composição corporal e na obtenção de uma aparência mais elegante.

Hausenblas e Downs (2001), efectuaram um estudo com atletas e não atletas e constataram que os atletas têm uma imagem corporal mais positiva do que os não atletas. De referir que não verificaram diferenças entre os sexos no grupo de atletas.

Num outro estudo realizado, por Loland (1998), sobre a relação existente entre a imagem corporal e a actividade física, os resultados demonstraram que os grupos activos, tanto do sexo feminino como do sexo masculino, comparativamente aos inactivos, encontram-se mais satisfeitos com as diferentes partes do seu corpo.

Os autores Davis e Cowles (1991) estudaram a relação entre imagem corporal e actividade física, numa amostra constituída por cento e doze indivíduos, divididos em dois grupos: praticantes e não praticantes de actividade física. Os resultados revelam que, nos dois grupos, os indivíduos do sexo feminino se preocupam mais com a imagem corporal do que os indivíduos do sexo masculino. Demonstraram ainda, que o exercício parece contribuir para a melhoria da satisfação com a imagem corporal nos escalões etários mais baixos.

Perante o exposto, parece-nos que os praticantes de actividade física e desportiva possuem maiores níveis de satisfação com a imagem corporal, contribuindo igualmente, para uma avaliação mais precisa da imagem corporal.

1.6. Avaliação da imagem corporal

Dado o carácter multidimensional do conceito de imagem corporal, e devido à inexistência de uma definição operacional precisa, também os procedimentos para a sua avaliação resultam numa falta de claridade conceptual, nomeadamente ao nível da construção da imagem corporal. Existe uma infinidade de técnicas e métodos de avaliação dos diferentes conceitos relacionados com o corpo (Vasconcelos, 1995).

Nos últimos vinte anos, têm surgido várias técnicas para avaliar os múltiplos aspectos da imagem corporal, centrando-se a maioria na avaliação da aparência física. É uma componente da imagem corporal que permite, através da observação, obter informações acerca do sexo, do grupo étnico, da idade, e possivelmente, do estatuto socioeconómico e da ocupação (Cash, 1990 e Thompson et al., 1990).

Na generalidade, cientistas e médicos direccionaram a avaliação da imagem corporal segundo duas componentes, relacionadas com a aparência: a componente perceptiva e a componente subjectiva ou de atitude (Cash e Pruzinsky, 1990). A primeira diz respeito à precisão da percepção corporal (estimativa do tamanho corporal) e descreve a quantidade de distorção entre a estimativa percepcionada e o tamanho corporal real. A componente subjectiva engloba atitudes relativas à estatura e peso corporais a determinadas partes do corpo ou à aparência física em geral (Cash e Brown, 1987). Reflecte ainda, o nível de satisfação ou insatisfação que o indivíduo sente relativamente ao seu corpo ou a algumas das suas partes específicas (Gardner e Tockerman, 1993, citado por Vasconcelos, 1995).

1.6.1. Avaliação da componente perceptiva

Como já referimos anteriormente, a componente perceptiva está relacionada com a precisão da percepção do tamanho corporal. Referida como 'distorção da imagem corporal', ou como precisão da estimativa da dimensão corporal (Thompson et al., 1990), pode ser avaliada através de duas categorias de instrumentos, designadas segundo Cash e Pruzinsky (1990): (i) procedimentos relativos às partes

corporais e (ii) procedimentos relativos à distorção da imagem da totalidade do corpo.

Relativamente à primeira categoria, também utilizada a designação de 'sítios' corporais, uma vez que a estimativa dos estímulos não se refere a partes específicas mas sim a pontos precisos do corpo (Vasconcelos, 1995), o indivíduo faz uma estimativa da largura de um sítio específico do corpo, regulando a distância entre dois pontos.

Uma das primeiras técnicas a surgir, foi criada por Slade e Russell (1973, citados por Cash e Pruzinsky, 1990). Denominada de *Movable Caliper Technique*, Técnica do Compasso Móvel ou Técnica da Estimativa visual do tamanho. Consiste numa barra horizontal com trilhos onde estão montadas duas luzes. Mediante um sistema de tracção, as luzes movem-se a igual distância, afastando-se ou aproximando-se de um ponto central. A distância entre os dois pontos de luz é ajustada pelo indivíduo, através de um instrumento de controlo remoto, de forma a corresponder à largura de um determinado sítio do corpo (Vasconcelos, 1995).

Através desta técnica, outros procedimentos foram surgindo, nomeadamente a Técnica de Marcação da Imagem, *Image Marking Procedure* (Askevold, 1975, citado por Thompson et al., 1990). Consiste na marcação, por aproximação, das suas larguras corporais numa folha de papel presa à parede.

Mais tarde, Ruff e Barrios (1986) construíram o *Body Image Detection Device*, instrumento de Detecção da Imagem Corporal, que projecta um feixe de luz contra a parede, regulando o indivíduo a dimensão de cinco sítios do seu corpo. Este instrumento deu origem a um outro, denominado por Índice de Percepção Corporal.

O questionário *Body Image Detection Device* foi alterado por Thompson e Thompson (1986) e Thompson e Spana (1988), citados por Thompson et al.(1990), passando a incluir a apresentação simultânea de quatro barras de luz, representativas de quatro sítios corporais (as bochechas, a cintura, as ancas e as coxas). Designaram esta técnica por Aparelho de Barras de Luz Ajustáveis.

Para todos os procedimentos da estimativa do tamanho corporal, a estimativa das larguras dos vários sítios, efectuada por cada indivíduo, é comparada com a largura real desses sítios. Posteriormente, é calculado o ratio 'sobre ou subestimativa do tamanho'. Isto é, são comparadas as medidas objectivas com a avaliação subjectiva, no intuito de verificar se há precisão, sobrestimação ou subestimação do tamanho corporal (Vasconcelos, 1995).

De acordo com Thompson e Spana (1988, citados por Thompson et al., 1990), a maioria dos indivíduos sobrestima todas as medidas corporais, sugerindo que a cintura é o sítio corporal mais sobrestimado.

No que concerne à segunda categoria, designada por procedimentos relativos à totalidade do corpo, o indivíduo é confrontado com uma imagem real, apresentada por fotografia ou videotape através de um espelho. Neste último método, o espelho é modificado tornando o indivíduo mais pequeno ou mais largo do que o é na realidade. Os indivíduos seleccionam a imagem-estímulo que regula a concepção que têm do seu tamanho corporal global (Vasconcelos, 1995).

Segundo Thompson et al. (1990), existem vários procedimentos para avaliar a imagem corporal total: (i) Espelho deformado ajustável ao corpo de Traub e Orback (1964, citado por Thompson et al., 1990), (ii) Técnica da fotografia distorcida de Glucksman e Hirsch (1969, citado

por Thompson et al., 1990), (iii) Técnica da distorção em vídeo de Alleback et al. (1976, citado por Thompson et al., 1990).

De todos estes instrumentos, o mais utilizado tem sido a Técnica da fotografia distorcida (Gardner e Garfinkel, 1981; Gardner et al., 1987, citados por Thompson et al., 1990).

Através destes procedimentos, avalia-se a discrepância entre a imagem corporal real e a imagem seleccionada.

Um dos métodos utilizados para avaliar a precisão da imagem corporal é o das silhuetas (Thompson et al., 1990). São utilizadas fotografias, desenhos ou figuras esquemáticas, cujo número é geralmente de 9 ou 10, que variam de muito magro(a) a muito gordo(a). Após a medição do somatótipo efectivo (real), cada indivíduo selecciona, entre as silhuetas apresentadas, aquela que considera que mais se aproxima do seu somatótipo real. A diferença entre os dois valores reflecte a precisão da imagem corporal do indivíduo.

Este método também permite avaliar o nível de satisfação com a imagem corporal, se se comparar a discrepância entre os somatótipos subjectivo e preferido, ou entre os somatótipos efectivo e preferido. Desta forma, pode-se considerar um método misto, dada a possibilidade de avaliar a componente objectiva e subjectiva da imagem corporal (Vasconcelos, 1995).

1.6.2. Avaliação da componente subjectiva

A componente subjectiva tem como objecto de avaliação os sentimentos, pensamentos e atitudes perante o próprio corpo. Através da avaliação desta componente, pode-se

verificar o nível de satisfação/insatisfação relativamente ao tamanho, forma e peso corporais.

Já referido, o método das silhuetas (Thompson et al., 1990) é o mais utilizado para avaliar o nível de satisfação com a imagem corporal, nomeadamente na relação tamanho-peso. De entre as várias silhuetas apresentadas, o indivíduo é solicitado a seleccionar aquela que melhor reflecte a imagem do seu corpo (somatótipo subjectivo) e aquela que gostaria de ter (somatótipo preferido). A discrepância entre as duas medidas é considerada um indicador do nível de satisfação com a imagem corporal.

Este método foi aperfeiçoado por Dickson-Parnell et al. (1987, citados por Thompson et al., 1990), através da apresentação das figuras corporais num monitor de computador. Através desta técnica, os indivíduos ajustam o tamanho de nove sítios do corpo até chegar à representação exacta da sua imagem corporal e a imagem que gostaria de ter. Tal como no método anterior, a diferença entre o somatótipo subjectivo e o preferido reflecte o nível de satisfação com a imagem corporal.

Os questionários e as escalas são considerados outros métodos avaliativos para a satisfação com a imagem corporal. Enquanto os primeiros reportam-se aos aspectos da componente subjectiva, as escalas, por sua vez, centram-se quase exclusivamente na a insatisfação peso-altura.

O primeiro questionário utilizado em larga escala foi o *Body Cathesis Scale* (Secord e Jourard, 1953, citados por Bruchon-Schweitzer, 1990). Constituído por quarenta e seis itens, que se referem a partes do corpo ou a funções do mesmo. Os itens estão associados a aspectos relativos à personalidade, ao conceito de si e às condutas. Este instrumento permite avaliar a satisfação relativa de cada aspecto corporal, numa escala de 1 (muito insatisfeito) a 5

(muito satisfeito), ou a satisfação global (resultado final).

Fisher (1990), desenvolveu o questionário de Distorção Corporal. Pretende avaliar experiências relativas ao corpo e às suas funções.

Posteriormente, Berscheid et al. (1973) desenvolveram a Escala de Satisfação com as Partes do Corpo, contendo vinte e quatro itens, numa escala que varia de 'extremamente insatisfeito' a 'extremamente satisfeito'.

Nos anos oitenta, Lutter et al. (1986, citados por Lutter et al., 1990) constituíram um questionário de Satisfação com as Partes do Corpo, constituído por vinte e dois itens. São avaliados numa escala de 'não gosto nada e desejaria ser diferente' a 'considero-me favorecido'.

O questionário das Relações com o Corpo Próprio, foi desenvolvido por Cash et al. (Cash e Green, 1986; Cash et al, 1986; Butters e Cash, 1987, citados por Thompson et al., 1990). Este instrumento avalia a atitude dos indivíduos face a três subescalas: (i) aparência física, (ii) saúde e (iii) aptidão física. A subescala da aparência física é frequentemente utilizada na investigação da imagem corporal (Plasman e Thompson, 1988 e Thompson e Psaltis, 1988, citados por Brown et al., 1990).

Cooper et al. .(1987, citados por Cash e Pruzinsky, 1990)criaram o questionário da Forma Corporal. Para além de avaliar a satisfação com a aparência, inclui itens que relacionam a imagem corporal com a alimentação e com a densidade corporal (flacidez/firmeza).

A percepção da imagem corporal foi avaliada por Bruchon-Schweitzer (1987). O questionário é constituído por 19 pares de itens opostos, relativos a vários aspectos corporais (aparência, saúde, actividade e tensão).

Ainda no mesmo ano, Mrazek (1987, citado por Bento e Graça, 1991) desenvolveu o questionário da Avaliação dos Medos e Receios relativos ao Corpo e à Imagem. Este instrumento foi validado por adolescentes, jovens e adultos. Inclui vinte e dois itens que avaliam os receios relativos à saúde, aos médicos, às dores e feridas, ao aspecto físico e à capacidade de rendimento corporal. Cada item é avaliado numa escala que varia entre 1 (não tem nada a ver comigo) e 5 (é exactamente o meu caso).

Ainda na década de oitenta, a partir do questionário de Berscheid et al. (1973), Raust-von Wright (1989), criou o questionário da Satisfação com a Imagem Corporal (*Body Image Satisfaction Questionnaire*). Esta adaptação consistiu na selecção de vinte e três dos quarenta e seis itens relativos às diferentes partes do corpo, que envolveram o estudo piloto. Cada item é avaliado numa escala que varia entre 1 (muito insatisfeito) a 5 (muito satisfeito).

O questionário das Relações com o Próprio Corpo, foi alterado por Cash (1990), combinando as subescalas avaliação da aparência física, saúde e aptidão física, num domínio de orientação cognitivo-comportamental e, introduzindo subescalas que avaliam a satisfação com áreas corporais e atitudes relativas ao peso corporal (Brown et al., 1989 e Cash, 1989). Este questionário passou a chamar-se Questionário Multidimensional das Relações com o Corpo Próprio, incidindo sobre: (i) aparência global, (ii) orientação da aparência, (iii) escala de satisfação das áreas corporais, (iv) escala de autoclassificação do peso e (v) preocupação com o excesso de peso (Vasconcelos, 1995).

Todos estes métodos e instrumentos avaliam, em graus diferentes, a satisfação, a percepção, as preocupações, os medos e receios, os conceitos, os comportamentos e a ansiedade. Enquanto algumas escalas incidem apenas sobre um

destes aspectos, outras combinam-nos, pelo que o investigador deve optar pelo método que melhor se adeque ao seu estudo (Vasconcelos, 1995).

Thompson et al. (1990) assevera, igualmente, que a escolha de qualquer um destes instrumentos depende dos objectivos do estudo e da população em causa. No entanto, Fallon (1990) revela que a variabilidade de procedimentos para avaliar a imagem corporal é tão diversificada que dificulta a comparação dos resultados em diferentes culturas, assim como na obtenção de conclusões.

2. Corpo

2.1. Conceitos e percursos do corpo

Quando reflectimos sobre o corpo, concordamos com vários autores, que se trata de um facto fundamental da nossa existência, omnipresente na nossa história de vida (Braunstein e Pépin, 1999). Um corpo que tem sido alvo de várias contradições ao longo da história da humanidade, um corpo que foi sendo construído, diferentemente, por cada sociedade. Portanto, é possível discutir o corpo como uma construção cultural, uma vez que, cada sociedade, se expressa de modo diferente, por meio de corpos também diferentes (Daolio, 1995).

Faremos uma retrospectiva histórica do corpo, tendo em conta o facto de, qualquer que seja a época, o homem ter sido sempre, simultaneamente, "o corpo que pensa e o corpo que ele pensa, o corpo que é e o corpo que tem" (Braunstein e Pépin, 1999, p.11). Deste modo, podemos olhar para o corpo como sendo o 'espelho' do tempo (Viegas, 1996).

São várias as ciências (sociologia, antropologia, psicologia, teologia, filosofia, entre outras), que reflectem sobre o corpo. Compreender este fenómeno é, no

entender de Queirós (2002), perceber o modo como o sujeito se relaciona com o seu meio envolvente. Dito de outro modo, entender o corpo e as diferentes concepções ao longo dos tempos, implica retratar um pouco da história do homem na sua globalidade, assim como a sociedade onde ele está inserido.

Se recuarmos no tempo, verificamos que Platão consistiu um marco importante na temática do corpo, nomeadamente na origem da dualidade corpo-alma. Para o autor, o homem não é um corpo que se busca, mas sim uma alma. Ou seja, reduz o corpo a um instrumento, significando a alma a verdadeira vida, a que influencia a conduta, a medida de todas as coisas (Braunstein e Pépin, 1999). Para Platão, "o homem é a alma, imortal, invisível, pura, divina, mas encarcerada num corpo mortal, visível, impuro e terreno" (Jana, 1995, p.37).

Esta visão negativa do corpo, foi rejeitada por Aristóteles, que definiu a alma como princípio da vida e como forma do corpo vivido. A sua contribuição defende a união da alma e do corpo, uma vez que, para o autor, um não pode viver sem o outro. É necessário cuidar do corpo pela saúde da alma (Synnot, 1993).

Aristóteles é-nos familiar, no que diz respeito à arte de raciocinar, como inventor da lógica. Diferentemente de Platão, debruçou-se sobre a problemática significação do homem, fazendo-o de modo distinto do seu mestre Platão. "O homem é sempre composto de um corpo e de uma alma, mas o corpo é visto como composto de órgãos, uma máquina bem feita. A alma é o seu objectivo final, o corpo por assim dizer desemboca na alma, mas, por sua vez, a alma age sobre o corpo e está nele, não sendo ele o seu objectivo, mas o seu meio de acção sobre as coisas, formando o todo uma

harmonia plena e contínua" (Braunstein e Pépin, 1999, p.26).

Durante vários anos, Aristóteles definiu o homem como uma unidade alma e corpo. Aprofundou o que Platão deixou, partindo da metafísica para ir em direcção à física, à biologia. O corpo será omnipresente na obra aristotélica, porque é o "resultado de uma finalidade organizadora, própria da natureza, porque é um composto de matéria e de forma" (Braunstein e Pépin, 1999, p.26).

Séculos mais tarde, S. Tomás de Aquino adoptou a filosofia aristotélica. Alma e corpo, separadamente, traduzem uma ideia de forma substância. Ou seja, na opinião do autor, somente a sua união constituía uma substância completa (Entralgo, 1996).Este conceito perdurou durante bastante tempo e foi seguido pela maioria dos pensadores cristãos (Queirós, 2002).

É com Descartes que surge uma nova e radical mudança de paradigma, que dominará a modernidade. Este protagonista, considerado um marco fundamental na história do corpo, segue a ideia de Platão, a de reduzir o homem à alma. No seu mundo, aparecem duas realidades, complementares, mas que se excluem totalmente: uma realidade corporal divisível até ao infinito, uma substância existente, a *res extensa* e, uma realidade espiritual, a *res cogitans*, a substância pensante, que terá prioridade sobre a primeira. Admite a existência de comunicação entre a alma e o corpo, o que não acontece no pensamento platónico, que separa os dois fenómenos (Jana, 1995).

Descartes localiza a alma na epífise, na glândula pineal, assim denominada no tratado das *Paixões da alma*. Seria ele a dar ao corpo a sua coerência, a fazer dele um indivíduo, um indivisível. "Mesmo amputado dos seus

membros, o corpo permanece uno porque está ligado à alma" (Braunstein e Pépin, 1999. p.93). Coloca-se, claramente, como indivíduo, numa sociedade que dá os primeiros passos em direcção ao que será o individualismo (Le Breton, 1990).

Na perspectiva do autor, a alma e o corpo comunicam-se. Porém, a verdade não depende do corpo (considerado enganador), nem o caminho para a verdade está sujeito ao carácter falso do corpo. O filósofo faz um corte do corpo com a natureza, e remete o homem para um 'eu' isolado, um corte com a sociedade, um 'indivíduo-fora-do-mundo' (Descartes, citado por Jana, 1995).

Este individualismo, retira ao corpo o seu carácter simbólico, que se torna num corpo individualizado. Assim, o homem deixou de ser corpo para ter um corpo e, esta autonomia do corpo, esta ideia de corpo máquina, permitiu a este corpo objecto, um aumento de curiosidade científica (Jana, 1995).

Baseado em Descartes e instaurado o paradigma anátomo-fisiológico, através da obra de Vesálio, procedeu-se ao conhecimento mais pormenorizado do corpo humano e das formas de nele intervir. O primeiro tratado moderno de anatomia, denominado '*A Fábrica do Corpo Humano*', dividiu a história da anatomia em dois períodos: antes e depois de Vesálio. Aqui, a significação do corpo não é outra coisa senão o corpo e deve ser conhecido em si mesmo (Jana, 1995).

A ideologia de Nietzche contrapõe Descartes, ao considerar que é o espírito, a consciência, que é sintoma de alguma da imperfeição do organismo (Synnot, 1993).

Mas, é com a fenomenologia de Merleau-Ponty, recorda-nos Jana (1995), que o corpo, através da percepção, passa a ocupar um lugar fundamental face à consciência. Para o filósofo, a consciência corporaliza-se. Na sua perspectiva,

o homem não só tem corpo como é o próprio corpo. E portanto, a "percepção é corporal e cultural" (Jana, 1995, p.64). Isto é, a percepção põe em relação um corpo e um mundo, é vista como uma experiência incorporada (Queirós, 2002).

A linha divisória existente entre o corpo e a alma deixa de existir, passando o autor, a ver a vida humana como espiritual e corporal ao mesmo tempo e sempre apoiado no corpo, formando, assim, uma absoluta unidade e totalidade vital psicofísica (Merleau-Ponty, citado por Sérgio, 1985).

Merleau-Ponty resumiu assim o conceito de percepção: "perceber é tornar presente qualquer coisa, com a ajuda do corpo" (Sérgio, 1985). O primado da percepção sobre a razão e o entendimento encaminha para um processo de recusa da filosofia tradicional.

Através do conceito fundamental da fenomenologia de Merleau-Ponty -a percepção - o corpo assume um lugar de destaque no conhecimento, logo do mundo que é dado a perceber. O corpo dá o mundo que ele mesmo possibilita e é o corpo que estabelece a relação do sujeito com o mundo (Queirós, 2002).

Merleau-Ponty permite-nos compreender o corpo como "corpo próprio", conceito este que vai ser fundamental para o entendimento do esquema corporal. Define-o, como sendo a "nossa própria experiência corporal, a própria imagem que cada um tem e vê reflectida de si próprio" (Fontoura, citado por Queirós, 2002).

O corpo surge também como central nos estudos de Foucault (1995, citado por Queirós, 2002) porém sob um ponto de vista diferente. Aqui, o corpo aparece como fruto de controlo e regulação por parte do governo, isto é, através de um conjunto de práticas e de utilização de

instituições sociais, o corpo surge-nos como sujeito de uma disciplina, podendo ser manipulado, modelado, treinado. Enfim, como objecto e alvo do poder (Synnot, 1993).

Ao contrário do paradigma clássico, em que o corpo humano era considerado como um objecto do mundo exterior, Entralgo (1996), assume o corpo como realidade material que se sente a si mesma (Jana, 1995). Na sua reflexão, parte do conceito de intracorpo, por oposição a extracorpo, que retirou de Ortega. Este último, revela que é inaceitável o seccionamento do todo humano em alma e corpo, uma vez que não se consegue determinar onde termina o nosso corpo e começa a nossa alma (Jana, 1995).

Este intracorpo de que fala Entralgo (1996), significa a experiência ou percepção do próprio corpo, uma vez que conhecemos o corpo por fora mas, além disso, cada qual percepciona o seu corpo por dentro e tem dele uma imagem ou visão interior.

2.2. O corpo contemporâneo

O corpo contemporâneo, na opinião de Lobo (1999), é caracterizado pelo culto da imagem, da aparência, da necessidade de fazer sobressair aquilo que é visível. Assistimos a uma verdadeira explosão na atenção e nos cuidados com o corpo, quer na esfera do público quer na do privado. De um modo geral, este fenómeno atinge todas as classes sociais e todos os níveis da cultura actual (Queirós, 2002).

A atenção sobre o corpo assume-se, de forma inegável, como um desejo de preservação. Nos meios de comunicação social apela-se a um modelo de corpo alto, magro e jovem. É crucial a manutenção de uma aparência jovem, actual, sedutora e bela (Alves, 1999).

Featherstone (1991) assegura que a aparência é cada vez mais vista como um reflexo do *self*. O corpo torna-se parte do projecto do *self*, no qual os indivíduos expressam as suas próprias necessidades emocionais através da construção dos seus próprios corpos, podendo ser moldado de acordo com os desejos e necessidades individuais. Esta realidade, aliada a um forte desejo de bem estar, tem desenvolvido um verdadeiro culto do corpo e feito com que o mesmo se transforme num "cartão de apresentação da própria identidade" (Marivoet, 1998, p.10).

Ainda no século passado, "o corpo era valorizado na medida em que se tornasse silencioso e discreto" (Crespo, 1990, pp.511). Hoje, afigura-se o corpo como um meio de obter prazer, um corpo que se impõe como tema de predilecção. As revistas e os jornais são um exemplo das preocupações constantes dadas ao corpo, quer em termos de higiene, alimentação como também na necessidade de repouso e nas inúmeras vantagens da prática de actividades desportivas. Pretende-se que o corpo fale, que se liberte e se exprima (Lobo, 1999).

Actualmente, o corpo assume-se como uma expressão viva dos novos valores, um elemento determinante para a "própria essência da humanidade" (Bernard, 1995, p.9), uma vez que deixou de ser algo externo à nossa existência. Esta realidade é bem evidente nos elevados investimentos a nível terapêutico, numa luta incessante contra as doenças e o envelhecimento.

A afirmação do ser humano como um entidade individual e a hipervalorização da aparência corporal, características da sociedade actual, têm contribuído para que o corpo continue a ser visto como um objecto de consumo, transformando-se num objecto de possessão do qual, nos permite construir a nossa identidade conforme os nossos

desejos e vontades. Ou seja, temos um corpo em vez de sermos um corpo (Le Breton, 1995).

Esta sociedade, que considera a beleza do corpo um elemento central da vida humana, encontrou na prática desportiva um verdadeiro remédio para o culto da imagem, obtendo também vantagens para a saúde. Deste modo, a actividade desportiva transformou-se numa parte integrante da vida social. Segundo Bernard (1995), o corpo, como forma privilegiada de apresentação do eu, é tematizado, modificado e modelado no desporto.

O aumento da oferta e da procura desportiva verificado nos últimos anos, denota claramente as necessidades sociais de uma melhoria da qualidade de vida. Para muitas pessoas, a actividade física tornou-se "uma das principais, senão a principal fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas" (Elias e Dunning, 1992, p.299).

Perante o exposto, podemos referir, com alguma propriedade, que o corpo contemporâneo é marcado pelo culto da imagem, da aparência, em detrimento do carácter, da coragem e da determinação. As formas corporais e o aspecto da superfície prevalecem a uma vivência sem profundidade e conteúdo, relegando, assim, o seu interior para um plano de importância menor. Toda esta valorização da imagem, da aparência corporal continua a apoiar-se sobre um padrão social, do qual as pessoas procuram obedecer e limitar-se, como sendo a única forma de serem felizes. Já não chega ser saudável, há que sobretudo parecê-lo. É esta a cultura do nosso tempo, uma cultura que considera o corpo alto e magro, o corpo 'bem feito' e de perfil desportivo, como a base fundamental dos êxitos na vida. Ter um corpo belo e jovem é sinónimo de qualidade de vida. É este o corpo que

luta pela liberdade, mas que se escraviza perante um padrão que a sociedade decidiu definir (Lobo, 1999).

2.3. Valores corporais na adolescência

A noção mais geral e usual do termo adolescência/juventude, refere-se a uma faixa etária, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo, ocorrendo, igualmente, uma série de mudanças psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto (Abramo, 1994). A juventude é apresentada, com frequência, como uma fase natural da vida dos indivíduos (Nunes, 1996).

A adolescência aparece como uma categoria especialmente destacada nas sociedades industriais modernas, devido ao aparecimento de comportamentos excêntricos ou contestadores por parte da cultura juvenil (Flitner, citado por Abramo, 1994). Nas sociedades modernas existe uma separação radical entre as normas ensinadas e as que predominam na vida pública, e, "a juventude é especialmente sensível a essas contradições, tendendo a cobrar fidelidade aos valores professados e a construir uma visão crítica em relação à ordem social" (Abramo, 1994, p. 19).

Nesses movimentos, a própria juventude, como condição, aparece como um problema social, como um problema da modernidade, no sentido de que, os conflitos que atravessam a condição juvenil são percebidos como resultados das rupturas de padrões entre adultos e jovens.

Segundo Abramo (1994), a juventude é entendida como uma etapa de transição de uma condição social mais recolhida e dependente para uma outra mais ampla. É um período de preparação para o ingresso na vida social

adulta. Esta transição implica direitos e deveres, responsabilidades, independência, não tão completos quanto os do adulto, mas mais amplo do que os da criança.

Na verdade verifica-se, em determinados sectores juvenis, uma revolta ou rebeldia, nomeadamente com o processo de transmissão das normas sociais. Ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam estar submetidos.

Como já foi referido anteriormente, torna-se cada vez mais frequente a referência à juventude como uma nova etapa social e ao conflito de gerações. A adolescência aparece como um tempo privilegiado: "um tempo de permissividade, de diversão sem reservas, de busca de identidade, prazer e liberdade, de irreverência em relação às instituições e valores do mundo adulto" (Abramo, 1994, p. 39).

É a partir desta óptica que a geração mais jovem aparece marcada pela negatividade, pela passividade em relação aos valores e práticas inseridas nas tendências sociais, pela ausência de capacidade de reflexão crítica da ordem social (Abramo, 1994). Como acentua Gervilla (1997), vivemos numa sociedade perante tantos valores que, muitas vezes, torna-se difícil distinguir o valor do anti-valor. Da mesma opinião, Queirós (2002) afirma que este pluralismo de valores pode conduzir a situações de insegurança, principalmente com os mais jovens. A este propósito, Pais (1998) num estudo sobre os valores da sociedade portuguesa, revela que os jovens portugueses não são confrontados com uma ausência de valores mas sim com uma coexistência dos mesmos.

Outro estudo realizado por Vala et al. (2003) mostrou que os julgamentos morais das pessoas estão a mudar em alguns domínios, nomeadamente o da vida ou da sexualidade.

Questões estas que durante muito tempo foram estigmatizadas e, actualmente, são aceites. Esta evolução sugere que os valores em causa, sejam vistos como fazendo parte do domínio pessoal e, portanto, dizem respeito à liberdade individual.

A tendência da sociedade vai no sentido da pluralidade de valores, entendida como um alargamento das escolhas individuais, das atitudes e dos estilos de vida.

De igual modo, Gervilla (1997) e Lipovetsky (1994) falam da pós modernidade como uma era nova, com novos valores e novas atitudes. Parece existir consenso de que a pós modernidade é um marco caracterizado por uma forma de pensar diferente e de viver, uma nova forma de o homem se entender e entender a sua posição na sociedade, a que Lipovetsky (1994) também chama de sociedade do 'pós-dever'. A nossa cultura já não é dominada pelos imperativos de dever, mas sim pela felicidade e pelos direitos de liberdade e de realização pessoal (Lipovetsky, 1994).

Da mesma opinião, Pais (1998), num estudo sobre os valores da sociedade portuguesa, observa que são os jovens os que mais se afastam da ética do dever, apologistas de uma ética individual do prazer. Verifica, ainda, que os valores de cunho individualista e hedonista são valores centrais, principalmente para os mais jovens.

Num outro estudo do mesmo livro, Ferreira (1998a), reforça a ideia de Pais (1998), ao revelar que os jovens fundamentam a sua vida quotidiana numa ética de diversão, do prazer, da imagem e do lazer.

Num terceiro estudo, Ferreira (1998b) verifica, uma vez mais, este mesmo quadro de valores, em que os jovens dão maior valorização aos tempos de lazer, ao corpo e às actividades físicas e, ainda, à sexualidade.

O contributo de Almeida (1990) também caminha no mesmo sentido, ou seja, a da procura de realização pessoal, da reivindicação de protecção do indivíduo pela sociedade e da valorização da esfera privada e dos lazeres como meios de realização.

Deste modo, percebemos que nas gerações mais jovens predominam os valores individuais em relação às gerações mais velhas que, de acordo com Pais (1998), predominam os valores grupais. Uma possível justificação para esta diferença de valores, além da faixa etária, pode ser o nível de instrução (Queirós, 2002).

Inscrito nesta reconfiguração axiológica, aparece o corpo como um elemento a observar atentamente e com importância crescente. É notória a sua revalorização, no que concerne à sua forma exterior (Bento, 1999).

A compreensão do corpo depende do contexto cultural a que se encontra associado, pelo que se impõe uma análise da nossa sociedade actual.

A importância dada ao corpo, actualmente, contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado. Este fenómeno verifica-se devido à consequente inversão de valores (atrás aflorados), traduzida nas preocupações de consumo e dispêndio de energias (Crespo, 1990). Os novos valores de beleza, felicidade ou juventude identificam-se com um corpo que se transforma em objecto de cuidados e desassossegos.

O que faz o adolescente identificar-se inicialmente com os outros, não são mais do que as características físicas visíveis da espécie. Na opinião de Rodrigues (1997), a adolescência é, por excelência, o tempo do e para o corpo. O tempo e o espaço onde ele progride e evolui periférica ou centralmente. É um momento de incorporação,

de construção de outros corpos, talvez tantos quantos os dias da adolescência existam.

Daolio (1995) sugere que é no corpo que estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ele ser o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca.

E partindo do pressuposto de que a vivência dos jovens é sobretudo uma vivência corporal, a demonstração de novos comportamentos e representações da sua corporalidade, poderão adquirir grande importância na análise dos quadros sociais da juventude com que nos confrontamos diariamente (Rodrigues, 1997).

A corporalidade para o adolescente, existe na formação de um corpo real e, simultaneamente, de um corpo imaginário. O primeiro, com o qual ele se confronta diariamente, e o segundo, a que ele se reporta por apropriação e incorporação de outros corpos.

A ideia de magreza, ou de identificação de um 'corpo ideal' é um esboço visual de como o corpo precisa parecer. Há muitos ideais, que vão da boneca *Barbie* aos heróis musculosos. Eles aparecem tanto nos anúncios comerciais, como também sob a forma de modelos e super-estrelas. Não obstante, cada época e cada cultura possuem os seus padrões de beleza e os seus heróis.

O corpo desempenha um papel fundamental na adolescência, pois, além de ser acompanhado por rápidas transformações físicas, é central no relacionamento interpessoal, nomeadamente com os pares, que substituem a relação com os pais. É um período de intensa sociabilidade. Essas mudanças corporais trazem, por vezes, problemas e complexos, alterando a sua imagem corporal (Jacob, 1994).

A adolescência é uma fase da vida em que a corporalidade ganha uma nova dimensão. O corpo é utilizado

como o meio de comunicação privilegiado para as relações interpessoais e, até mesmo, na aquisição de um estilo próprio e personalizado, aproximando ou afastando-se das imagens identificadoras das culturas ou sub-culturas juvenis (Rodrigues, 1997).

Perante o exposto, concluímos como Bento (1999, pp.120), "vivemos numa sociedade orientada por valores jovens, onde a velocidade de mudança e consequentemente a capacidade de adaptação a essas transformações são o princípio desta nossa forma de viver". Associado à mudança, surgem novos hábitos de vida, onde o consumismo assume um papel central. Assistimos a um regressar da juventude.

As preocupações com o corpo conhecem, nos dias de hoje, uma revalorização, qual seja, a da sua manutenção juvenil no decurso da vida.

Cada vez mais o homem molda o corpo à sua vontade, fazendo realçar aquilo que entende ser a sua identidade, assumindo assim o corpo, o papel de uma autêntica narrativa do eu perante a sociedade.

2.4. Culturas juvenis

Comecemos pelo entendimento do conceito de cultura. Williams (1994 e 1998, citado por Simões, 2002a) identificou duas definições de cultura: (i) 'alta cultura' e (ii) modo de vida. A primeira definição, que se aproxima mais do senso comum, está associada à 'alta cultura', podendo também ser designada por arte. Portanto, as pessoas que adquirissem competências nesta área seriam 'cultas' e, as outras, pela razão inversa, não o seriam. Na segunda acepção, mais antropológica, cultura diz respeito a um modo de vida que pode ser observado em qualquer actividade da vida quotidiano. Deste modo, "a cultura não se restringe ao

ornamental e artificial, ao erudito e clássico, às salas de concerto e às exposições artísticas" (Duarte e Nunes, 1994, p. 319), mas sim a todas as práticas quotidianas, todas elas desenvolvidas pelos seus significados simbólicos, para além das funções práticas que possam desempenhar. Os autores afirmam, mesmo, que tudo no quotidiano é cultural. Então, todas as práticas quotidianas são culturais. De facto, a cultura, por um lado, pode e deve ser tomada no sentido de um constante processo de produção de significados e, por outro, estes ajudam a construir identidades sociais para quem partilha desses significados.

Em suma, a cultura é assim considerada "como um lugar específico de produção de sentido que viabiliza o estabelecimento de relações significantes entre os homens e o mundo em que vivem" (Duarte e Nunes, 1994, p. 53).

Juventude, num sentido mais generalista, refere-se "a uma categoria de indivíduos de uma faixa etária, balizada por fronteiras que delimitam o período de vida que medeia a infância do estado adulto" (Campos, 2002, p. 86). Perante esta definição, os jovens seriam todos aqueles que ultrapassando a idade que , oficial e estatisticamente, é atribuída à infância, ainda não alcançaram a faixa etária estipulada para ser adulto.

Em termos sociológicos, este conceito é insuficiente uma vez que as faixas etárias não apresentam uma correspondência directa com a condição social dos indivíduos (Campos, 2002). A juventude aparece, cada vez menos, associada a uma categoria de idade e, cada vez mais a um conjunto diversificado de modos de vida (Pais, 1996a).

Verificamos, assim, que "a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou

políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo" (Pais, 1996a, p. 29).

No entender de Campos (2002) , a noção de juventude aplica-se a "um conjunto de indivíduos próximos em termos de idade biológica mas que, acima de tudo, partilham uma série de características sócio-culturais que os distinguem da restante comunidade. É-se jovem porque se possui uma determinada posição no sistema escolar e económico, porque se comunga de determinados modelos culturais e modos de vida que se afastam claramente do universo infantil e adulto" (Campos, 2002, p. 86/87).

No entender de Abramo (1994) a juventude aparece como um tempo de permissividade, de diversão, de busca de intensidade, de prazer e liberdade e muitas vezes de irreverência em relação às instituições e valores do mundo adulto. Contudo, ela também aparece como problema social: os problemas de inserção profissional, os problemas de falta de participação social, os problemas de droga, os problemas de delinquência, os problemas com a escola e os problemas com os pais (Pais, 1996a). E porque esses problemas são sentidos, apercebidos e reconhecidos socialmente, a juventude pode e deve ser encarada como uma construção social.

Sendo a juventude uma categoria social heterogénea, também devemos pensar que as culturas juvenis o sejam. Perfilam-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes situações económicas, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, diferentes parcelas de poder, etc. Nesta tendência, a juventude é caracterizada por um conjunto social, constituído por jovens em diferentes situação sociais (Pais, 1996a e Simões, 2002a). Assim, no entender de Simões (2002a), a heterogeneidade cultural da juventude pode melhor ser aprendida se

considerarmos o termo culturas ou subculturas juvenis. Pretende-se sublinhar que coexistem uma grande diversidade de opções de vida que se traduzem em diferentes modos de viver a juventude.

De acordo com Pais (1996a), a definição de cultura juvenil é uma construção social que existe mais como uma representação social do que como realidade. Portanto, por cultura juvenil, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude, valores esses a que os jovens de diferentes meios e condições sociais aderiram (Pais, 1996a).

Na mesma direcção, Pais (1996b) também refere que as culturas juvenis se constituem a partir de redes de sociabilidade. Estas são entendidas como sendo "um conjunto de relações sociais efectivas, vividas, que unem os indivíduos entre si, através de laços interpessoais ou de grupo" (Pais, 1996b, p. 171). Estas redes parecem ser cruciais para a formação das identidades juvenis. Os grupos de amigos são um exemplo destas redes grupais, ao assegurarem, em certa medida, uma identificação entre os vários que os constituem. Normalmente, têm gostos muito semelhantes, quer em termos musicais, literários, como também na maneira de se vestir. De facto, os amigos são considerados o 'espelho' da sua própria identidade, na maioria dos jovens. Um meio através do qual se fixam similitudes e diferenças em relação a outros indivíduos (Pais, 1996a).

O vestuário, melhor dizendo, a aparência, é entre os jovens, um símbolo de identidade grupal. Ou seja, é revelador de integração grupal, é um poder simbólico. Com o vestuário, os jovens pretendem afirmar o seu estilo de vida, isto é, como meio de afirmação pessoal e diferenciação de status. Os penteados, as linguagens, os

gestos, os hábitos, os lazeres, a educação, são exemplos concretos de significação, de um estilo de vida. Paralelamente, os sinais incorporados, nomeadamente as diferentes maneiras de falar, andar, de comer, etc., também cumprem uma função de destrinça (Pais, 1996a).

Urge então perceber que, falar de cultura juvenil é analisar os estilos de vida e das representações dos jovens. No entanto, implica que tenhamos em consideração que as práticas e vivências adstritas a esta fase etária são muito diversificadas, uma vez que as condições sócio-culturais e opções de vida também o são.

Pais (1996a) assinala que é no domínio do lazer que as culturas juvenis ganham visibilidade e maior expressão. Para o autor, as culturas juvenis, são culturas de lazer, por um lado, porque é neste domínio que os jovens afirmam a sua identidade, por outro, mormente ao nível dos *mass média*, o mito da juventude é alimentado pelos fenómenos, como por exemplo a música, verificando-se uma maior aproximação entre os jovens.

As culturas juvenis reúnem-se no tempo de lazer para procurar actividades de diversão. São grupos que desenvolveram um estilo próprio de vestuário, carregado de simbolismos e seleccionam elementos privilegiados de consumo, marcando assim uma identidade distintiva.

Um estudo efectuado por Pais (1996b), revelou que os jovens não participam no mesmo tipo de práticas sociais e culturais. Descobriu que, nas culturas juvenis, as práticas de lazer divergem, variando de contexto para contexto social e legitimam diferenciações, além das intergeracionais, já abordadas anteriormente, também intrageracionais. Enfim, constatou que a socialização dos jovens, no domínio do lazer, origina diferentes culturas juvenis. O autor concluiu ressaltando o facto de as

sociabilidades juvenis apresentarem sinais de exclusividade, isto é, a participação dos jovens nas várias práticas sociais e culturais, tem fronteiras sociais, designadamente fronteiras de classe.

Importa salientar, novamente, que os tempos livres são considerados uma das mais importantes dimensões da vida quotidiana da juventude, no que concerne à definição e compreensão das culturas juvenis. E isto porque, tal como o nome indica, contrariamente aos adultos, os jovens dispõem de um excesso de tempo que é consumido em todas aquelas actividades que valorizam o tempo: as actividades de lazer. Convém não esquecer, contudo, que é em torno destas actividades que a juventude ganha, em certo medida, especificidade unitária, mas é também a partir delas que melhor se compreende as diferentes culturas juvenis. É de ressaltar que, em cada meio social e em cada classe social, encontram-se modos diferentes de os jovens viverem e entenderem a sua temporalidade existencial (Pais, 1996a).

2.5. O corpo e a actividade física

O desenvolvimento social e económico das sociedades industriais operou, no domínio do tempo livre, modificações radicais e, sobretudo, alterações de comportamento, de valores e de aspirações das respectivas populações.

A partir do momento em que a parcela do tempo livre começou a ser superior à parcela do tempo de trabalho, o primeiro passou a ter uma importância social maior nos estilos de vida, no modo de estar e viver das pessoas, como

factor de qualidade de vida e bem-estar (Constantino, 1993).

Essa cultura do tempo livre, teve consequências directas sobre a prática desportiva, fazendo emergir novas práticas corporais que invocam a realização de um ser activo e saudável, onde o corpo adquiriu um novo estatuto ético e cultural (Sobral, 1996).

Um número cada vez maior de pessoas têm vindo a recorrer à prática de exercício e de actividade física, como forma de procurar o seu bem-estar, em face das novas exigências e pressões colocadas pela sociedade moderna, caracterizada por novas tecnologias e por novas formas de pressão e stress (Duarte, 1999).

Do mesmo modo, Mota (2001) afirma que a actividade física e desportiva surge como potencial catalisador da utilização do tempo livre, enquanto fenómeno de afirmação da sociedade contemporânea. O autor revela, ainda, que a actividade física é preconizada como um dos meios de compensar os efeitos nocivos do modo de vida da sociedade moderna.

De acordo com Bento (1994), a actividade física e o desporto são um local e um espaço onde o corpo tem voz e fala, onde o corpo é interlocutor permanente. Onde é fulgante a presença do corpo para cada um e do corpo para si mesmo.

A importância que o corpo vem assumindo, é cada vez mais visível, através do incremento de lugares e espaços onde ele se transforma, se embeleza, se modifica como objecto ritualizado, de culto, ou como uma visão meramente estética, ou de incorporação social (Rodrigues, 1997).

Garcia (1999) revela-nos que a sociedade de hoje persegue um corpo jovem, magro e belo. É através desta necessidade que cresce toda a indústria cosmética e se

desenvolve todo um conjunto de práticas físicas, sendo o corpo objecto privilegiado de consumo simbólico (Crespo, 1997).

Como afirma Bento (1999, pp.50), "estamos a viver um tempo de conjuntura corporal", podendo dizer-se que o corpo vive um regresso festivo. De facto, o parecer bem, o estar na moda e ter um corpo de acordo com os actuais padrões de beleza, assumem um papel determinante.

O corpo surge, assim, como uma matéria que é moldável ao sabor dos desejos pessoais, gostos, fantasias e necessidades ao sabor da moda, podendo ser "feito, construído, adaptado, recriado, modificado e reciclado" (Bento, 1994, pp.84).

Perante isso, somos conduzidos para o culto do corpo e para a eternização da juventude, onde o valor da imagem corporal é de tal modo importante, que não basta gostar do que se vê reflectido no espelho. É conveniente que seja uma imagem aprazível ao olhar dos outros (Pereira, 1999).

Uma nova cultura de consumo se estabelece, a partir da imagem de um corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer, enfatizando a importância da aparência e do visual. Essas imagens do corpo são divulgadas e pressionadas pelos meios de comunicação, publicidades e revistas, exigindo toda uma rotina de exercícios, dietas, cosméticos, terapias, entre outras preocupações com a imagem e a auto-expressão, uma exposição sem limites do corpo (Nóbrega, 2001).

A percepção do corpo é dominada pelas imagens da cultura de consumo, reflectindo, de um modo geral, na percepção da vida social e das relações humanas.

Estes valores começam a instalar-se já na adolescência, quando a imagem do corpo reflecte já a

pressão social para a magreza e a linearidade (Sobral, 1996).

3. Imagem corporal e valores referenciados ao corpo

A sociedade actual emerge de valores que diferem generalizadamente dos que atravessaram a modernidade. Ouve-se falar de um vazio de valores, associado a uma anarquia moral. Contudo, devem-se analisar cuidadosamente tais afirmações, uma vez que verificado em capítulos anteriores, não se constatou tal ausência, mas sim a existência de uma mudança e diversificação dos mesmos. Vive-se, portanto, numa sociedade que, ao impor outros valores, torna inválidos os da geração precedente (Alves, 1999).

Associada a esta mudança, a sociedade moderna fez surgir uma cultura do tempo livre, onde se projectaram novas necessidades, novos valores sociais e novas aspirações.

Essa cultura teve consequências directas sobre a prática desportiva, fazendo emergir novas práticas corporais que invocam a realização de um ser activo e saudável, onde o corpo adquiriu um novo estatuto ético e cultural (Sobral, 1996).

O corpo surge como uma matéria que é moldável ao sabor dos desejos pessoais, gostos, fantasias e necessidades ao sabor da moda, podendo ser "feito, construído, adaptado, recriado, modificado e reciclado" (Bento, 1994, pp.84).

A importância que o corpo vem assumindo, é cada vez mais visível, através do incremento de lugares e espaços onde ele se transforma, se embeleza, se modifica, como

objecto ritualizado, de culto, ou como uma visão meramente estética, ou de incorporação social (Rodrigues, 1997).

A atenção sobre o corpo assume-se, de forma inegável, como um desejo de manutenção de uma aparência jovem, actual e sedutora (Alves, 1999).

No entender de Featherstone (1991), a aparência é vista, cada vez mais, como um reflexo do self, no qual os indivíduos expressam as suas necessidades através dos seus corpos, podendo, assim, ser modificado e modelado segundo os desejos e vontades pessoais.

Esta cultura de consumo, com influência inegável dos mass média, providencia a proliferação de imagens estilizadas do corpo, enfatizando os benefícios da sua manutenção. Os cuidados com o corpo têm como objectivo central a aparência do corpo exterior, onde mais do que a sua transcendência, importa a forma, simplesmente entendida como tal. Garcia (1998) designa este fenómeno de "coisificação do corpop". O corpo deixou de ser algo externo â nossa existência, manifestando uma tendência para se tornar "a própria essência da humanidade" (Bernard, 1995, p.9). É dada maior atenção ao corpo, pretende-se um corpo mais cuidado, mais bem conhecido e uma sexualidade mais aberta (Lobo, 1999).

A imagem do corpo ganhou maior valor e, aliada a um grande desejo de bem estar, a sociedade actual tem desenvolvido um verdadeiro culto do corpo, em que o mesmo já não é tanto um instrumento de força de trabalho, como acontecia na sociedade industrial, transformando-se num "cartão de apresentação da própria identidade" (Marivoet, 1998, p.10).

Esta sociedade, que considera a beleza do corpo como o centro da vivência actual, como fundamental da vida humana, com vantagens também para a saúde, encontrou na prática

desportiva a solução para esta problemática. Ou seja, a actividade desportiva passou a fazer parte integrante da vida social dos indivíduos, como expressão das necessidades sociais de uma melhoria da qualidade de vida. Mota (2001) salienta que a actividade física é percebida, muitas vezes, como um campo onde os malefícios dos nossos comportamentos e atitudes podem ser minorados, o local onde o corpo tem possibilidades de ser valorizado. Com efeito, tem levado à realização de várias campanhas de sensibilização sobre os benefícios da prática regular de actividade desportiva, no combate ao sedentarismo a que os indivíduos se vêem sujeitos no seu quotidiano, prevenindo, assim, o aparecimento de algumas doenças.

Um estudo levado a cabo por Duarte e Nunes (1994), revelou que cerca de 70% dos Lisboetas dão muita importância a 'uma linha esbelta do corpo', aos 'regimes alimentares' e ao 'processo de envelhecimento'. Revelou, ainda, que os investimentos no corpo obedecem a imperativos sociais e que são dominantes em determinados grupos sociais (camadas mais jovens, solteiros, divorciados, etc.).

As ansiedades com a forma corporal e o aspecto físico tendem a relegar para segundo plano outras preocupações, tais como a morte. Esta atitude encoraja as pessoas a praticarem mais exercício físico, a não fumarem, a cuidarem do seu corpo, etc. 'As atenções dirigem-se para o corpo, promovido a verdadeiro objecto de culto. Assim o provam os investimentos narcisísticos traduzidos em várias ritualidades e anseios do dia a dia: receio com o processo de envelhecimento, com as rugas, obsessão pela saúde e pela 'linha corporal', preocupações com a higiene, rituais de controlo (o peso, as refeições que não se tomam), de manutenção (práticas desportivas) e cultos solares (a excitação da praia) (Duarte e Nunes, 1994). Para prevenir o

aparecimento das rugas, chega mesmo a aconselhar-se não rir demasiado ou não franzir o sobrolho. Ou seja, contendo as expressões faciais, negando e sacrificando modos importantes de estar no mundo (Lobo, 1999).

Este corpo, que é contemporâneo, afirma-se livre. No entanto, submete-se a rigorosas punições em prol de uma imagem corporal idealizada. Procura alcançar a perfeição e, em muitas vezes, não olha a meios para o conseguir.

A moda, a publicidade e o cinema têm contribuído para a popularização da imagem corporal ideal: a obtenção de um corpo jovem e magro, como os únicos capazes para serem felizes. Com efeito, homens e mulheres dedicam-se a rígidos regimes de emagrecimento e sucessivas intervenções cirúrgicas, para alcançarem a imagem corporal desejada.

Segundo Andre (1994, citado por Lobo, 1999), a aproximação ao ideal de beleza actual é, em muitos casos, de tal modo impossível, que acaba por desencadear fortes sentimentos de rejeição do próprio corpo e, muitas vezes, da vida em geral. Rejeita-se o peso e a idade que se possui, nega-se o próprio corpo, não sendo capazes de ver em ambos um aspecto neutro ou positivo de nós mesmos.

Esta hipervalorização da imagem corporal tem contribuído para que o corpo continue a ser visto como um objecto, transformando-se num objecto de possessão, passando a 'termos um corpo' em vez de 'sermos um corpo' (Le Breton, 1995). Toda esta valorização da imagem, da aparência corporal continua a apoiar-se sobre um padrão social ao qual as pessoas procuram obedecer e limitar-se.

Numa sociedade pautada pela aparência, a imagem do corpo tornou-se o alvo de solicitudes e devoções. É esta a nossa cultura actual, baseada na necessidade de fazer sobressair aquilo que é visível. Uma cultura do corpo alto, magro e jovem, como a base fundamental da felicidade.

III. OBJECTIVOS E HIPÓTESES

III. Objectivos e hipóteses

1. Objectivos

Objectivo geral:

Verificar a relação que existe entre a satisfação com a imagem corporal e os valores do corpo, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico.

Objectivos específicos:

1. Verificar a variação dos níveis de satisfação com a imagem corporal, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico;

2. Verificar a variação dos valores referenciados ao corpo, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico;

3. Verificar a associação existente entre a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo;

4. Verificar uma tendência, por parte dos sujeitos, para qualquer tipo de identificação grupal (culturas juvenis).

2. Hipóteses da investigação

H1. Os níveis de satisfação com a imagem corporal diferem significativamente em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico;

H2. Os valores referenciados ao corpo diferem significativamente em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico;

H3. Existe uma associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo;

H4. Verifica-se uma tendência grupal (culturas juvenis) por parte dos indivíduos.

IV. METODOLOGIA

IV. Metodologia

1. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 212 indivíduos (N= 212), de ambos os sexos, dos quais 65 são do sexo masculino e 147 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos.

Todos os inquiridos são estudantes e frequentam o ensino secundário da Escola E. B. 2,3/S de Oliveira de Frades.

1.1. Sexo e idade

A idade foi distribuída por 3 grupos: (I)14 a 15 anos; (II) 16 a 17 e (III) 18 a 20 anos.

Para uma caracterização mais pormenorizada, apresentamos o Quadro 1:

Quadro 1 - Descrição da amostra segundo o sexo, a idade e o número de indivíduos.

	Idade		
	(I)14-15 anos	(II)16-17 anos	(III)18-20 anos
Masculino	18	31	16
Feminino	47	80	20

Podemos constatar, através do Quadro número 1, que o maior número de indivíduos da nossa amostra, pertence ao sexo feminino, cujas idades se encontraram nos três escalões etários. No entanto, as idades compreendidas entre os 16 e 17 anos, apresentam maior número. O menor número de sujeitos do sexo masculino, deve-se ao facto de, na escola, este sexo se encontrar em menor quantidade que o sexo oposto.

1.2. Estatuto sócio-económico

A determinação das categorias sócio-profissionais teve como base as classes sócio-profissionais dos pais. Foi utilizada a classificação do Ministério da Educação - GEP (Gabinete de Estudos e Projectos) - que contempla os oito seguintes grupos:

1. Agricultores:
   a) Agricultores com trabalhadores ao seu serviço (empresários agrícola);
   b) Agrícolas familiares, membros de cooperativas exercendo uma profissão agrícola e pescadores independentes;
2. Empresários da Indústria e do comércio:
   a) Trabalhadores por conta própria na indústria;
   b) Empresários industriais até nove trabalhadores;
   c) Empresários industriais, com dez ou mais trabalhadores;
   d) Trabalhadores por conta própria no comércio;
   e) Comerciantes (proprietários - gerentes) do comércio, até quatro trabalhadores;
   f) Comerciantes (proprietários - gerentes) do comércio, com cinco ou mais trabalhadores;
3. Quadros Técnicos:
   a) Quadros dirigentes e técnicos superiores das empresas ou da administração pública, profissões liberais e outras profissões de nível superior;
   b) Quadros técnicos médios das empresas ou da administração Pública e outras profissões de nível médio;
4. Trabalhadores (empregados) do comércio e dos serviços administrativos das empresas ou da administração pública;
5. Trabalhadores de produção:

a) Encarregados e contramestres das empresas ou da administração pública;

b) Trabalhadores da produção (operários) das empresas ou da administração pública;

6. Trabalhadores agrícolas:

a) Trabalhadores agrícolas e da pesca;

7. Pessoal dos serviços:

a) Pessoal dos serviços pessoais e domésticos;

8. Outros:

a) Membros das forças armadas e militarizadas;

b) Pessoas que não exercem profissões (domésticas);

c) Profissões mal definidas;

d) Reformados, falecidos e desempregados.

Para uma maior evidência das diferenças entre os indivíduos neste domínio, estes oito grupos foram reunidos em três grandes grupos, de acordo com a classificação de Çok (1990), baseada nas classes sócio-profissionais dos pais: (I) Estatuto sócio-económico alto (envolvendo os grupos 1., 2. e 3.); (II) Estatuto sócio-económico médio (grupos 4., 5. e 6.); (III) Estatuto sócio-económico baixo (grupos 7. e 8.).

Perante o exposto, apresentamos, de seguida, a percentagem de indivíduos referentes ao estatuto sócio-económico alto, médio e baixo:

Quadro 2 - Percentagem de indivíduos pertencentes ao estatuto sócio-económico alto, médio e baixo.

Estatuto Sócio-económico	**Percentagem (%)**
Alto	17,5%
Médio	54,2%
Baixo	28,3%

O Quadro 2, revela que mais de metade da amostra (54,2%) pertence ao estatuto sócio-económico médio, seguido de 28,3% de indivíduos pertencentes ao estatuto sócio-económico baixo e, por fim, a menor percentagem, para o estatuto sócio-ecónomico alto (17,5%).

1.3. Tipo de habitação, número de assoalhadas e número de pessoas em casa

Pretende-se, neste ponto, saber que tipo de habitação os elementos da nossa amostra possuem. As opções consistiram em: apartamento, moradia e outro.

Quadro 3 - Percentagem do número de indivíduos que possuem um dos Três tipos de habitação.

Tipo de habitação	Percentagem (%)
Apartamento	9,0%
Moradia	87,7%
Outro tipo	3,3%

De acordo com o Quadro 3, verificamos que a grande maioria dos indivíduos habita em moradia (87,7%).

Quadro 4 - Percentagem do número de assoalhadas das habitações dos inquiridos.

Número de assoalhadas	Percentagem (%)
1 assoalhada	36,3%
2 assoalhadas	41,5%
3 assoalhadas	21,7%
4 assoalhadas	0,5%

Verificamos que a maior percentagem de indivíduos habita num espaço de duas assoalhadas (41,5%).

Quadro 5 - Percentagem do número de pessoas com que os indivíduos vivem em casa.

Número de pessoas em casa	Percentagem (%)
2 pessoas	2,4%
3 pessoas	17,0%
4 ou + pessoas	80,2%

A análise do Quadro 5 permite-nos verificar que 80,2% dos inquiridos vivem com quatro ou mais pessoas em casa, destacando-se a menor percentagem para duas pessoas, com apenas 2,4%.

Quadro 6 - Percentagem do número de irmãos que os indivíduos têm.

Número de irmãos	Percentagem (%)
Um	47,2%
Dois	23,1%
Três	9,0%
Quatro ou +	9,4%

O presente, revela-nos que 47,2% da amostra têm apenas um irmão, seguido de 23,1% com dois irmãos, 9,4% com quatro ou mais irmãos e, em menor percentagem (9,0%), três irmãos.

1.4. Actividades de tempos livres

As actividades dos tempos livres serão apresentadas em três Quadros, dos quais vai-nos indicar o local privilegiado para a sua realização e o tipo de actividades realizadas dento e fora de casa. De sublinhar, ainda, que as actividades de tempos livres foram analisadas em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico.

Ordem de preferência pelo local preferido para a realização dos tempos livres, em função do sexo

A casa, a rua, a casa de amigos e o café, foram os locais preferidos, apontados pelos inquiridos, para ocupar os seus tempos livres. Assim, apresentaremos os Quadros 7 e 8, para os sexos masculino e feminino, respectivamente, no que respeita à ordem de preferências.

Quadro 7 - Percentagem de indivíduos do sexo masculino, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

Sexo masculino				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	79,7%	12,5%	3,1%	4,7%
Na rua	10,7%	50,0%	35,7%	3,6%
Casa de amigos	11,3%	26,4%	45,3%	15,1%
No café	4,8%	14,3%	19,0%	61,9%

Constatamos que, de acordo com a ordem de preferência dos indivíduos, a casa foi o local escolhido em primeiro lugar. Na segunda posição ficou a rua, na terceira a casa de amigos e, em quarto lugar o café. O item outros, apesar de não constar do Quadro 7, foi referenciado por cinco indivíduos, dos quais três (60%) afirmam que a biblioteca é também um local preferido por eles, para passarem os seus tempos livres e dois (40%) salientam a sede da banda de música como outro local para a prática dos mesmos.

Quadro 8 - Percentagem de indivíduos do sexo feminino, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

Sexo Feminino				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	83,3%	11,1%	4,9%	0,7%
Na rua	7,4%	33,3%	42,2%	17,0%
Casa de amigos	6,0%	50,7%	32,1%	10,4%
No café	5,3%	8,8%	22,1%	61,9%

No que concerne ao sexo feminino, verificamos que o primeiro lugar na ordem de preferência dos inquiridos recai, igualmente, para a casa (própria), em segundo lugar para a casa de amigos, em terceiro a rua e, em último lugar o café. As raparigas (n=9) também consideram outros locais como privilegiados para passar os tempos livres: bombeiros (22,2%), casa de familiares (11,1%) e a biblioteca (66,7%).

Ao analisarmos os dois sexos, concluímos que ambos seguem a mesma escala de preferências pelo local ideal para a realização dos tempos livres.

Os itens rua e em casa de amigos, revelaram diferenças estatisticamente significativas (χ^2=4,128, p=0,026; (χ^2=9,584, p=0,048; respectivamente).

Ordem de preferência pelo local preferido para a realização dos tempos livres, em função da idade

Os Quadros 9, 10 e 11, abaixo apresentados, dizem respeito à escala de preferências dos locais de ocupação dos tempos livres, dos indivíduos do nosso estudo, segundo as faixas etárias.

Quadro 9 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

(I) 14 a 15 anos				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	78,5%	15,4%	6,2%	0%
Na rua	10,3%	24,1%	44,8%	20,7%
Casa de amigos	10,0%	55,0%	30,0%	5,0%
No café	2,2%	6,5%	21,7%	67,4%

As idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, no que respeita à ordem de preferências pelo local escolhido para a realização dos tempos livres, optaram, em primeiro

lugar, pela casa própria, seguido pela casa de amigos, pela rua e, por fim, pelo café. Outros locais, apesar de não constaram no Quadro 9, também foram referenciados por cinco indivíduos, dos quais quatro (80%) salientaram a biblioteca e apenas um (20%), os bombeiros.

Quadro 10 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

(II) 16 a 17 anos				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	85,0%	9,3%	2,8%	2,8%
Na rua	8,7%	48,1%	33,7%	9,6%
Casa de amigos	6,1%	36,4%	42,4%	14,1%
No café	4,7%	10,5%	22,1%	61,6%

Relativamente ao grupo número dois (16 e 17 anos), a primeira opção recaiu, tal como no I grupo, em casa, em segundo lugar na rua, em terceiro em casa de amigos e, em quarto lugar no café. A casa de familiares e a biblioteca foram, ainda, considerados por 1,9% do total da amostra (n=1 e n=3, respectivamente), locais ideais para passar os seus tempos livres.

Quadro 11 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

(III) 18 a 20 anos				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	80,6%	11,1%	5,6%	2,8%
Na rua	3,4%	31,0%	55,2%	10,3%
Casa de amigos	7,1%	46,4%	25,0%	17,9%
No café	13,0%	17,4%	17,4%	52,2%

A faixa etária entre os 18 e os 20 anos, atribuiu o primeiro lugar para a casa própria, o segundo para a casa de amigos, o terceiro para a rua e o quarto lugar para o café. Foram, ainda, sugeridos pelos inquiridos mais três

locais para a realização dos tempos livre, que passamos a destacar: bombeiros, por o,47% de indivíduos (n=1); sede da banda de música, por 0,94% (n=2) e a biblioteca, também por 0,94% de indivíduos(n=2).

Analisando as três faixas etárias, podemos assinalar que tanto no primeiro como no terceiro grupo de idades, a ordem de preferências pelos locais seleccionados, para a realização das actividades dos tempos livres foi idêntica. A faixa de idades entre os 16 e os 17 anos, apenas diferiu dos outros na segunda e terceira posições.

Para finalizar, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas no item rua (χ^2=13,874; p= 0,031).

Ordem de preferência pelo local preferido para a realização dos tempos livres, em função do estatuto sócio-económico

Os locais escolhidos pelos sujeitos de diferentes estratos sociais, pertencentes à nossa amostra, para a realização dos tempos livres, foram: a casa, a rua, a casa de amigos e o café. Os Quadros 12, 13 e 14, seguem uma ordem de preferência, no que concerne ao local privilegiado.

Quadro 12 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico alto, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

	Estatuto sócio-económico alto			
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4°lugar
Em casa	75,7%	18,9%	5,4%	0%
Na rua	13,9%	36,1%	41,7%	8,3%
Casa de amigos	9,1%	30,3%	39,4%	15,2%
No café	0%	22,2%	11,1%	66,7%

De acordo com o estatuto sócio-económico alto, a casa própria continua a ser, na ordem de preferência dos

inquiridos, o local privilegiado para a realização das actividades dos tempos livres. O segundo e o terceiro lugares foram atribuídos para a rua e, em quarto lugar para o café. Convém referir que, a terceira posição na escala de preferências; a casa de amigos; apesar de ter uma percentagem muito próxima da da rua, não obteve nenhuma classificação.

Apesar de não se encontrar referido no Quadro 12, o item outros locais, foi referenciado por 1,8% de indivíduos: bombeiros (n=1), sede da banda de música (n=1) e a biblioteca (n=2).

Quadro 13 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico médio, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

Estatuto sócio-económico médio				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	82,3%	12,4%	2,7%	2,7%
Na rua	7,8%	36,9%	38,8%	16,5%
Casa de amigos	7,8%	46,6%	35,0%	10,7%
No café	6,9%	8,0%	26,4%	58,6%

A classe social média, seleccionou, em primeiro lugar, a casa própria, em segundo a casa de amigos, seguido da rua e, por último o café. A sede da banda de música (n=1), a casa de familiares (n=1) e a biblioteca (n=5), foram também considerados, por 3,3% de sujeitos, outros locais para passar os tempos livres.

Quadro 14 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico baixo, de acordo com a ordem de preferência pelo local preferido nos tempos livres.

Estatuto sócio-económico baixo				
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4°lugar**
Em casa	86,2%	5,2%	6,9%	1,7%
Na rua	5,8%	42,3%	42,3%	9,6%
Casa de amigos	5,9%	47,1%	35,3%	11,8%
No café	4,9%	7,3%	17,1%	65,9%

O estatuto sócio-económico baixo, com a mesma ordem de preferência da classe social média, optou para primeiro lugar a casa própria, para segundo a casa de amigos, em seguida para a rua e para o café.

Quando comparados os diferentes estratos sociais, verificamos que os estatutos sócio-económico médio e baixo têm gostos muito idênticos, isto é, optam pelos mesmos locais para a prática dos seus tempos livres. O estatuto sócio-económico alto, apesar de ter uma escala diferente dos restantes, no que respeita ao segundo e terceiro lugares, no primeiro e quarto lugares também optou pelos mesmos locais para a realização dos tempos livres.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as classes sociais.

Ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa, em função do sexo

Neste ponto, revelamos a escala de preferências, atribuídas pelos sujeitos dos sexos masculino e feminino, no que respeita às actividades dos tempos livres realizadas dentro de casa. Para o efeito, apresentamos os Quadros 15 e 16.

Quadro 15 - Percentagem de indivíduos do sexo masculino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

	Sexo masculino					
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar
Jogar computador	42,9%	16,1%	14,3%	8,9%	7,1%	10,7%
Ouvir música	32,2%	39,0%	18,6%	6,8%	3,4%	0%
Estudar	17,4%	28,3%	10,9%	26,1%	10,9%	6,5%
Ajudar nas tarefas de casa	9,1%	13,6%	18,2%	13,6%	25,0%	20,5%
Ver T.V.	16,1%	16,1%	40,3%	16,1%	8,1%	3,2%
Ler	0%	4,8%	7,1%	16,7%	31,0%	38,1%

Para o sexo masculino, jogar computador foi, entre outras, a primeira actividade realizada dentro de casa, seleccionada pela maior percentagem de indivíduos do nosso estudo. O segundo, terceiro, quarto, quinto e sexto lugares, foram, respectivamente, atribuídos às seguintes actividades: ouvir música, ver televisão, estudar e ler. Não obstante a ausência de referência no quadro 15, tocar viola (n=1) e tocar saxofone (n=3), foram considerados, por 1,8% de sujeitos da amostra, outras actividades realizadas dentro de casa na ocupação dos seus tempos livres.

Quadro 16 - Percentagem de indivíduos do sexo feminino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

Sexo feminino						
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4° lugar**	**5° lugar**	**6° lugar**
Jogar computador	6,9%	3,9%	7,8%	9,8%	7,1%	52,9%
Ouvir música	38,7%	25,4%	11,3%	15,5%	7,0%	2,1%
Estudar	20,6%	29,4%	27,2%	11,8%	8,1%	2,9%
Ajudar nas tarefas de casa	21,5%	18,5%	21,5%	22,3%	10,8%	5,4%
Ver T.V.	17,3%	23,7%	29,5%	18,7%	9,4%	1,4%
Ler	3,4%	6,8%	10,2%	16,9%	42,4%	18,6%

O sexo feminino optou, em primeiro lugar, por ouvir música, em segundo por estudar, em terceiro por ver televisão, em quarto por ajudar nas tarefas de casa, em quinto pela leitura e em sexto, por jogar computador. Desenhar (n=1), tocar clarinete (n=1), tocar saxofone (n=1), conviver com a família (n=1), bordar (n=1) e escrever (n=5), perfazem outras actividades de ocupação dos tempos livres, desenvolvidas por 4,7% dos elementos da nossa pesquisa.

Ao compararmos os dois sexos, constatamos imediatamente que o primeiro lugar da ordem de preferência das actividades realizadas nos tempos livres, dentro de

das actividades realizadas nos tempos livres, dentro de casa, para o sexo masculino é, precisamente, o último lugar da ordem de preferência para o sexo feminino. No entanto, ver televisão teve a mesma ordem de preferência para ambos os sexos. As actividades jogar computador e ajudar nas tarefas de casa, em função do sexo, apresentaram diferenças estatisticamente significativas (χ^2=52,259, p=0,000; χ^2=17,347; p=0,004; respectivamente).

Ordem de preferência das actividades nos tempos livres dentro de casa, em função da idade

As preferências pelas actividades dos tempos livres realizadas dentro de casa, obtiveram uma escala de selecção, nos diferentes escalões etários. Essa ordem de preferências, será analisada através dos quadros 17, 18 e 19.

Quadro 17 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

(I) 14 a 15 anos						
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar
Jogar computador	15,2%	8,7%	10,9%	2,2%	17,4%	43,5%
Ouvir música	38,3%	30,0%	6,7%	15,0%	8,3%	1,7%
Estudar	18,6%	23,7%	25,4%	16,9%	13,6%	1,7%
Ajudar nas tarefas de casa	18,9%	18,9%	18,9%	20,8%	15,1%	7,5%
Ver T.V.	18,8%	25,0%	34,4%	14,1%	6,3%	1,6%
Ler	3,8%	3,8%	9,6%	25,0%	30,8%	26,9%

De acordo com a escala de preferências das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa, o primeiro grupo de idades (14 a 15 anos) revelou que ouvir música consistiu na primeira e segunda opção, apresentando maior percentagem de sujeitos. Segue-se, na terceira posição, ver televisão, na quarta e na quinta ordem de preferências, a

actividade de leitura e, na última posição, jogar computador. Tocar saxofone (n=1), conviver com a família (n=1) e escrever (n=2), foram outras actividades apresentadas por 1,8% dos sujeitos do nosso estudo.

Quadro 18 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

(II) 16 a 17 anos						
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4° lugar**	**5° lugar**	**6° lugar**
Jogar computador	19,8%	8,1%	9,3%	11,6%	14,0%	37,2%
Ouvir música	35,8%	26,4%	15,1%	14,2%	6,6%	1,9%
Estudar	19,8%	28,1%	26,0%	16,7%	6,3%	3,1%
Ajudar nas tarefas de casa	17,9%	17,9%	20,0%	20,0%	13,7%	10,5%
Ver T.V.	18,3%	21,2%	31,7%	17,3%	8,7%	2,9%
Ler	1,2%	9,5%	7,1%	14,3%	45,2%	20,2%

Relativamente à faixa de idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, o primeiro lugar foi ocupado pela música, seguido de estudar, ver televisão, ajudar nas tarefas de casa, ler e, por fim, jogar computador. De referir ,ainda, que actividades como: tocar viola (n=1),tocar clarinete (n=1), tocar saxofone (n=2), bordar (n=1) e escrever (n=1), foram apontadas por 2,8% dos indivíduos, como outro tipo de actividades realizadas dentro de casa, na ocupação dos tempos livres.

Quadro 19 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos , de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

(III) 18 a 20 anos						
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4° lugar**	**5° lugar**	**6° lugar**
Jogar computador	26,9%	7,7%	11,5%	15,4%	7,7%	30,8%
Ouvir música	37,1%	37,1%	20,0%	5,7%	0%	0%
Estudar	22,2%	44,4%	7,4%	7,4%	7,4%	11,1%
Ajudar nas tarefas de casa	19,2%	11,5%	26,9%	19,2%	15,4%	7,7%
Ver T.V.	9,1%	15,2%	33,3%	27,3%	15,2%	0%
Ler	4,2%	0%	16,7%	8,3%	37,5%	29,2%

O Quadro número 19, relacionado com o III grupo de idades (18 a 20 anos), revela que, na ordem de preferências, ouvir música ocupa o primeiro lugar, seguido de estudar, ver televisão, em terceiro e quarto lugares, em quinto, os indivíduos preferem a leitura e, em sexto, jogar computador. 1,4% dos sujeitos da amostra (m=3), consideraram, ainda, o acto de desenhar e de escrever como outras actividades realizadas dentro de casa para ocupar os seus tempos livres.

Comparando as três faixas etárias, verificamos que a primeira, a terceira, a quinta e a sexta ordem de preferências das actividades realizadas dentro de casa, na ocupação dos tempos livres, foram as mesmas, embora com valores diferentes, para ambos os grupos.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os três escalões etários.

Ordem de preferência das actividades nos tempos livres dentro de casa, em função do estatuto sócio-económico

A escala de preferências das actividades dos tempos livres, realizadas dentro de casa, será apresentada nos Quadros 20, 21 e 22, referentes aos estratos sociais alto, médio e baixo, respectivamente.

Quadro 20 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico alto, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

Estatuto sócio-económico alto						
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**4° lugar**	**5° lugar**	**6° lugar**
Jogar computador	25,0%	6,3%	3,1%	0%	15,6%	46,9%
Ouvir música	25,0%	41,7%	13,9%	19,4%	0%	0%
Estudar	25,0%	18,8%	25,0%	21,9%	6,3%	3,1%
Ajudar nas tarefas de casa	17,9%	10,7%	17,9%	17,9%	28,6%	7,1%
Ver T.V.	14,3%	22,9%	34,3%	22,9%	5,7%	0%
Ler	3,6%	10,7%	14,3%	10,7%	35,7%	21,4%

Tendo como referência o estatuto sócio-económico alto, constatamos que a primeira preferência recaiu para três actividades, nomeadamente: jogar computador, ouvir música e estudar, obtendo a mesma percentagem de indivíduos (25%). A segunda preferência foi atribuída, novamente, para a música, a terceira e a quarta, ver televisão, a quinta, para ler e a sexta, de novo, para jogar computador. Foram eleitas, por 1,8% dos sujeitos, outras actividades na ocupação dos tempos livres dentro de casa, detacando-se: desenhar (n=1), tocar saxofone (n=1) e escrever (n=2).

Quadro 21 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico médio, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

Estatuto sócio-económico médio						
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar
Jogar computador	20,0%	8,2%	14,1%	8,2%	14,1%	35,3%
Ouvir música	42,7%	26,4%	12,7%	10,0%	5,5%	2,7%
Estudar	13,0%	33,0%	21,0%	17,0%	13,0%	3,0%
Ajudar nas tarefas de casa	17,9%	18,9%	20,0%	18,9%	14,7%	9,5%
Ver T.V.	16,5%	19,3%	33,0%	18,3%	10,1%	2,8%
Ler	3,3%	4,4%	8,9%	18,9%	34,4%	28,9%

No que respeita ao estatuto sócio-económico médio, a ordem de preferências foi atribuída, em primeiro lugar, para a actividade ouvir música; em segundo, para estudar; em terceiro, para ver televisão; em quarto, para ajudar nas tarefas de casa e ler; em quinto, novamente, para a leitura e, em sexto, para jogar computador. Tocar viola (n=1), tocar saxofone (n=2), conviver com a família (n=1), bordar (n=1) e escrever (n=2), foram outras actividades consideradas por 3,3% dos indivíduos da nossa amostra.

Quadro 22 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico baixo, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas dentro de casa.

Estatuto sócio-económico baixo						
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar
Jogar computador	14,6%	9,8%	7,3%	19,5%	12,2%	38,0%
Ouvir música	32,7%	27,3%	14,5%	14,5%	10,9%	0%
Estudar	30,0%	28,0%	26,0%	8,0%	2,0%	6,0%
Ajudar nas tarefas de casa	19,6%	17,6%	23,5%	23,5%	5,9%	9,8%
Ver T.V.	19,3%	24,6%	31,6%	14,0%	8,8%	1,8%
Ler	0%	7,1%	7,1%	16,7%	52,4%	14,3%

Quanto ao estatuto sócio-económico baixo, ouvir música, estudar, ver televisão, ajudar nas tarefas de casa, ler e jogar computador, foram as actividades seleccionadas, por ordem crescente, pelos nossos inquiridos. Outras actividades como por exemplo: tocar clarinete (n=1) e escrever (n=1), foram apenas seleccionadas por 0,94% dos indivíduos.

De um modo geral , analisando os Quadros 20, 21 e 22, constatamos que ouvir música foi, sem dúvida, uma das actividades preferidas pelos sujeitos da nossa pesquisa, para passar os tempos livres dentro de casa. Em contrapartida, jogar computador foi das últimas actividades escolhidas pelos indivíduos para ocupar os seus tempos de lazer. De sublinhar que os indivíduos pertencentes ao estatuto sócio-económico alto não inseriram a actividade ajudar nas tarefas de casa na ordem de preferências.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes estatutos sócio-económicos.

Ordem de preferência das actividades nos tempos livres fora de casa, em função do sexo

Neste ponto, apresentaremos a escala de preferências, em função do sexo, atribuída às actividades dos tempos livres realizadas fora de casa, através dos Quadros 23 e 24.

Quadro 23 - Percentagem de indivíduos do sexo masculino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

	Sexo masculino									
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar
Praticar desporto	50,0%	20,0%	24,0%	4,0%	0%	2,0%	0%	0%	0%	0%
Ouvir música	14,9%	34,0%	14,9%	12,8%	14,9%	4,3%	4,3%	0%	0%	0%
Conversar	42,1%	17,5%	22,8%	7,0%	7,0%	0%	1,8%	0%	1,8%	0%
Estudar	0%	18,9%	21,6%	21,6%	10,8%	2,7%	13,5%	2,7%	5,4%	2,7%
Ir ao futebol	5,3%	21,1%	7,9%	21,1%	18,4%	7,9%	0%	5,3%	13,2%	0%
Ir ao cinema/teatro	6,8%	13,6%	18,2%	25,0%	9,1%	11,4%	4,5%	11,4%	0%	0%
Não fazer nada	2,7%	5,4%	13,5%	5,4%	8,1%	16,2%	13,5%	18,9%	13,5%	2,7%
Ir à praia	3,3%	0%	3,3%	6,7%	3,3%	16,7%	30,0%	16,7%	16,7%	3,3%
Estar no café	5,0%	10,0%	7,5%	10,0%	22,5%	20,0%	7,5%	10,0%	7,5%	0%
Não sei	7,7%	7,7%	7,7%	7,7%	7,7%	7,7%	7,7%	7,7%	15,4%	30,8%

O sexo masculino apresentou, como actividades dos tempos livres realizadas fora de casa, a seguinte ordem de preferências: em primeiro, praticar desporto, em segundo, ouvir música, em terceiro, novamente praticar desporto, em quarto, ir ao cinema/teatro, em quinto e sexto, estar no café, em sétimo, ir à praia, em oitavo, não fazer nada, em nono, ir à praia e, em décimo lugares, o item não sei.

Quadro 24 - Percentagem de indivíduos do sexo feminino, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

Sexo feminino

	1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar	6º lugar	7º lugar	8º lugar	9º lugar	10º lugar
Praticar desporto	4,0%	8,1%	9,1%	20,2%	18,5%	10,1%	12,1%	14,1%	3,0%	1,0%
Ouvir música	9,4%	28,9%	30,5%	20,3%	7,8%	1,6%	0,8%	0,8%	0%	0%
Conversar	69,9%	18,5%	8,9%	0,7%	0,7%	1,4%	0%	0%	0%	0%
Estudar	9,2%	25,8%	23,3%	14,2%	8,3%	7,5%	5,0%	5,0%	0,8%	0,8%
Ir ao futebol	0%	5,5%	12,3%	12,3%	17,8%	12,3%	9,6%	13,7%	15,1%	1,4%
Ir ao cinema/teatro	1,9%	23,8%	17,1%	15,2%	11,4%	15,2%	6,7%	6,7%	1,9%	0%
Não fazer nada	2,4%	4,7%	12,9%	10,6%	9,4%	8,2%	16,5%	7,1%	25,9%	2,4%
Ir à praia	1,3%	0%	2,6%	7,9%	22,4%	14,5%	17,1%	18,4%	15,8%	0%
Estar no café	14,0%	11,8%	14,0%	12,9%	7,5%	17,2%	11,8%	7,5%	3,2%	0%
Não sei	0%	0%	4,3%	4,3%	17,4%	0%	4,3%	8,7%	13,0%	47,8%

Em relação ao sexo feminino, as preferências seguem uma ordem diferente das do masculino, destacando-se: conversar, em segundo, terceiro e quarto lugares, ouvir música, em quinto, ir à praia, seguido de estar no café, em sétimo e oitavo, mais uma vez, ir à praia, em nono, não fazer nada e em último lugar, os indivíduos referiram não saber o que responder.

Comparando os dois sexos, verificamos que algumas actividades não seguiram nenhuma ordem de preferência. No caso do sexo masculino, as actividades foram: estudar e ir ao futebol e no sexo feminino foram: estudar, ir ao futebol e ir ao cinema/teatro. Apercebemo-nos, ainda, que a primeira ordem de preferências diferiu nos dois sexos. Não obstante, a última preferência consistiu na mesma.

Encontraram-se diferenças estatisticamente significativas nas seguintes actividades: praticar desporto (χ^2=78,303; p=0,000), conversar (χ^2=30,549; p=0,000) e ir ao futebol (χ^2=17,477; p=0,042).

Ordem de preferência das actividades nos tempos livres fora de casa, em função da idade

A escala de preferências atribuída às actividades dos tempos livres, realizadas fora de casa, serão analisadas em função da idade. Para o efeito, utilizamos os Quadros números 25, 26 e 27.

Quadro 25 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

(I) 14 a 15 anos

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar
Praticar desporto	18,4%	12,2%	8,2%	20,4%	14,3%	6,1%	10,2%	8,2%	2,0%	0%
Ouvir música	10,9%	34,5%	32,7%	10,9%	7,3%	1,8%	1,8%	0%	0%	0%
Conversar	68,9%	16,4%	13,1%	0%	1,6%	0%	0%	0%	0%	0%
Estudar	7,3%	18,2%	27,3%	18,2%	5,5%	5,5%	10,9%	3,6%	1,8%	1,8%
Ir ao futebol	0%	10,8%	10,8%	18,9%	21,6%	16,2%	2,7%	8,1%	10,8%	0%
Ir ao cinema/teatro	2,4%	19,0%	16,7%	26,2%	4,8%	14,3%	7,1%	7,1%	2,4%	0%
Não fazer nada	0%	5,1%	12,8%	7,7%	15,4%	10,3%	23,1%	10,3%	15,4%	0%
Ir à praia	0%	0%	0%	6,5%	12,9%	12,9%	12,9%	25,8%	29,0%	0%
Estar no café	7,7%	15,4%	5,1%	7,7%	12,8%	23,1%	5,1%	15,4%	7,7%	0%
Não sei	0%	0%	0%	14,3%	28,6%	14,3%	0%	0%	0%	42,9%

Os indivíduos com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos apresentaram, por ordem crescente, as seguintes preferências, no que se refere às actividades dos tempos livres realizadas fora de casa: conversar, ouvir música (em segundo e terceiro lugares), ir ao cinema/teatro, não sei, estar no café, não fazer nada, ir à praia (em oitavo e nono) e, em décimo lugar, novamente, o item não sei.

Quadro 26 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

(II) 16 a 17 anos

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar
Praticar desporto	20,5%	12,8%	15,4%	10,3%	14,1%	6,1%	10,2%	8,2%	2,0%	0%
Ouvir música	9,0%	30,3%	20,2%	24,7%	11,2%	3,4%	0%	1,1%	0%	0%
Conversar	61,1%	15,7%	12,0%	4,6%	3,7%	0,9%	0,9%	0%	0,9%	0%
Estudar	6,4%	25,6%	21,8%	14,1%	7,7%	9,0%	6,4%	6,4%	2,6%	0%
Ir ao futebol	3,4%	12,1%	13,8%	15,5%	13,8%	8,6%	10,3%	6,9%	13,8%	1,7%
Ir ao cinema/teatro	3,6%	22,9%	15,7%	13,3%	14,5%	14,5%	4,8%	9,6%	1,2%	0%
Não fazer nada	3,2%	4,8%	16,1%	11,3%	8,1%	11,3%	9,7%	11,3%	21,0%	3,2%
Ir à praia	0%	0%	5,6%	5,6%	18,5%	13,0%	25,9%	16,7%	13,0%	1,9%
Estar no café	11,4%	10,0%	15,7%	15,7%	11,4%	18,6%	11,4%	2,9%	2,9%	0%
Não sei	6,7%	6,7%	13,3%	0%	6,7%	0%	6,7%	0%	20,0%	40,0%

O Quadro 26, referente ao II grupo de idades (16 a 17 anos), constatou que, o primeiro lugar na escala de preferência das actividades dos tempos livres, fora de casa, foi atribuído ao item conversar. Ouvir música ocupou o segundo lugar, em terceiro estudar e ouvir música, novamente, em quarto lugar. Seguiram-se os itens ir à praia e estar no café. Em sétimo e oitavo lugares, surgiu, novamente, o item ir à praia e nos dois últimos lugares o item não fazer nada e não sei.

Quadro 27 - Percentagem de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

(III) 18 a 20 anos

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar
Praticar desporto	18,2%	9,1%	22,7%	18,2%	0%	18,2%	4,5%	4,5%	0%	4,5%
Ouvir música	16,1%	22,6%	32,3%	12,9%	9,7%	0%	6,5%	0%	0%	0%
Conversar	52,9%	29,4%	14,7%	0%	0%	2,9%	0%	0%	0%	0%
Estudar	8,3%	33,3%	16,7%	16,7%	20,8%	0%	0%	0%	0%	4,2%
Ir ao futebol	0%	6,3%	0%	6,3%	25,0%	6,3%	0%	31,3%	25,0%	0%
Ir ao [illegible]	4,2%	16,7%	25,0%	20,8%	8,3%	12,5%	8,3%	4,2%	0%	0%

cinema/teatro										
Não fazer nada	4,8%	4,8%	4,8%	4,8%	0%	9,5%	19,0%	9,5%	38,1%	4,8%
Ir à praia	9,5%	0%	0%	14,3%	19,0%	23,8%	19,0%	9,5%	4,8%	0%
Estar no café	16,7%	8,3%	12,5%	8,3%	12,5%	8,3%	16,7%	12,5%	4,2%	0%
Não sei	0%	0%	0%	7,1%	14,3%	0%	0%	21,4%	14,3%	42,9%

No que respeita à faixa etária entre os 18 e os 20 anos, a actividade conversar foi considerada, por 52,9% de indivíduos, a primeira opção na ordem de preferências. Em seguida, estudar ocupou o segundo, ouvir música terceiro e em quarto lugar ir ao cinema/teatro. Como quinta opção, a preferência foi para a actividade ir ao futebol e, em sexto, ir à praia. As actividades não fazer nada e, novamente, ir à praia, ir ao futebol, ir ao cinema/teatro o item não sei, ocuparam, respectivamente, o sétimo, oitavo, nono e décimo lugares na escala de preferências.

Comparando os três escalões etários, verificamos que a primeira, a terceira e a décima ordem de preferências das actividades dos tempos livres, realizadas fora de casa, foram as mesmas.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos de idades.

Ordem de preferência das actividades de tempos livres fora de casa, em função do estatuto sócio-económico

Os indivíduos pertencentes aos diferentes estratos sociais, apresentaram, através dos Quadros 28, 29 e 30, abaixo esquematizados, uma escala de preferências, no que concerne às actividades dos tempos livres, realizadas fora de casa.

Quadro 28 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico alto, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

Estatuto sócio-económico alto

	1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar	6º lugar	7º lugar	8º lugar	9º lugar	10º lugar
Praticar desporto	14,3%	7,1%	21,4%	21,4%	3,6%	7,1%	10,7%	10,7%	3,6%	0%
Ouvir música	8,8%	29,4%	35,3%	8,8%	11,8%	2,9%	2,9%	0%	0%	0%
Conversar	58,3%	25,0%	11,1%	5,6%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Estudar	10,0%	30,0%	20,0%	16,7%	10,0%	3,3%	3,3%	6,7%	0%	0%
Ir ao futebol	0%	5,3%	10,5%	10,5%	10,5%	15,8%	10,5%	26,3%	5,3%	5,3%
Ir ao cinema/teatro	3,8%	11,5%	3,8%	30,8%	19,2%	15,4%	3,8%	11,5%	0%	0%
Não fazer nada	0%	4,8%	19,0%	9,5%	4,8%	9,5%	9,5%	9,5%	33,3%	0%
Ir à praia	0%	0%	0%	5,6%	16,7%	22,2%	22,2%	11,1%	22,2%	0%
Estar no café	20,0%	8,0%	8,0%	4,0%	20,0%	16,0%	20,0%	4,0%	0%	0%
Não sei	0%	0%	0%	0%	16,7%	0%	0%	8,3%	16,7%	58,3%

Através do quadro 28, relativo ao estatuto sócio-económico alto, a ordem de preferência recaiu, na primeira posição, para a conversa, em seguida para o estudo, ouvir música, ir ao cinema/teatro, estar no café, ir à praia (em sexto e sétimo lugares), ir ao futebol, não fazer nada e, o item não sei, a ocupar o décimo lugares.

Quadro 29 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico médio, de acordo com a ordem de preferência das actividades dos tempos livres realizadas fora de casa.

Estatuto sócio-económico médio

	1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar	6º lugar	7º lugar	8º lugar	9º lugar	10º lugar
Praticar desporto	25,9%	11,1%	9,9%	9,9%	16,0%	9,9%	4,9%	9,9%	1,2%	1,2%
Ouvir música	13,8%	33,0%	22,3%	14,9%	11,7%	3,2%	1,1%	0%	0%	0%
Conversar	59,6%	19,3%	13,8%	1,8%	3,7%	0%	0,9%	0%	0,9%	0%
Estudar	7,4%	17,3%	27,2%	16,0%	8,6%	4,9%	8,6%	4,9%	3,7%	1,2%
Ir ao futebol	1,7%	15,0%	15,0%	18,3%	15,0%	10,0%	5,0%	8,3%	11,7%	0%
Ir ao cinema/teatro	2,5%	26,3%	16,3%	21,3%	7,5%	10,0%	5,0%	8,8%	2,5%	0%
Não fazer nada	1,6%	1,6%	12,5%	14,1%	7,8%	15,6%	18,8%	7,8%	18,8%	1,6%
Ir à praia	1,8%	0%	3,6%	8,9%	14,3%	14,3%	23,2%	17,9%	14,3%	1,8%
Estar no café	7,1%	11,4%	14,3%	11,4%	11,4%	18,6%	8,6%	8,6%	8,6%	0%
Não sei	5,6%	0%	11,1%	11,1%	11,1%	0%	11,1%	5,6%	5,6%	38,9%

Tendo como referência a classe social média, conversar surgiu, tal como no Quadro 28, em primeiro lugar na ordem de preferências das actividades dos tempos livres, realizadas fora de casa. Ouvir música, estudar, ir ao cinema/teatro, praticar desporto, estar no café, ir à praia, corresponderam, respectivamente, ao segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo lugares. Mais uma vez, a actividade ir à praia apresentou-se na oitava posição. Não fazer nada e não sei, ocuparam os dois últimos lugares na escala de preferências dos elementos da nossa amostra.

Quadro 30 - Percentagem de indivíduos com estatuto sócio-económico baixo, de acordo com a ordem de preferência das actividades nos tempos livres realizadas fora de casa.

Estatuto sócio-económico baixo										
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar
Praticar desporto	10,0%	17,5%	17,5%	20,0%	10,0%	2,5%	12,5%	7,5%	2,5%	0%
Ouvir música	6,4%	25,5%	27,7%	31,9%	4,3%	0%	2,1%	2,1%	0%	0%
Conversar	69,0%	12,1%	12,1%	1,7%	1,7%	3,4%	0%	0%	0%	0%
Estudar	4,3%	32,6%	17,4%	15,2%	8,7%	10,9%	6,5%	2,2%	0%	2,2%
Ir ao futebol	3,1%	6,3%	3,1%	12,5%	28,1%	9,4%	6,3%	6,3%	25,0%	0%
Ir ao cinema/teatro	4,7%	16,3%	27,9%	4,7%	11,6%	20,9%	9,3%	4,7%	0%	0%
Não fazer nada	5,4%	10,8%	10,8%	0%	13,5%	2,7%	13,5%	16,2%	21,6%	5,4%
Ir à praia	3,1%	0%	3,1%	6,3%	21,9%	12,5%	15,6%	21,9%	15,6%	0%
Estar no café	13,2%	13,2%	10,5%	18,4%	7,9%	18,4%	7,9%	10,5%	0%	0%
Não sei	0%	16,7%	0%	0%	16,7%	0%	0%	16,7%	33,3%	16,7%

No que respeita ao Quadro número 30, relativo ao estrato social baixo, as actividades seleccionadas foram: conversar, estudar, ir ao cinema/teatro, ouvir música e ir ao futebol. Ir ao cinema/teatro, surgiu, novamente, em sexto lugar. De seguida, os indivíduos sugeriram a actividade ir à praia, para ocupar o sétimo e oitavo lugares. A nona e décima posição foi atribuída para a mesma actividade, denominada de não sei.

Comparando os diferentes estratos sócio-económicos, a primeira, a sétima e a décima posição na escala de preferências das actividades do tempos livres, realizadas fora de casa, verificou-se em ambos as classes sociais.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os estatutos sócio-económicos alto, médio e baixo.

1.5. Incentivos materiais

Neste ponto, pretendemos analisar o tipo de bens e incentivos materiais que os indivíduos possuem, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico.

Percentagem de incentivos materiais em função do sexo

Já referido anteriormente, pretende-se constatar os incentivos materiais possuídos pelos indivíduos dos sexos masculino e feminino.

Quadro 31 - Percentagem de bens materiais que os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino possuem.

Incentivos materiais	Sexo masculino	Sexo feminino
Bicicleta	92,3%	89,8%
Aparelho HI-FI	72,3%	56,5%
Máquina Fotográfica	72,3%	84,4%
Vídeo	75,4%	54,4%
Mota	49,2%	16,4%
CDI	41,5%	32,9%
Televisão	92,3%	94,6%
Computador	83,1%	59,2%
Skate	20,0%	4,1%
Carro	55,4%	43,5%
Jogos electrónicos	69,2%	27,2%
Patins	20,0%	26,5%

Após a leitura do Quadro 31, apercebemo-nos que, nos dois sexos, a televisão foi um dos bens materiais que obteve valores percentuais superiores, isto é, a quase totalidade da amostra possui televisão. De sublinhar que, para o sexo masculino, a bicicleta também se apresenta com valor elevado (92,3%). Em contrapartida, o skate, foi o bem material que obteve percentagens inferiores.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nos seguintes bens materiais: aparelho HI-FI (χ^2=4,771; p=0,029), máquina fotográfica (χ^2=4,193; p=0,041), vídeo (χ^2=8,314; p=0,004), mota (χ^2=24,807; p=0,000), computador (χ^2=11,552; p=0,001), skate (χ^2=13,998; p=0,000) e jogos electrónicos (χ^2=33,132; p=0,000).

Percentagem de incentivos materiais em função da idade

Através do Quadro número 32, pretendemos analisar os bens materiais que os indivíduos, com faixas etárias entre os 14 e os 20 anos, possuem.

Quadro 32 - Percentagem de bens materiais que os indivíduos possuem nos três grupos de idades.

Incentivos materiais	(I) 14 a 15 anos	(II) 16 a 17 anos	(III) 18 a 20 anos
Bicicleta	87,7%	93,7%	86,1%
Aparelho HI-FI	53,8%	63,1%	69,4%
Máquina Fotográfica	81,5%	81,1%	77,8%
Vídeo	61,5%	55,9%	75,0%
Mota	26,7%	25,2%	25,0%
CDI	34,4%	36,0%	36,1%
Televisão	100,0%	91,0%	91,7%
Computador	60,0%	70,3%	66,7%
Skate	10,8%	8,1%	8,3%
Carro	70,8%	38,7%	30,6%
Jogos electrónicos	41,5%	40,5%	36,1%
Patins	18,5%	27,9%	25,0%

Para a faixa de idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos e os 18 e os 20 anos, a televisão foi considerada, pela maioria dos sujeitos inquiridos, o incentivo material mais frequente. Para o II grupo de idades, o bem material que prevaleceu foi a bicicleta.

O incentivo material que obteve menor percentagem de sujeitos, foi atribuído ao skate, em todos os grupos de idades.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos de idades, em dois incentivos materiais: a televisão (χ^2=6,145; p=0,046) e o carro (χ^2=21,681; p=0,000).

Percentagem de incentivos materiais em função do estatuto sócio-económico

Apresentaremos, neste ponto, os bens materiais possuídos pelos indivíduos do nosso estudo, pertencentes aos estratos sociais alto, médio e baixo. Para o efeito, analisaremos as percentagens obtidas, através do Quadro número 33, abaixo aflorado.

Quadro 33 - Percentagem de bens materiais que os indivíduos com estatuto sócio-económico alto, médio e baixo possuem.

Incentivos materiais	E.S.E. alto	E.S.E. médio	E.S.E. baixo
Bicicleta	21,9%	93,0%	85,0%
Aparelho HI-FI	67,6%	60,9%	58,3%
Máquina Fotográfica	78,4%	83,5%	76,7%
Vídeo	59,5%	60,9%	61,7%
Mota	27,0%	27,2%	25,0%
CDI	45,9%	32,5%	35,0%
Televisão	91,9%	95,7%	91,7%
Computador	75,7%	68,7%	56,7%
Skate	2,7%	12,2%	6,7%
Carro	45,9%	48,7%	45,0%
Jogos electrónicos	48,6%	40,0%	35,0%
Patins	24,3%	25,2%	23,3%

Analisando o Quadro 33, constatamos que tanto a televisão como o skate, pertencem, respectivamente, aos bens materiais com maiores e menores valores percentuais, para todas as classes sociais.

De referir, que não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os estatutos sócio-económicos.

1.6. Actividades desportivas

Neste ponto, apresentaremos as modalidades desportivas que os indivíduos, pertencentes à nossa pesquisa, praticam e aquelas que gostariam de praticar. De sublinhar, que a análise será efectuada em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico.

Actividades desportivas que os indivíduos praticam e que os indivíduos gostariam de praticar, em função do sexo

Devido à elevada diversidade de actividades e modalidades desportivas apresentadas, apresentaremos dois Quadros 34 e 35, um para o sexo masculino e outro para o sexo feminino. Deste modo, é nossa intenção revelar as actividades desportivas que os sujeitos inquiridos praticam e, ainda, aquelas que gostariam de praticar.

Quadro 34 - Percentagem de indivíduos, do sexo masculino, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

Sexo masculino		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	68,6%	31,4%
Bodyboard	6,7%	93,3%
Ginástica	72,2%	27,8%
Rugby	0%	100,0%
Surf	3,6%	96,4%
Para-pente	3,4%	96,6%
Corrida de orientação	0%	100,0%
Basquetebol	73,3%	26,7%
Atletismo	69,2%	30,8%
Ténis	37,5%	62,5%
Motociclismo	9,4%	90,6%
Vela	5,9%	94,1%
Futebol	88,1%	11,9%
BTT	37,8%	62,2%
Natação	40,5%	59,5%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	10,7%	89,3%
Canoagem	0%	100,0%
Andebol	65,2%	34,8%
Windsurf	4,5%	95,5%
Mergulho	0%	100,0%

O Quadro número 34, revela que os indivíduos do sexo masculino, apontaram o futebol como sendo a actividade desportiva mais praticada e, com 0% de actividade, as modalidades: rugby, corrida de orientação, escalada, canoagem e mergulho. Relativamente às actividades desportivas que gostariam de praticar, as que obtiveram a totalidade dos sujeitos (100%) foram: rugby, corrida de orientação, escalada, canoagem e mergulho. Contudo, apesar de não constar do Quadro 34, acima explanado, o hip-hop foi considerado, por parte de dois rapazes, outras actividades desportivas que gostariam de praticar.

Quadro 35 - Percentagem de indivíduos, do sexo feminino, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

Sexo feminino		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	61,2%	38,8%
Bodyboard	0%	100,0%
Ginástica	38,5%	61,5%
Rugby	0%	100,0%
Surf	0%	100,0%
Para-pente	0%	100,0%
Corrida de orientação	20,0%	80,0%
Basquetebol	60,4%	39,6%
Atletismo	82,1%	17,9%
Ténis	13,6%	86,4%
Motociclismo	4,5%	95,5%
Vela	0%	100,0%
Futebol	67,2%	32,8%
BTT	26,3%	73,7%
Natação	29,3%	70,7%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	6,8%	93,2%
Canoagem	2,3%	97,7%
Andebol	60,0%	40,0%
Windsurf	0%	100,0%
Mergulho	1,6%	98,4%

No sexo feminino, o atletismo foi referido como a modalidade mais praticada e, em contrapartida, as modalidades: bodyboard, rugby, surf, para-pente, vela, escalada e windsurf, foram assinaladas com 0% de sujeitos. No que respeita às actividades desportivas que gostariam de praticar, as mais seleccionadas foram: bodyboard, rugby, surf, para-pente, vela, escalada e windsurf. De referir ainda que, mais uma vez, o hip-hop foi assinalado por seis raparigas, como outras actividades desportivas que gostariam de praticar.

Ante o exposto, verificamos que as modalidades mais praticadas diferem nos dois sexos. No entanto, verifica-se o inverso, no que concerne às actividades desportivas que gostariam de praticar. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nas seguintes modalidades desportivas: ginástica (χ^2=6,473; p=0,011), ténis (χ^2=7,289; p=0,007) e futebol (χ^2=6,070; p=0,014).

Actividades desportivas que os indivíduos praticam e que os indivíduos gostariam de praticar, em função da idade

Pretendemos abordar as actividades e modalidades desportivas praticadas pelos sujeitos nos diferentes escalões etários. Apresentaremos, ainda, as modalidades que gostariam de praticar, também em função da idade. Para isso, elaboramos três Quadros: 36, 37 e 38, que apresentaremos de seguida.

Quadro 36 - Percentagem de indivíduos, com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

(I) 14 a 15 anos		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	70,8%	29,2%
Bodyboard	0%	100,0%
Ginástica	51,4%	48,6%
Rugby	0%	100,0%
Surf	0%	100,0%
Para-pente	0%	100,0%
Corrida de orientação	0%	100,0%
Basquetebol	75,9%	24,1%
Atletismo	76,2%	23,8%
Ténis	16,2%	83,8%
Motociclismo	0%	100,0%
Vela	0%	100,0%
Futebol	81,6%	18,4%
BTT	4,3%	95,7%

Natação	35,7%	64,3%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	4,0%	96,0%
Canoagem	0%	100,0%
Andebol	66,7%	33,3%
Windsurf	0%	100,0%
Mergulho	0%	100,0%

O grupo I, referente à faixa de idades entre os 14 e os 15 anos, revelou que o futebol consistiu na modalidade mais praticada, obtendo por isso, um valor de 81,6%. Em menor percentagem (0%), surgiram as actividades desportivas: bodyboard, rugby, surf, para-pente, corrida de orientação, motociclismo, vela, escalada, canoagem, windsurf e mergulho. Estas modalidades foram, por sua vez, assinaladas pela totalidade da amostra como aquelas que os indivíduos gostariam de praticar. *O hip-hop* foi referido por 1,8% indivíduos no item outras actividades, como uma modalidade que estes gostariam de praticar.

Quadro 37 - Percentagem de indivíduos, com idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

(II) 16 a 17 anos		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	61,5%	38,5%
Bodyboard	3,3%	96,7%
Ginástica	36,8%	63,2%
Rugby	0%	100,0%
Surf	0%	100,0%
Para-pente	0%	100,0%
Corrida de orientação	15,4%	84,6%
Basquetebol	62,2%	37,8%
Atletismo	69,2%	30,8%
Ténis	23,4%	76,6%
Motociclismo	10,7%	89,3%
Vela	0%	100,0%
Futebol	72,2%	27,8%
BTT	41,0%	59,0%
Natação	33,3%	67,7%
Escalada	0%	100,0%

Desportos de combate	10,5%	89,5%
Canoagem	0%	100,0%
Andebol	57,1%	42,9%
Windsurf	0%	100,0%
Mergulho	2,0%	98,0%

Relativamente ao II grupo de idades (16 a 17 anos), 72,2% da amostra afirma praticar futebol. Com 0% de actividade, apareceu-nos as modalidades: rugby, surf, para-pente, vela, escalada, canoagem e windsurf. No que diz respeito às actividades desportivas que gostariam de praticar, com 100% de indivíduos, surgiu o rugby, o surf, o parapente, a vela, a escalada, a canoagem e o windsurf. O *hip-hop* foi considerado, novamente, por 1,4% de indivíduos como outra actividade desportiva que gostariam de praticar.

Quadro 38 - Percentagem de indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

(III) 18 a 20 anos

	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	50,0%	50,0%
Bodyboard	12,5%	87,5%
Ginástica	60,0%	40,0%
Rugby	0%	100,0%
Surf	7,7%	92,3%
Para-pente	16,7%	83,3%
Corrida de orientação	0%	100,0%
Basquetebol	50,0%	50,0%
Atletismo	100,0%	0%
Ténis	28,6%	71,4%
Motociclismo	14,3%	85,7%
Vela	25,0%	75,0%
Futebol	70,6%	29,4%
BTT	53,8%	46,2%
Natação	24,0%	76,0%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	11,1%	88,9%
Canoagem	12,5%	87,5%
Andebol	70,0%	30,0%
Windsurf	14,3%	85,7%
Mergulho	0%	100,0%

A faixa etária dos 18 aos 20 anos, pertencente ao III grupo de idade, afirma que a modalidade mais exercitada foi o atletismo (100%). O rugby, a corrida de orientação, a escalada e o mergulho, nunca foram praticadas por nenhum dos indivíduos do nosso estudo. Contudo, as mesmas, foram referidas pela totalidade da amostra, como sendo aquelas que gostariam de praticar. Convém não esquecer que, mais uma vez, o hip-hop foi assinalado por um sujeito, como outra das actividades que gostaria de praticar.

Analisando as três faixas de idades e no que respeita à modalidade mais praticada, o I e o II grupo apontaram para a mesma; o futebol. O III grupo diverge dos anteriores, verificando-se, assim, a prática do atletismo.

Relativamente às modalidades que gostariam de praticar, ambos os grupos salientaram o rugby, a escalada e o windsurf.

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos de idade para as modalidades: parapente (χ^2=10,321; p=0,006), vela (χ^2=10,733; p=0,005), BTT (χ^2=12,393; p=0,002) canoagem (χ^2=7,487; p=0,024).

Actividades desportivas que os indivíduos praticam e que os indivíduos gostariam de praticar, em função da idade

Apresentaremos, de seguida os Quadros 39,40 e 41, abordando, respectivamente, os estratos sociais alto, médio e baixo em relação às actividades desportivas que os sujeitos inquiridos praticam e aquelas que gostariam de praticar.

Quadro 39 - Percentagem de indivíduos, pertencentes ao estatuto sócio-económico alto, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

Estatuto sócio-económico alto		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	69,2%	30,8%
Bodyboard	16,7%	83,3%
Ginástica	46,2%	53,8%
Rugby	0%	100,0%
Surf	7,1%	92,9%
Para-pente	9,1%	90,9%
Corrida de orientação	25,0%	75,0%
Basquetebol	57,1%	42,9%
Atletismo	85,7%	14,3%
Ténis	31,6%	68,4%
Motociclismo	10,0%	90,0%
Vela	11,1%	88,9%
Futebol	76,5%	23,5%
BTT	25,0%	75,0%
Natação	31,8%	68,2%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	8,3%	91,7%
Canoagem	0%	100,0%
Andebol	66,7%	33,3%
Windsurf	12,5%	87,5%
Mergulho	0%	100,0%

O Quadro 39, referente ao estrato sócio-económico alto, revelou que o atletismo foi a modalidade mais praticada pelos elementos do nosso estudo. O rugby, a escalada, a canoagem e o mergulho, foram as menos praticadas. No entanto, as actividades desportivas que mais gostariam de praticar foram, precisamente, as mesmas que as anteriores, ou seja, as menos praticadas. Dos duzentos e doze indivíduos da amostra, o,94% assinalaram o *hip-hop* como outra actividade desportiva que gostariam de praticar.

Quadro 40 - Percentagem de indivíduos, pertencentes ao estatuto sócio-económico médio, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

Estatuto sócio-económico médio		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	62,1%	37,9%
Bodyboard	0%	100,0%
Ginástica	43,8%	56,3%
Rugby	0%	100,0%
Surf	0%	100,0%
Para-pente	0%	100,0%
Corrida de orientação	9,1%	90,9%
Basquetebol	70,2%	29,8%
Atletismo	75,0%	25,0%
Ténis	20,4%	79,6%
Motociclismo	5,9%	94,1%
Vela	0%	100,0%
Futebol	75,4%	24,6%
BTT	26,2%	73,8%
Natação	40,8%	59,2%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	12,8%	87,2%
Canoagem	2,7%	97,3%
Andebol	58,3%	41,7%
Windsurf	0%	100,0%
Mergulho	0%	100,0%

O estatuto social médio, referente ao Quadro número 40, apresentou a modalidade de futebol, como a mais praticada pelos sujeitos da amostra. As menos exercitadas, foram as mesmas actividades desportivas que gostariam de praticar, destacando-se: o bodyboard, o rugby, o surf, o para-pente, a vela, a escalada, o windsurf e o mergulho. O hip-hop foi sugerido por 1,42% de sujeitos, outra das actividade desportivas de que gostariam de praticar.

Quadro 41 - Percentagem de indivíduos, pertencentes ao estatuto sócio-económico baixo, que praticam e que gostariam de praticar actividades desportivas.

Estatuto sócio-económico baixo		
	Pratico	**Gostaria de praticar**
Voleibol	60,7%	39,3%
Bodyboard	0%	100,0%
Ginástica	50,0%	50,0%
Rugby	0%	100,0%
Surf	0%	100,0%
Para-pente	0%	100,0%
Corrida de orientação	0%	100,0%
Basquetebol	58,8%	41,2%
Atletismo	72,7%	27,3%
Ténis	16,7%	83,3%
Motociclismo	10,0%	90,0%
Vela	0%	100,0%
Futebol	73,9%	26,1%
BTT	52,9%	47,1%
Natação	18,6%	81,4%
Escalada	0%	100,0%
Desportos de combate	0%	100,0%
Canoagem	0%	100,0%
Andebol	63,6%	36,4%
Windsurf	0%	100,0%
Mergulho	3,7%	96,3%

O estatuto sócio-económico baixo, tal como o médio, demonstrou que a modalidade mais praticada foi o futebol.

No que respeita às modalidades menos praticadas pelos indivíduos da pesquisa, que coincidem, igualmente, com as actividades desportivas que gostariam de praticar, salientaram-se as seguintes: bodyboard, rugby, surf, para-pente, corrida de orientação, vela, escalada, desportos de combate, canoagem e windsurf. Mais uma vez, o *hip-hop* surgiu como outra das actividades desportivas que 1,42% de sujeitos gostariam de praticar.

Perante os diferentes estratos sociais, constatamos que a percentagem de indivíduos que praticam a modalidade de futebol é muito semelhante. Contudo e no caso particular da classe social alta, o valor com maior percentagem foi atribuído à modalidade de atletismo . Referente às actividades desportivas que gostariam de praticar, verificaram-se, igualmente, semelhanças, nomeadamente no rugby e na escalada, com valores percentuais de 100%.

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre os três estratos sociais, nas modalidades desportivas: bodyboard (χ^2=0,238; p=0,010) e natação (χ^2=6,056; p=0,048).

2. Material e Métodos

Pretendemos, com isto, fazer referência não só ao material utilizado, mas também aos métodos e procedimentos, que contribuíram para a realização deste estudo.

Iniciaremos este sub-capítulo, apresentando os questionários utilizados e respectivas fiabilidades, nomeadamente, o de identificação pessoal (Rodrigues, 1997), o da satisfação com a imagem corporal desenvolvido por Luther et al.,1986; citado em Luther et al., 1990) e o dos valores e representações corporais (Rodrigues, 1997). Em seguida, o ponto número 3, teve como objctivo a referência aos vários procedimentos estatísticos, utilizados para a análise dos dados dos questionários.

2.1. Questionário de identificação pessoal

Utilizamos para este efeito o questionário de Rodrigues (1997). Este pretende identificar as

características gerais dos indivíduos, nomeadamente o sexo, a idade, a profissão dos pais, as habilitações literárias dos pais e dos próprios, o estatuto sócio-económico, a prática de actividade física e a ocupação dos tempos livres.

A partir das respostas dos inquiridos, procedemos a uma análise mais pormenorizada, abordada na caracterização da amostra (4.1), de modo a podermos obter um maior leque de informações.

2.2. Avaliação da Satisfação com a imagem corporal

Para avaliar a satisfação com a imagem corporal foi utilizado o questionário Body Image Satisfaction Questionnaire, desenvolvido por Luther et al. (1986, citados por Luther et al., 1990).

Este instrumento é constituído por vinte e dois itens. Para cada questão, referente a uma parte do corpo, existem cinco possibilidades de resposta: 1- não gosto nada e desejaria ser diferente; 2- não gosto mas tolero; 3- é-me indiferente; 4- estou satisfeito; 5- considero-me favorecido.

Quanto mais elevado for o valor final obtido, maiores serão os índices de satisfação com a imagem corporal que o indivíduo possui.

Com base nos estudos de Berscheid et al. (1973) e Abrantes (1998), colocámos no questionário duas questões suplementares para avaliar a percepção da altura (1- Sinto-me alto(a); 2- Sinto-me baixo(a); 3- Tenho a altura ideal) e a percepção do peso corporal (1-Sinto-me gordo(a); 2- Sinto-me magro(a); 3- Tenho o peso ideal). O objectivo é comparar as respostas com o nível de satisfação referente à altura e ao peso reais.

Incluímos, ainda, o item nádegas, por considerarmos ser uma parte do corpo a que os indivíduos, de ambos os sexos, atribuem grande importância.

O questionário utilizado neste estudo foi uma versão para investigação, traduzida e adaptada para Português.

Este instrumento já foi validado por Luther et al. (1986, citados por Luther et al., 1990) em diversas populações e utilizado na população Portuguesa por Baptista (1995), Abrantes (1998), Araújo (2001)e Festas (2002).

Fiabilidade do questionário Body Image Satisfaction Questionnaire

Para avaliarmos a fiabilidade deste instrumento, recorremos a uma amostra de vinte indivíduos (sete indivíduos do sexo masculino e treze indivíduos do sexo feminino). Foi-lhes solicitado para que preenchessem novamente o questionário, com o intervalo de uma semana.

Os métodos utilizados para o cálculo do grau de fiabilidade deste questionário foram os métodos da fiabilidade relativa. Segundo Colaço e Passarinho (1986, citados por Simões, 2002b), estes métodos pretendem reflectir a estabilidade da posição que um indivíduo ocupa, relativamente aos outros do grupo em que se insere, quando um processo de medida se repete. Com efeito, o objectivo consiste em estudar a variabilidade inter-individual.

A fiabilidade relativa pode ser estimada através do coeficiente de correlação interclasse ou do coeficiente de correlação intraclasse, ou através de ambos (Vasconcelos, 1995).

No presente estudo, optámos por recorrer ao coeficiente de correlação intraclasse. Segundo Colaço e Passarinho (1986, citados por Simões, 2002b) este

procedimento estatístico é o mais utilizado, uma vez que tem em conta não só a correlação entre duas séries de resultados, mas também a diferença entre elas. Devido às características que a variância apresenta, esta estatística permite, ainda, estimar a grandeza de vários dos seus componentes pela utilização de métodos apropriados.

O tratamento estatístico dos itens vinte e quatro e vinte e cinco foi efectuado à parte, porque referem-se à percepção em relação à altura e ao peso e não ao nível de satisfação.

Os resultados do estudo da fiabilidade, apresentam-se no Quadro número 42.

Quadro 42 - Coeficiente de correlação intraclasse (R) dos itens do questionário BISQ, entre a primeira e a segunda aplicação.

Satisfação com a imagem corporal	**R**
1.Cabelo	0,67
2.Dentes	1,00
3.Olhos	1,00
4.Orelhas	0,76
5.Nariz	0,89
6.Pele	1,00
7.Aspecto geral da face/rosto	1,00
8.Braços	0,76
9.Peitorais/seios	0,80
10.Ombros	0,82
11.Barriga	0,91
12.Ancas	0,92
13.Cintura	1,00
14.Nádegas	1,00
15.Coxas	1,00
16.Pernas	0,86
17.Forma do corpo	0,94
18.Atitude/porte	0,95
19.Peso	0,88
20.Altura	0,97
21.Condição física	0,96
22.Energia	0,92
23.Satisfação com a aparência	0,97
Valor médio das 2 aplicações	**0,91**
Percepção	
24.Percepção da altura	1,00
25.Percepção do peso	0,96

A leitura do Quadro 41, permite-nos constatar que o valor médio do coeficiente de correlação intraclasse foi de 0,91. Em relação à percepção da altura e do peso, os coeficientes de correlação intraclasse foram, respectivamente, de 0,94.

No geral, o questionário revelou uma boa fiabilidade, parecendo, assim, ser estável no tempo.

2.3. Questionário dos valores e representações corporais e avaliação das redes de sociabilidade/culturas juvenis

Para avaliarmos os valores e representações corporais, utilizamos o questionário de Rodrigues (1997). Este inclui cento e nove questões subordinadas aos valores do corpo, solicitando, de uma forma implícita, que os indivíduos se posicionassem corporalmente. Para cada afirmação, os sujeitos atribuíam um grau de importância , variando de 1 (nada importante) a 4 (muito importante). Para simplificarmos o tratamento do questionário, efectuamos a análise factorial, no sentido de agruparmos as variáveis que, no seu lote de dados, estão relacionadas umas com as outras em factores comuns, formando, deste modo, subgrupos coerentes relativamente independentes uns dos outros (Vasconcelos, 1991). Com efeito, passamos a obter 30 dimensões de análise. Com o intuito de reduzir o número de factores e facilitar a sua classificação, procedeu-se a uma nova análise de componentes principais, introduzindo as variáveis cujos coeficiente de saturação se apresentam com valor igual ou superior a 0,5. A partir deste valor, agrupamos as variáveis com maiores valores de saturação e procuramos um conceito que a unificasse. Deste modo, a

análise em componentes principais produziu quatro factores significativos, segundo o critério de valor próprio de 5.0.

Perante estes procedimentos, a identificação valorativa do corpo, inclui quatro dimensões de análise que passamos a destacar: (i) dimensão estética e simbólica; (ii) dimensão corpo social; (iii) dimensão corpo sensual e (iv) dimensão corpo saudável.

Dimensão estética e simbólica

No que concerne à estética, incluem-se as afirmações que valorizam os atributos relativos ao aspecto físico, beleza corporais e suas práticas individuais, sem referência a padrões culturais e sociais ou de interacção com os outros (Rodrigues, 1997)(ex: cuidados de higiene, identificação de beleza corporal, etc.).

Relativamente à simbólica, incluem-se as afirmações que valorizem práticas e comportamentos individuais e/ou colectivos e que sejam assumidos pelos jovens, como algo que é representativo de um conjunto de padrões e atribuições às suas vidas quotidianas, em relação a um referente simbólico (Rodrigues, 1997) (ex: práticas de transgressão e risco assumido).

As variáveis pertencentes a esta dimensão, no que respeita ao corpo estético consistem: mudar de roupa interior todos os dias; tomar banho; usar desodorizante; lavar a cabeça com frequência; usar perfume; ter um corpo saudável; ter um corpo musculado; ter uma cintura esbelta; ter uns olhos bonitos; ser alto; ser uma pessoa feliz e o tipo de calçado que uso.

Relativamente ao corpo simbólico, destacam-se as seguintes variáveis: tocar/ouvir música com os amigos; utilizar o corpo para fazer desporto; andar de carro/mota a grande velocidade; conversar com os amigos; quando estou

com os amigos fumar uns charros; ter um cumprimento especial entre os amigos; usar o corpo para chamar a atenção; usar roupas que salientem a linha do corpo; usar botas de tropa; expressar sentimentos e emoções através do corpo; ir à escola para aprender; o corpo servir para provocar as pessoas; quando estou com problemas falar com os amigos; ser capaz de exprimir facilmente; apanhar bebedeiras com os amigos; ir a discotecas/concertos para apanhar bebedeiras e ir às discotecas para ouvir música.

Dimensão social

Incluem-se as afirmações que valorizam comportamentos, atributos e práticas corporais, em que se verifique uma intenção clara e explícita, de interacção com os outros (Rodrigues, 1997). Para Foucault (1995, citado por Queirós, 2002), o corpo é considerado um local, onde impera submissão a padrões socio-políticos, determinados por diversas instituições sociais (escolas, hospitais, entre outras).

As variáveis incluídas neste domínio são: ir a concertos e fazer moshes; vestir de forma desleixada; o corpo servir como sedução e desejo; pensar no futuro; ir à escola porque sou obrigado e vestir em função do tempo.

Dimensão corpo sensual

Incluem-se as afirmações que valorizam os atributos de sensualidade corporais, em que o corpo é utilizado como forma de sedução, de desejo e de chamar a atenção.

Apresentamos, deste modo, as variáveis correspondentes a esta dimensão: olhar ao espelho com frequência; utilizar o corpo para provocar os outros; passear pelo campo e ter uma cara bonita.

Dimensão corpo saudável

Incluem-se as afirmações que valorizem os atributos de saúde e suas práticas, a nível individual e com referência a padrões culturais e sociais (ex: ter um corpo alegre e jovem).

As variáveis incluídas nesta dimensão foram: fazer uma alimentação equilibrada; ter sempre um corpo jovem e alegre e ir ao médico com frequência.

Fiabilidade do questionário dos valores e representações corporais

Para avaliarmos a fiabilidade deste instrumento, recorremos a uma amostra de vinte indivíduos (sete indivíduos do sexo masculino e treze indivíduos do sexo feminino). Foi-lhes solicitado para que preenchessem novamente o questionário, com o intervalo de uma semana, tal como no questionário citado anteriormente.

Os métodos e procedimentos estatísticos utilizados para calcular o grau de fiabilidade deste questionário, foram os mesmos que apresentamos anteriormente para o cálculo da fiabilidade do Body Image Satisfaction Questionnaire.

Os resultados obtidos apresentam-se no Quadro 43.

Quadro 43 - Coeficiente de correlação intraclasse (R) dos itens do questionário valores e representações corporais, entre a primeira e a segunda aplicação.

Valores e representações corporais	R
Tomar banho com frequência	0,38
Comer doces e bolos em abundância	0,60
Vestir-me como os meus amigos	0,53
Ter uma cintura esbelta	0,68
Tocar/ouvir música com os meus amigos	0,82
Usar desodorizante	0,70
Fumar tabaco	0,78
Fazer a depilação/barba	0,84
Utilizar o meu corpo para fazer desporto	0,70
Olhar-me ao espelho com frequência	0,80
Andar despenteado	0,97
Lavar a cara todos os dias	0,98
Andar de carro/moto a grande velocidade	0,91
Ouvir música com o som muito elevado	0,85
Homens e mulheres vestirem-se de forma igual	0,71
Utilizar a dança como forma de sedução	0,89
Ir a concertos e fazer "moshes"	0,83
Ver televisão em casa	0,58
Usar roupas que salientem a linha do meu corpo	0,61
Ter cabelos compridos	0,73
Conversar com os amigos	0,57
Possuir uns braços compridos	0,54
Vestir-me dependendo dos locais para onde vou	0,77
Ter muitos pelos no corpo	0,73
Vestir o que me apetece e quando me apetece	0,77
Não comer para não engordar	0,90
Andar a pé com frequência	0,72
Usar cabelo rapado	0,87
Ter umas mãos fortes e bem feitas	0,80
Usar produtos de beleza para realçar o corpo	0,49
Arriscar a vida de vez em quando	0,87
Ter umas costas largas e fortes	0,71
Vestir-me apenas de cores escuras	0,88
Apanhar bebedeiras sozinho	0,58
O principal do meu corpo é agradar-me	0,83
Ter uns olhos bonitos	0,69

Vestir-me de forma desleixada	0,75
Divertir-me apenas nos momentos apropriados	0,73
Andar de cabelo penteado e arranjado	0,52
Usar sempre roupas de marca	0,94
Dançar todo o tipo de música	0,87
Utilizar o corpo quando quero provocar os outros	0,79
Ser alto	0,76
Pregar partidas aos outros	0,86
O corpo servir apenas de sedução e desejo	0,86
Fazer "moshes" para me divertir	0,86
Não me divertir porque a vida é algo de muito sério	0,35
Praticar desportos radicais (sempre que possível)	0,91
Vestir-me com cores berrantes	0,74
O meu corpo servir para fazer palhaçadas	0,85
Passar o tempo com os amigos	0,89
Pular e saltar com violência nos concertos a que vou	0,72
Quando estou com os meus amigos fumar uns charros	0,47
Não fazer nada da vida	0,64
Ter uma voz para que todos me ouçam	0,75
Usar o meu corpo para chamar a atenção dos outros	0,76
Ir à escola para estar com os amigos	0,55
Dançar por prazer	0,96
Ter uma cara bonita	0,58
Falar com os amigos sobre assuntos de cultura geral	1,00
Estar sozinho	0,57
Pesar-me com frequência para controlar o meu peso	0,35
Ser uma pessoa feliz	0,85
Usar roupas largas para me sentir à vontade	0,65
Não me preocupar com o meu corpo	0,73
Viver sempre como se fosse o último dia	0,81
Participar em concursos de beleza	1,00
Passear pelo campo	0,89
O tipo de calçado que uso	0,78
Usar água de colónia/perfume	0,86
Sentir-me uma pessoa com estilo próprio	0,88
Pensar no meu futuro	0,83
Não ter amigos	0,95
Ir à escola por não ter nada que fazer	0,85
Usar roupas apertadas para salientar as linhas do meu corpo	0,64
Usar o corpo para libertar energias	1,00

Usar adornos que me distingam dos outros (anéis, brincos...)	1,00
Usar botas da tropa	0,84
Ter um cumprimento especial entre os amigos	1,00
Fazer uma alimentação equilibrada	0,89
Expressar os sentimentos e emoções através do corpo	0,92
Vestir-me como forma de afirmação perante os outros	0,86
Ir à escola para aprender	0,61
Mudar de roupa interior todos os dias	0,55
Ir às discotecas para ouvir música	0,89
Lavar a cabeça com frequência	0,76
Ouvir rádio quando estou em casa	0,61
Comer apenas quando tenho fome	0,95
Ir à escola para ter um futuro melhor	1,00
Vestir-me segundo as modas	1,00
O meu corpo servir para provocar as pessoas	1,00
Quando estou com problemas falar com os meus amigos	0,96
Ir às discotecas para fazer "engates"	0,85
Ter uma cara bonita	0,97
Ter um corpo saudável	1,00
Ir à escola porque sou obrigado	0,65
Vestir-me em função das condições do tempo	0,59
Ser capaz de me exprimir facilmente	0,31
Correr para manter a forma	0,82
Dar graxa aos professores para ter boas notas	0,98
Usar roupas como forma de afirmação pessoal	1,00
Ter uma boa resistência física	0,73
Adaptar o meu comportamento aos locais e pessoas	1,00
Apanhar bebedeiras com os amigos	0,95
Ter sempre um corpo alegra e jovem	0,86
Fazer as minhas próprias roupas	0,73
Ir às discotecas/concertos para apanhar bebedeiras	0,82
Ir ao médico com frequência	0,69
Ter um corpo musculado	0,64
Valor médio das 2 aplicações	**0,78**

Observando o Quadro número 43, verificamos que o valor médio do coeficiente de correlação intraclasse foi de 0,78.

Com efeito, podemos considerar uma fiabilidade razoável para este questionário.

Para avaliar as redes de sociabilidade/culturas juvenis, também foi utilizado o questionário de Rodrigues (1997), o mesmo de os valores e representações corporais.

Pretende-se determinar uma tendência, por parte dos sujeitos, para qualquer tipo de identificação grupal.

Foram analisadas cinco questões referentes aos consumos culturais e redes de sociabilidade, nomeadamente o género de música que ouvem, a identificação com o estilo e ideais de grupos e o tipo de pessoas com quem mais andam (sexo e idade).

3. Procedimentos Estatísticos

Após a recolha dos dados dos questionários, procedeu-se ao respectivo tratamento estatístico. O programa utilizado foi: SPSS (versão 11.0).

As técnicas estatísticas utilizadas consistiram em três momentos: (i) estatística descritiva e (ii) estatística inferencial e (iii) estatística multivariada.

Estatística descritiva

Para todas as vàriáveis observadas, foram calculados a média e desvio padrão. Calculou-se, ainda, a distribuição de frequências (absolutas e relativas) para as variáveis medidas em escala nominal e intervalar.

Estatística inferencial

Para compararmos os grupos em função das variáveis em estudo, utilizamos a Anova Unidimensional e, em seguida, o

teste *Post hoc* de comparação múltipla de Scheffé, para efeitos exploratórios.

Para estudar os efeitos da interacção de duas variáveis independentes sobre um conjunto de variáveis dependentes, utilizámos a Anova II Factores, seguida do teste *post hoc* de comparação múltipla de Scheffé, para efeitos exploratórios.

Para testar o grau de significância das diferenças entre duas frequências relativas nas mesmas variáveis e categorias, utilizámos o teste Z-score.

Para analisar a associação entre duas variáveis, utilizamos o coeficiente de correlação de Pearson, assim como o respectivo nível de significância.

Para testar a fiabilidade, utilizámos o coeficiente de correlação intraclasse.

Estatística multivariada

Utilizámos a análise factorial, para agrupar as variáveis relacionadas com os valores do corpo que, logicamente, estão relacionadas umas com as outras em factores comuns, formando subgrupos coerentes relativamente independentes uns dos outros. Pretende-se obter um número reduzido de factores que possam ser relacionados com as variáveis.

O nível de significância mínimo para rejeição da hipótese nula, em todos os testes estatísticos, foi fixado em 0.05 e 0.10. Admitimos este último, uma vez que na investigação em ciências sociais e humanas, como é o caso,

lidamos, muitas vezes, com variáveis que não são possíveis de serem mensuradas objectivamente.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

V. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Faremos, simultaneamente, a apresentação e discussão dos resultados, organizando-os nos seguintes subcapítulos: (1) Satisfação com a imagem corporal; (2) Valores e representações corporais; (3) Satisfação com a imagem corporal e valores referenciados ao corpo e (4) Redes de sociabilidade/grupos juvenis.

Como já referido anteriormente, estes capítulos pretendem:

1. Verificar a variação dos níveis de satisfação com a imagem corporal, em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico;
2. Verificar a variação dos valores e representações corporais, em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico;
3. Verificar a associação existente entre a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo;
4. Verificar uma tendência, por parte dos sujeitos, para qualquer tipo de identificação grupal (culturas juvenis).

1. Satisfação com a imagem corporal

Os resultados apresentados dizem respeito à satisfação com a imagem corporal em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico. A discussão será efectuada no final da apresentação de todos os resultados pertencentes a este subcapítulo.

1.1. Satisfação com a imagem corporal em função da idade e do sexo

Pretende-se, através do Quadro 44, analisar a satisfação com a imagem corporal, em função da idade e do sexo.

Quadro 44- Satisfação com a imagem corporal em função da idade e do sexo. Anova II factores (média, desvio padrão, F-teste e p).

	I 14-15 anos		II 16-17 anos		III 18-20 anos		F	p
	Masc	**Fem**	**Masc**	**Fem**	**Masc**	**Fem**		
Cabelo	3,65±0,93	3,49±0,99	3,87±0,85	3,66±0,89	3,60±0,99	3,95±0,91	1,178	ns
Dentes	2,71±1,16	3,47±0,91	3,13±1,12	3,27±1,02	3,13±1,06	3,21±1,13	1,598	ns
Olhos	3,82±0,73	3,91±0,87	3,74±0,93	4,03±0,71	3,93±0,46	4,21±0,63	0,298	ns
Orelhas	3,76±0,75	3,65±0,78	3,68±0,79	3,62±0,70	3,40±0,91	3,42±1,02	0,073	ns
Nariz	3,18±1,02	3,33±1,02	3,13±1,09	3,22±0,92	3,60±0,83	3,63±1,01	0,036	ns
Pele	3,47±0,87	3,58±1,03	3,23±1,09	3,32±0,96	3,60±0,99	3,32±1,06	0,465	ns
Aspecto face/rosto	3,53±0,80	3,37±0,93	3,68±0,83	3,67±90	3,80±0,78	3,37±0,96	0,727	ns
Braços	3,53±0,87	3,77±0,84	3,55±0,93	3,59±0,78	3,73±0,70	3,68±0,89	0,341	ns
Peitorais /seios	3,35±0,93	3,42±0,96	3,52±1,18	3,45±0,90	3,60±1,06	3,63±1,12	0,100	ns
Ombros	3,35±0,79	3,58±0,73	3,58±0,85	3,45±0,78	3,60±0,91	3,63±0,96	0,735	ns
Barriga	**2,94±1,25**	**3,19±1,14**	**3,26±1,24**	**3,04±1,22**	**3,47±1,19**	**2,47±1,12**	**2,675**	**0,071**
Ancas	**2,94±1,25**	**3,35±1,02**	**3,39±0,96**	**3,23±1,05**	**3,67±0,82**	**2,74±1,20**	**4,069**	**0,019**
Cintura	**2,94±1,35**	**3,35±1,02**	**3,32±1,05**	**3,33±1,06**	**3,67±1,05**	**2,58±1,12**	**4,999**	**0,008**
Nádegas	**2,88±1,11**	**3,14±0,89**	**3,19±1,11**	**3,08±1,06**	**3,80±0,56**	**2,89±1,10**	**3,337**	**0,038**
Coxas	**3,00±1,17**	**3,21±1,04**	**3,35±0,99**	**3,03±1,05**	**4,00±0,54**	**2,84±1,12**	**4,405**	**0,013**
Pernas	3,24±1,39	3,30±1,06	3,71±0,90	3,21±1,01	4,07±0,80	3,26±1,20	1,920	ns
Forma do corpo	**3,12±1,32**	**3,49±1,03**	**3,65±1,17**	**3,44±1,11**	**3,87±0,83**	**2,84±1,02**	**4,054**	**0,019**
Atitude/ porte	3,65±0,93	3,47±1,01	3,74±0,82	3,45±0,94	3,80±0,78	3,47±0,84	0,073	ns
Peso	3,24±1,30	3,00±1,16	3,45±1,18	3,10±1,20	3,67±0,98	2,74±1,24	0,969	ns
Altura	3,53±1,23	3,14±1,06	3,74±0,89	3,32±1,10	3,67±0,90	3,68±1,06	0,617	ns
Condição física	3,53±0,87	3,47±1,03	3,55±1,20	3,49±1,04	4,00±0,85	3,68±0,95	0,173	ns
Energia	3,76±0,90	3,50±0,98	3,90±0,98	3,60±0,97	4,07±1,03	3,84±0,96	0,071	ns
Satisfação c/ a aparência	3,53±0,94	3,51±0,83	3,74±0,86	3,62±0,76	4,07±0,26	3,42±1,02	1,691	ns
Média dos 23 itens	3,33±0,64	3,42±0,56	3,53±0,61	3,40±0,51	3,73±0,49	3,33±0,54	2,000	ns

Ao observarmos o Quadro 44 e no que respeita à satisfação com a imagem corporal, verificamos, na generalidade, que os valores médios superiores para o sexo masculino, encontram-se nas idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos (3,73±0,49) e para o sexo feminino, na faixa etária dos 14 aos 15 anos (3,42±0,56).

Analisando os dados por faixas etárias, constatamos que no I grupo, os valores médios superiores obtidos em ambos os sexos, incidem nos olhos e os valores inferiores, nos dentes para o sexo masculino e no peso para o sexo feminino.

Dos 16 aos 17 anos, o sexo masculino apresenta valores médios superiores no item energia e o sexo feminino nos olhos. As partes ou aspectos corporais em que se verificam valores médios inferiores são os dentes e as coxas, nos sexos masculino e feminino respectivamente.

No III grupo de idades, nomeadamente dos 18 aos 20 anos, os itens energia e cabelo, correspondem aos valores superiores para o sexo masculino e feminino. Verificamos, novamente, que no sexo masculino os dentes consistem na parte corporal que apresenta valores inferiores e, no sexo feminino, apresenta-se a barriga, com os valores mais baixos.

Relativamente às diferenças entre sexos, apercebemo-nos que o sexo feminino revela maiores níveis de satisfação com a imagem corporal relativamente ao sexo masculino no I grupo de idades, ou seja, dos 14 aos 15 anos. O mesmo não se verifica nas faixas etárias dos 16 aos 17 anos e dos 18 aos 20 anos. O sexo masculino considera-se mais satisfeito

com o seu corpo, embora as raparigas apresentem valores médios superiores com os aspectos faciais.

Em suma, verificamos uma tendência, por parte dos rapazes, para aumentar a satisfação com a imagem corporal ao longo da idade. Contrariamente, as raparigas revelam maior insatisfação à medida que a idade aumenta.

As partes ou aspectos corporais que revelaram diferenças estatisticamente significativas na interacção da idade com o sexo foram: a barriga (p=0,071), as ancas (p=0,019), a cintura (p=0,008), as nádegas (p=0,038), as coxas (p=0,013) e a forma do corpo (p=0,019).

1.2. Satisfação com a imagem corporal em função do estatuto sócio-económico e do sexo

O Quadro 45, apresenta os valores da satisfação com a imagem corporal, em função do estatuto sócio-económico e do sexo.

Quadro 45- Satisfação com a imagem corporal em função do estatuto sócio-económico e do sexo. Anova II factores (média, desvio padrão, F-teste e p).

	Estatuto sócio-económ. alto		Estatuto sócio-económ. médio		Estatuto sócio-económ. baixo		F	p
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem		
Cabelo	4,27±0,48	3,82±0,85	3,58v0,92	3,63±0,85	3,79±0,98	3,59±1,06	0,946	ns
Dentes	3,00±1,00	3,36±1,05	3,03±1,15	3,31±0,99	3,00±1,18	3,34±1,01	0,019	ns
Olhos	4,00±0,63	3,91±0,81	3,82±0,83	4,00±0,74	3,64±0,75	4,09±0,74	1,099	ns
Orelhas	3,55±0,69	3,55±0,80	3,63±0,88	3,64±0,78	3,71±0,73	3,57±0,76	0,153	ns
Nariz	3,36±1,12	3,27±0,83	3,18±0,96	3,37±0,92	3,36±1,15	3,25±1,10	0,441	ns
Pele	3,55±0,82	3,23±1,11	3,26±1,01	3,41±0,86	3,57±1,16	3,43±1,15	0,747	ns
Aspecto face/rosto	4,00±0,63	3,41±1,10	3,55±0,80	3,61±0,84	3,71±0,91	3,48±0,95	1,649	ns
Braços	3,64±0,67	3,82±0,66	3,53±0,86	3,61±0,84	3,71±0,99	3,66±0,83	0,194	ns
Peitorais/ Seios	3,82±0,98	3,32±0,78	3,32±1,14	3,40±0,94	3,71±0,91	3,61±1,04	0,997	ns
Ombros	3,45±0,93	3,50±0,67	3,47±0,86	3,53±0,79	3,71±0,73	3,52±0,85	0,362	ns
Barriga	3,45±1,51	3,18±1,10	2,97±1,20	2,97±1,17	3,71±0,91	3,00±1,29	1,314	ns
Ancas	3,73±0,91	3,36±1,14	3,26±1,11	3,29±1,02	3,21±0,89	3,00±1,10	0,456	ns

Cintura	3,55±1,21	3,27±1,03	3,08±1,19	3,33±1,02	3,71±0,83	3,07±1,19	2,649	0,073
Nádegas	3,73±0,91	3,09±1,11	3,11±1,06	3,20±0,93	3,29±1,07	2,89±1,08	1,866	ns
Coxas	3,82±0,87	3,05±1,05	3,34±1,05	3,13±1,01	3,29±0,99	2,98±1,15	0,813	ns
Pernas	4,09±0,94	3,41±0,96	3,47±1,01	3,27±1,03	3,86±1,23	3,14±1,11	1,195	ns
Forma do corpo	4,09±0,70	3,50±0,96	3,29±1,21	3,41±1,08	3,86±1,17	3,25±1,14	2,261	0,107
Atitude/ Porte	4,00±1,00	3,55±0,86	3,61±0,80	3,51±0,93	3,86±0,77	3,34±1,01	1,015	ns
Peso	3,55±1,21	3,45±0,91	3,42±1,22	3,04±1,22	3,43±1,02	2,77±1,22	0,508	ns
Altura	4,00±1,00	3,50±1,10	3,47±1,03	3,27±1,08	3,39±0,73	3,23±1,16	0,871	ns
Condição física	4,36±0,67	3,64±0,90	3,32±1,12	3,53±1,03	4,00±0,68	3,36±1,12	3,924	0,021
Energia	4,64±0,67	3,68±0,78	3,63±1,05	3,70±0,91	4,07±0,48	3,48±1,13	4,118	0,018
Satisfação c/ aparência	4,18±0,41	3,59±0,66	3,63±0,88	3,53±0,81	3,79±0,70	3,59±0,90	1,031	ns
Média dos 23 itens	3,82±0,47	3,45±0,49	3,39±0,61	3,42±0,55	3,65±0,58	3,33±0,52	2,363	ns

Através do Quadro 45, constatamos que o sexo masculino, pertencente ao estatuto sócio-económico alto obtém, no item condição física, valores superiores (4,36±0,67). Para o sexo feminino do citado estrato social, os valores mais elevados foram atribuídos ao item olhos (3,91±0,81). Contudo, as partes ou os aspectos corporais que apresentaram valores inferiores foram, para o sexo masculino os dentes e para o sexo feminino as nádegas.

Relativamente ao estatuto sócio-económico médio, em ambos os sexos, verificamos que os olhos e a barriga apresentaram valores superiores e inferiores, respectivamente (3,82±0,0,83 e 2,97±1,20 para o sexo masculino e 4,00±o,74 e 2,97±1,17 para o sexo feminino).

No que respeita à classe social baixa, o item energia foi o que obteve valores médios superiores e os dentes valores médios inferiores, por parte dos indivíduos do sexo

masculino. O sexo feminino apresentou valores médios superiores no item olhos e valores médios inferiores na satisfação com o peso.

No geral, os indivíduos de ambos os sexos, pertencentes ao estatuto sócio-económico alto, apresentaram valores superiores na satisfação com a imagem corporal(3,82±0,47). No entanto, se analisarmos item por item, em relação à diferença entre sexos, verificamos que nos estratos sociais alto e baixo, o sexo masculino foi o que apresentou valores superiores e no estatuto sócio-económico médio, as raparigas revelaram maior satisfação com a imagem corporal.

As partes ou aspectos corporais que revelaram diferenças estatisticamente significativas na interacção do estatuto sócio-económico com o sexo foram: a cintura (p=0,073), a forma do corpo (p=0,107), a condição física (0,021), a energia (p=0,018) e a média dos 23 itens (p=0,097).

1.3. Percepção da altura

O Quadro número 47 analisa a percepção da altura em função do sexo, através de valores em percentagens.

Quadro 46- Valores em percentagem da percepção da altura segundo o sexo.

	Sexo masculino	Sexo feminino	χ^2	p
Sinto-me alto	15,4%	13,6%	1,502	0,472
Sinto-me baixo	16,9%	24,5%		
Tenho a altura ideal	67,7%	61,9%		

Verificamos pelo Quadro 46, que a percentagem mais elevada de indivíduos de ambos os sexos percepcionam-se com

a altura ideal. Contudo , o sexo masculino apresenta valores percentuais superiores comparativamente ao feminino. Seguem-se os itens sinto-me baixo(a), apresentando maior percentagem de indivíduos do sexo feminino, e sinto-me alto(a), com valores superiores para os rapazes.

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os sexos.

1.4. Percepção do peso

O Quadro 47 refere-se à percepção do peso em função do sexo. De salientar que os valores serão apresentados em percentagens.

Quadro 47- Valores em percentagem da percepção do peso segundo o sexo.

	Sexo masculino	Sexo feminino	χ^2	p
Sinto-me gordo	21,5%	25,9%	0,550	0,760
Sinto-me magro	10,8%	11,7%		
Tenho o peso ideal	67,7%	62,6%		

Da leitura do Quadro 47, apercebemo-nos que tanto os rapazes como as raparigas percepcionam-se como tendo o peso ideal. Contudo, a percentagem de sujeitos do sexo masculino, neste item, revelou ser superior. Seguem-se sinto-me gordo(a) e, por fim, sinto-me magro(a), ambos com percentagens superiores nos indivíduos do sexo feminino.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na interacção da percepção da altura e do peso com o sexo.

Discussão

Os resultados da nossa pesquisa, de um modo geral, revelaram que a satisfação com a imagem corporal, quando analisada em função da idade e do sexo, mostrou ser superior nos indivíduos do sexo masculino nos II e III grupo de idades.

Estudos efectuados neste âmbito evidenciaram, claramente, níveis superiores de satisfação com a imagem corporal nos indivíduos do sexo masculino, apresentando, o sexo oposto, maior preocupação e insatisfação com o seu corpo (Cash e Brown, 1989; Garner, 1997; Abrantes, 1998; Gaspar, 1999; Festas, 2002 e Simões, 2002b).

Estes resultados suportam os do nosso estudo, pois o sexo masculino apresenta, no geral, níveis superiores de satisfação com a imagem corporal. Contudo, o sexo masculino pertencente à faixa etária entre os 14 e os 15 anos, mostrou-se mais insatisfeito que o sexo feminino.

O estudo efectuado por Conner et al. (1996) com cento e vinte e oito adolescentes de 11 anos e cento e três dos 12 aos 14 anos, demonstrou que o grupo dos 13 anos revelava-se menos satisfeito com as formas e o peso corporal do que o grupo de 11 anos. Os autores sugerem que os rapazes, tal como as raparigas, estão mais insatisfeitas com a sua imagem corporal aquando das transformações físicas associadas à puberdade.

A maioria dos homens deseja um corpo de formas mesomórficas, levemente musculado, do que um tipo ectomórfico ou endomórfico. Este ideal masculino é interiorizado desde muito cedo, o que sugere que as pressões culturais e sociais também afectam este sexo (Silberstein et al., 1988 e Tucker, 1982).

De sublinhar, ainda, que os valores da satisfação com a imagem corporal, verificados nos nosso resultados, apresentaram-se semelhantes para ambos os sexos, com

excepção no III grupo de idades (18 aos 20 anos), em que os rapazes revelaram, claramente, valores superiores. A literatura existente nesta temática, sustenta que, actualmente, as atitudes culturais face ao corpo masculino estão a sofrer alterações. Ou seja, para estes indivíduos, a valorização do corpo é cada vez maior, revelando, em alguns casos, níveis de insatisfação com as partes corporais cada vez mais próximos dos das mulheres. Mais uma vez, estes estudos confirmam os nossos resultados, nomeadamente nos I e II escalões etários (14 a 15 anos e 16 a 17 anos, respectivamente).

Analisando os itens, separadamente, no que respeita aos dentes, aos olhos, às orelhas, ao nariz, aos seios e aos ombros, verificamos uma maior satisfação por parte do sexo feminino, nas idades entre os 14 e os 15 anos. Neste grupo de idade, verificou-se que a barriga apresentou níveis de satisfação superiores no sexo feminino. Com efeito, os resultados da nossa pesquisa sugerem a mesma linha dos de Tucker (1985), o qual referiu que as mulheres se sentem, na generalidade, mais satisfeitas com os aspectos faciais.

O autor constatou, ainda, que a parte inferior do corpo revelava maiores níveis de insatisfação nas mulheres. Estes resultados apenas se confirmam para os grupos de idade II e III, tendo apresentado esta, quando comparados os sexos, diferenças estatisticamente significativas. As raparigas do I grupo, mostraram-se mais satisfeito com a parte inferior do corpo do que os rapazes do mesmo grupo.

No que respeita ao item cabelo, os resultados do nosso estudo revelaram a mesma tendência de outras investigações (Cash, 1990; Festas, 2002 e Abrantes, 1998). Isto é, os níveis de satisfação para esta parte do corpo, quando comparados os dois sexos, são superiores nas mulheres. No entanto, o nosso estudo apenas constatou esta ocorrência na

faixa etária entre os 18 e os 20 anos, verificando-se o contrário nos restantes grupos.

Vários estudos apontam para o facto de a satisfação com a imagem corporal variar com a idade (Fowler, 1989; Fallon, 1990 e Jacob, 1994).

O estudo de Jacob (1994), efectuado com sessenta indivíduos, dos quais trinta tinham 13 anos e os outros trinta, 15 anos, demonstrou que os valores da imagem corporal pioravam significativamente, com a idade, em ambos os sexos.

Num outro estudo realizado por Faustino (1994, citado por Simões, 2002b), o autor concluíu que a satisfação com a imagem corporal diminuía com a idade.

Os resultados do nosso estudo revelaram a mesma tendência, embora se confirme apenas nas raparigas. Para Cohn e Adler (1996, citado por Simões, 2002b), a idade encontra-se associada aos diferentes ideais de imagem corporal. à medida que a idade aumenta, os ideais orientam-se mais no sentido de obter um corpo magro, influenciando, deste modo, as populações mais adultas. Este argumento, não se confirma nos nossos resultados, nomeadamente para a população masculina, que revelou maiores níveis de satisfação com a imagem corporal no decorrer da idade.

Em síntese, verificaram-se diferenças significativas na satisfação com a imagem corporal e idade, em função do sexo, nos itens barriga, ancas, cintura, nádegas, coxas e na forma do corpo. Estes resultados não confirmaram os de Schwartz (1982, citado por Fisher, 1986), de Berscheid et al. (1973) e de Festas (2002) ao sustentarem o facto de a idade não estar associada à satisfação com a imagem corporal.

Vários autores (Furlong, 1977, citado por Fisher, 1986; Hamilton e Chowdhary, 1989, citados por Vasconcelos,

1995) têm defendido que o estatuto sócio-económico consiste num factor determinante nos estudos sobre a satisfação com a imagem corporal.

Levinson et al. (1986) sustentam que o estatuto sócio-económico parece variar na forma como os adolescentes encaram o seu corpo, influenciando, de certo modo, a imagem corporal.

StunKard et al. (1972, citados por Levinson et al., 1986), constataram que a obesidade é mais visível nos sujeitos de estrato social baixo, verificando-se o inverso nos indivíduos pertencentes às classes sociais alta e média. Estes, por sua vez, revelaram inquietação constante na procura da elegância, da magreza, recorrendo, mais frequentemente a dietas.

Os resultados do nosso estudo apontam no mesmo sentido, isto é, os maiores níveis de satisfação com a imagem corporal verificam-se, em ambos os sexos, nos indivíduos de estatuto sócio-económico alto, seguindo-se os de estatuto social baixo e, mais insatisfeitos, os sujeitos de estrato social médio.

Estes resultados sustentam-se na hipótese que Barbosa (2001) sugere, de que as classes sociais mais elevadas estão associadas a maiores índices de satisfação com a imagem corporal pelo facto de investirem mais tempo e dinheiro na sua aparência, pois os seus recursos económicos assim o possibilitam.

Fisher (1986) afirma que os indivíduos com estatuto social baixo, apresentam-se mais insatisfeitos com o seu aspecto corporal. Mais uma vez, os nossos resultados não confirmam essa tendência. Os indivíduos insatisfeitos com a imagem corporal, foram os que pertenciam ao estatuto sócio-económico médio, nos dois sexos.

O estudo de McAuley et al. (1995) assevera que a preocupação com a imagem corporal é mais acentuada nas

raparigas com estatuto social elevado e com uma carreira profissional, do que propriamente sem projecto de carreira.

A nossa pesquisa revelou que os valores médios obtidos na satisfação com a imagem corporal, no que respeita ao sexo feminino, foram os mesmos para os estratos sociais alto e baixo. Estes resultados confirmam os de McAuley et al. (1995).

Após a realização do estudo sobre a influência do estatuto sócio-económico, em relação à forma como os adolescentes encaram o seu próprio peso, Levinson et al. (1986) verificaram que as raparigas de classe social superior apresentam maior tendência para se sentirem com excesso de peso. Nos rapazes, verificaram o contrário, sentem-se mais elegantes. Estes resultados vão de encontro aos do nosso estudo.

Estudos levados a cabo por Vasconcelos (1995), Batista (1995) e Robinson (1996), não revelaram nenhuma associação significativa entre o estatuto sócio-económico e a satisfação com a imagem corporal.

Estes resultados são diferentes dos nossos, uma vez que os nossos revelaram diferenças estatisticamente significativas nos itens cintura; forma do corpo; condição física, energia e média dos vinte e três tens.

Por fim, convém sublinhar que o item altura, apesar das diferenças não serem significativas na comparação entre os três grupos sociais, obteve valores superiores de satisfação com a imagem corporal nos indivíduos do sexo masculino e com estatuto sócio-económico alto. A constatar a mesma tendência, Bogin (1988, citado por Vasconcelos, 1995), concluiu que os indivíduos mais altos tendem a subir no estatuto sócio-económico e que os indivíduos mais baixos tendem a descer ou a manter-se no mesmo estatuto, independentemente da classe social. O que sugere a existência de uma forte tendência social, que privilegia os

sujeitos de estatura alta, podendo contribuir para a sua ascensão na classe social. Deste modo, os nossos resultados apoiam-se nos resultados de Bogin (1988, citado por Vasconcelos, 1995).

Segundo Featherstone (1991), as pressões sociais para a busca de um ideal de magreza, parecem estar incorporadas em todas as classes sociais. Os diferentes níveis sócio-económicos (alto, médio e baixo) partilham os mesmos ideais físicos e de beleza (Wells e Sieger, 1961, citados por Barbosa, 2001).

Relativamente à percepção da altura e do peso, o estudo de Abrantes (1998), tal como o nosso, apresentou valores mais elevados nos rapazes relativamente às raparigas.

Ainda no estudo de Abrantes (1998), a autora verificou que os indivíduos que se percepcionam com a altura e o peso ideais, são aqueles que apresentam níveis mais elevados de satisfação com a imagem corporal, em ambos os sexos. Do mesmo modo, as percepções de possuir uma estatura baixa ou de ser gordo(a), estão associadas a níveis mais baixos de satisfação com a altura e com o peso.

Vários estudos (e.g. Rauste-von Wright, 1989 e Cash e Pruzinsky, 1990) revelaram que o peso é um dos aspectos corporais que causam maiores níveis de insatisfação, nomeadamente, na população feminina. A este respeito, Fallon e Rozin (1985) verificaram que as mulheres tendem a sobrestimar o seu peso. As mesmas desejam uma figura mais magra.

O estudo de Dinis (1996) revelou, do mesmo modo, que as mulheres sentem-se mais gordas, sobrestimando o peso. Constatou, ainda, que a percentagem de mulheres que se percepcionam com o peso ideal é inferior à dos homens.

Estes resultados confirmam os do nosso estudo, constatando, assim, que a percentagem de indivíduos do sexo

feminino é superior à do sexo masculino, no que respeita ao item sinto-me gordo(a). Relativamente à percepção do peso ideal, os dois sexos apresentam valores muito próximos e elevados. Contudo, o sexo masculino revelou valores superiores. Mais uma vez, os nossos resultados confirmam com os de Dinis (1996).

No que respeita à percepção da altura, o estudo de Dinis (1996) assinala que a percentagem de indivíduos que se sentem baixos é igual para os dois sexos, facto que não se verificou na nossa pesquisa.

A autora constatou, ainda, que a percentagem de sujeitos que se sentem altos é superior para o sexo masculino. Os nossos resultados confirmam os de Dinis (1996). A autora conclui, no mesmo estudo, que as mulheres que se percepcionam com o peso ideal obtiveram percentagens superiores à dos homens. Os nossos resultados diferem dos de Dinis (1996).

2. Valores e representações corporais

Os resultados apresentados referem-se aos valores e representações corporais por parte dos nossos inquiridos, analisados em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico. A discussão será efectuada no final da apresentação de todos os resultados pertencentes a este subcapítulo. Apresentaremos, antes de mais, os resultados que dizem respeito à análise factorial em componentes principais dos valores referentes ao corpo.

2.1. Análise Factorial dos valores referenciados ao corpo

Pretende-se, através deste procedimento, a partir de um conjunto elevado de dados, extrair o máximo de variáveis para cada componente ou factor. O objectivo da análise

factorial, é identificar padrões comuns de variação entre um conjunto de variáveis teoricamente relacionadas. Estas fontes de variação são designadas por factores e, o que se pretende, é obter um número reduzido de factores que possam ser relacionados com as variáveis (Vasconcelos, 1991).
O primeiro factor principal, diz respeito à combinação linear das variáveis observadas que separam maximamente os sujeitos, através da maximização da variância dos *scores* dos seus componentes. O segundo factor, traduz a combinação linear de variáveis observadas que extraem máxima variabilidade não correlacionada com o primeiro factor. Ou seja, após a remoção da variância associada ao primeiro factor, a máxima variabilidade observada constitui o segundo factor. Os restantes factores, extraem, igualmente, máxima variabilidade, a partir de correlações residuais e são ortogonais a todos os factores previamente extraídos (Maia, 1989, citado em Vasconcelos, 1991).

Deste modo, são ordenados uma série de factores principais, com o primeiro factor extraindo a máxima variância e, o último, a mínima variância.

Com efeito, após a realização do referido procedimento estatístico, obtivemos 30 dimensões de análise. Com o intuito de reduzir o número de factores e facilitar a sua classificação, procedeu-se a nova análise de componentes principais, introduzindo as variáveis cujos coeficientes de saturação se apresentaram com valor igual ou superior a 0,5. A partir deste valor, agrupamos as variáveis com maiores valores de saturação e procuramos um conceito que as unificasse. Assim, a análise em componentes principais produziu quatro factores significativos, segundo o critério valor de próprio de 5.0.

Ante estes procedimentos, a identificação valorativa do corpo, incluem quatro dimensões de análise que passamos a destacar: (i) dimensão estética e simbólica; (ii)

dimensão corpo social; (iii) dimensão corpo sensual e (iv) dimensão corpo saudável.

O Quadro 48, abaixo aflorado, consiste no produto da segunda análise factorial, incluindo as quatro componentes principais, com as variáveis cujos coeficientes de saturação mais elevados têm maior contribuição para a variância comum. Apresentamos ainda os valores próprios das referidas componentes.

Quadro 48- Componentes principais e variáveis correspondentes a coeficientes de saturação mais elevados do questionário dos valores e representações corporais.

1		2		3		4	
Ir à escola para aprender	0,928	Pensar no futuro	0,753	Olhar ao espelho com frequência	0,586	Ir ao médico com frequência	0,673
Ser capaz de exprimir facilmente	0,812	Vestir em função das condições do tempo	0,666	Passear pelo campo	0,515	Ter sempre um corpo alegre e jovem	0,537
Quando estou com problemas falar com os amigos	0,783	Falar com os amigos sobre assuntos de cultura geral	0,650	Utilizar o corpo para provocar os outros	0,471	Fazer uma alimentação equilibrada	0,449
Usar água de colónia/perfume	0,743	Ir à escola para ter um futuro melhor	0,619	Ter uma cara bonita	0,423		
Usar desodorizante	0,701	Vestir de forma desleixada	-0,728				
Conversar com os amigos	0,679	O corpo servir como sedução e desejo	-0,667				
Tocar/ouvir música com os amigos	0,613	Ir à escola porque sou obrigado	-0,656				
Utilizar o corpo para fazer desporto	0,596	Ir a concertos e fazer moshes	-0,491				
Lavar a cabeça com frequência	0,550						
Tipo de calçado que uso	0,543						
Ter um corpo saudável	0,523						
Tomar banho com frequência	0,511						
Usar botas de tropa	-0,925						
Apanhar bebedeiras com os amigos	-0,902						
Andar de carro/mota a grande velocidade	-0,844						
Ir a discotecas/concertos para apanhar bebedeiras	-0,844						
Usar roupas apertadas para salientar a linha do corpo	-0,787						
Ser alto	-0,661						
Usar o corpo para chamar a atenção dos outros	-0,599						

O corpo servir para provocar as pessoas	-0,581
Ter um corpo musculado	-0,555
Expressar sentimentos e emoções através do corpo	-0,550
Quando estou com os amigos fumar uns charros	-0,473
Ir à escola por não ter nada que fazer	-0,472
Ter uma cintura esbelta	-0,425
Usar roupas que salientem a linha do corpo	-0,412

Quadro 49- Valores da variância total e dos valores próprios das 4 componentes, resultantes da análise em componentes principais.

	1ª componente	2ª componente	3ª componente	4ª componente
Eigenvalues	13,711	8,055	3,464	2,717
% de variação	27,4%	16,1%	6,9%	5,4%

A 1ª componente, que explica 27% da variância total e obtém um valor próprio de 13,711, apresenta coeficientes de saturação elevados em trinta variáveis, das quais apresentam valores de saturação positivos (entre 0,511 e 0,928) e valores de saturação negativos (-0,412 e -0,902).

Verificamos, pela leitura do Quadro 48, que os coeficientes de saturação pertencentes à 1ª componente, valorizam aspectos relativos aos cuidados de higiene, relacionados com o realce e identificação da beleza corporal individual e comportamentos representativos de uma forma diferente de estar; práticas de transgressão e risco assumido. Com efeito, esta dimensão foi denominada de corpo estético/simbólico.

A 2ª componente explica 16% da variância total e apresenta um valor próprio de 8,055. Contém coeficientes de saturação elevados em oito variáveis. Destas, quatro

apresentam coeficientes de saturação positivos (entre 0,619 e 0,753) e quatro coeficientes de saturação negativos (entre -0,491 e -0,728). Analisando as variáveis do Quadro 48, pertencentes a esta componente, verificamos que as mesmas valorizam comportamentos, atributos e práticas culturais em que se verifica uma intenção de interacção com os outros. Deste modo, esta componente foi classificada como representando o corpo social.

A 3ª componente explica 7% da variância total. Tem um valor próprio de 3,464 e demonstra coeficientes de saturação elevados e positivos, embora inferiores aos anteriores, para quatro variáveis (de 0,423 a 0,586). Observando o Quadro 48, apercebemo-nos que esta componente retrata a sensualidade, desejos e emoções do corpo. Por isso, identifica-se, claramente, como representando o corpo sensual.

A 4ª e última componente explica, que 5% da variância total e tem um valor próprio de 2,717, apresenta coeficientes de saturação positivos elevados. Estes coeficientes variam entre 0,449 e0,673. Da análise do quadro, verificamos que as variáveis pertencentes a esta componente, valorizem os atributos de saúde e suas práticas, a nível individual e com referência a padrões culturais e sociais. Atribuímos, assim, a classificação de corpo saudável.

2.2. Valores e representações corporais, em função da idade e do sexo

O Quadro 50, refere-se às dimensões dos valores referenciados ao corpo, em função da idade e do sexo.

Quadro 50- Valores e representações corporais em função da idade e do sexo. Anova II factores, valores de F e de p.

	I (14-15 anos)		II (16-17 anos)		III (18-20 anos)		F	p
	Masc	**Fem**	**Masc**	**Fem**	**Masc**	**Fem**		
Corpo estético/ simbólico	2,60±0,35	2,56±0,26	2,66±0,44	2,61±0,26	2,61±0,34	2,55±0,24	0,026	ns
Corpo social	**2,48±0,38**	**2,48±0,26**	**2,54±0,37**	**2,51±0,25**	**2,61±0,37**	**2,37±0,21**	**2,144**	**0,120**
Corpo sensual	2,19±0,53	2,46±0,39	2,35±0,69	2,36±0,45	2,48±0,50	2,48±0,42	1,256	ns
Corpo saudável	3,13±0,69	3,28±0,48	3,03±0,75	3,30±0,50	2,96±0,82	3,30±0,37	0,310	ns

Da observação do Quadro número 50, apercebemo-nos que, no I grupo de idades (14 a 15 anos), a componente corpo saudável foi a que obteve valores médios mais elevados, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Por outro lado, o corpo sensual foi a dimensão que apresentou valores médios inferiores, nos dois sexos.

Relativamente ao grupo II (16 a 17 anos), o Quadro 50 revela-nos, tal como no grupo anterior, os valores mais elevados para o corpo saudável e, os valores inferiores para o corpo sensual, para ambos os sexos.

No que respeita ao grupo de idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, o corpo saudável corresponde aos valores superiores, para os dois sexos. O corpo sensual para o sexo masculino e o corpo social para o sexo feminino, foram as componentes que se apresentaram com menores valores médios.

De realçar que a dimensão corpo saudável tende a desvalorizar-se com o aumento da idade, para os indivíduos do sexo masculino. O contrário, verifica-se para o sexo feminino.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em todas as componentes, relativamente ao sexo e à idade. No entanto, a dimensão corpo social apresentou um valor de p= 0,12 muito próximo da significância estatística.

2.3. Valores e representações corporais, em função do estatuto sócio-económico e do sexo

Através do Quadro 51, verificamos os valores das dimensões referentes aos valores e representações corporais, em função do estatuto sócio-económico e do sexo.

Quadro 51- Valores e representações corporais em função do estatuto sócio-económico e do sexo. Anova II factores, valores de F e de p.

	Estatuto sócio-económ. alto		Estatuto sócio-económ. médio		Estatuto sócio-económ. baixo		F	p
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem		
Corpo estético/ simbólico	**2,74±0,51**	**2,59±0,25**	**2,65±0,37**	**2,58±0,28**	**2,48±0,34**	**2,61±0,22**	**2,311**	**0,102**
Corpo social	2,74±0,49	2,52±0,18	2,49±0,33	2,47±0,29	2,49±0,34	2,48±0,22	1,675	ns
Corpo sensual	**2,42±0,70**	**2,39±0,44**	**2,44±0,51**	**2,41±0,44**	**1,98±0,68**	**2,41±0,41**	**3,724**	**0,026**
Corpo saudável	3,06±0,57	3,28±0,60	3,10±0,69	3,29±0,46	2,86±1,01	3,32±0,44	0,889	ns

Analisando o Quadro 51, constatamos que em todas as classes sociais e, em ambos os sexos, o corpo saudável foi a componente que apresentou valores superiores, e o corpo sensual, a dimensão com os valores inferiores.

Convém salientar que, à excepção do sexo masculino com estatuto sócio-económico baixo, os restantes grupos apresentaram Valores semelhantes na dimensão corpo saudável.

Exceptuando as componentes corpo estético/simbólico e corpo sensual, as restantes componentes não revelaram

diferenças estatisticamente significativas em função do estatuto sócio-económico e do sexo. O corpo estético/simbólico apresentou um valor de p= 0,10 e o corpo sensual um valor de p= 0,026.

Discussão

O estudo efectuado por Rodrigues (1997) sobre os valores e representações corporais em culturas juvenis escolares, manifestou uma valorização e preocupação por um corpo saudável, jovial e hedónico.

Neste domínio, Caldwell (1995, citado em Rodrigues, 1997) assinala de que a ideia de ser possuidor de um corpo física e mentalmente saudável é um indicador, que muitos adolescentes apontam, como relevante para o seu envolvimento na participação da vida em sociedade.

No que respeita aos valores hedonistas, o estudo de Pais (1998), acerca dos valores na sociedade portuguesa contemporânea, revelou que os valores de cunho individualista e hedonista são valores centrais, nomeadamente, entre os mais jovens, onde o corpo é exaltado, amado e valorizado.

Estas conclusões parecem confirmar os resultados obtidos no nosso estudo. Ou seja, das quatro dimensões valorativas do corpo, o corpo saudável apresentou-se como a mais importante para os três grupos de idade, para os diferentes estratos sociais e para ambos os sexos.

De realçar, que esta componente tende a desvalorizar-se no decorrer da idade, nos indivíduos do sexo masculino e pertencentes ao estatuto sócio-económico baixo. No entanto, as raparigas atribuem maior importância aos aspectos de saúde com o aumento da idade, verificando-se, mais atentadamente, nos estratos sociais baixos.

Fazendo novamente referência ao estudo de Rodrigues (1997), a valorização da vertente estética assumiu maior destaque nas atitudes que dizem respeito à higiene corporal. Se recuarmos ao ponto 2.1 do presente capítulo, nomeadamente ao Quadro 48, relativo às variáveis que apresentaram coeficientes de saturação mais elevados, apercebemo-nos que as questões ligadas à higiene corporal, inseridas na 1ª componente, também se destacaram. Numa análise à higiene e cuidados a ter com o corpo, Vigarello (1985) revela que se trata de hábitos que se encontram culturalmente enraizados e corporalmente socializados, onde o saber e as práticas médicas desempenham um papel de extrema importância na sua crescente valorização.

Ainda nesta vertente, os resultados da investigação efectuada por Rodrigues (1997), apontaram para uma fraca valorização do corpo estético. O autor associa esta desvalorização aos hábitos alimentares e à solicitação de um modelo estético de corpo: alto, magro e jovem.

Convém, também, destacar o valor simbólico em que se encontraram impregnados os comportamentos e práticas corporais dos adolescentes do estudo de Rodrigues (1997). O autor alerta para a presença de um corpo comunicativo nos quotidianos dos adolescentes.

Afinal, toda a conquista de um espaço corporal social, faz-se de confrontos, conflitos, contradições e paradoxos. Neste sentido, a opção pelo risco, o hedonismo nas suas ligações sociais, ou, simplesmente, na forma diferente de ser e estar nas interacções sociais, parecem merecer maior significado no mundo adolescente (Rodrigues, 1997). Todos estes aspectos poderão traduzir um corpo à procura de significado para a sua existência, portanto, a busca de um corpo simbólico.

Sobre este corpo simbólico, os comportamentos e atitudes dos jovens pertencentes ao estudo de Rodrigues

(1997), realçaram representações que, ao nível do corpo, focaram um certo deixar ir ao sabor dos quotidianos vividos num sentimento de liberdade pessoal e individual.

A este respeito, o estudo de Vala et al. (2003) mostrou que os julgamentos morais estão a mudar em alguns domínios. Esta evolução sugere que os valores sejam vistos como fazendo parte do domínio pessoal e, por consequência, dizem respeito à liberdade individual.

Num outro estudo, Ferreira (1998a) reforça esta ideia, ao revelar que os jovens fundamentam a sua vida quotidiana numa ética de diversão, do prazer, da imagem e do lazer.

No mesmo âmbito, Ferreira (1998b) verificou, uma vez mais, este mesmo quadro de valores, em que os jovens dão maior valorização aos tempos de lazer, ao corpo e às actividades físicas e, ainda, à sexualidade.

O contributo de Almeida (1990) também se direcciona no mesmo sentido, ou seja, a da procura de realização pessoal, da reivindicação de protecção do indivíduo pela sociedade e da valorização da esfera privada e dos lazeres como meios de realização.

Os resultados da nossa pesquisa, no que respeita à componente estética/simbólica, demonstraram que a valorização desta dimensão é mais acentuada nos indivíduos com idades estabelecidas entre os 16 e os 17 anos, em ambos os sexos e de classes sociais elevadas.

Estes resultados traduzem o que os autores anteriormente referidos, sustentam sobre os valores referenciados ao corpo dos jovens adolescentes. Não obstante, os valores atribuídos para esta dimensão foram menores que a dimensão corpo saudável, tal como nos resultados de Rodrigues (1997). Verifica-se uma desvalorização nesta componente, sendo significativa em relação ao estatuto sócio-económico. Estes resultados poderão encontrar justificação no corpo contemporâneo. Isto

é, na opinião de Lobo (1999), o corpo actual é caracterizado pelo culto da imagem, da aparência, da necessidade de fazer sobressair aquilo que é visível.

Assistimos a uma verdadeira explosão na atenção e nos cuidados com o corpo, quer na esfera do público quer na do privado. De um modo geral, este fenómeno atinge todas as classes sociais e todos os níveis da cultura actual (Queirós, 2002).

A atenção sobre o corpo assume-se, de forma inegável, como um desejo de preservação. Nos meios de comunicação social apela-se a um modelo de corpo alto, magro e jovem. É crucial a manutenção de uma aparência jovem, actual, sedutora e bela (Alves, 1999).

O corpo social, que apresentou um valor muito próximo de ser significativo no nosso trabalho, obteve maior importância nos rapazes pertencentes aos II e III grupo de idades. Verificou-se, no entanto, uma desvalorização desta componente na faixa etária entre os 14 e os 15 anos. Contudo, os rapazes de estatuto sócio-económico alto foram os que maior importância (apesar de ser reduzida) atribuíram ao corpo social. Mais uma vez, verifica-se uma desvalorização, quando comparamos o corpo social com a componente corpo saudável. O estudo de Rodrigues (1997) também revelou uma clara desvalorização de um corpo socialmente diferente, por uma grande parte dos adolescentes.

A 4ª componente da nossa pesquisa (corpo sensual) foi, claramente, a dimensão mais desvalorizada. Muito embora, as raparigas apresentaram valores superiores relativamente aos rapazes, no I e II grupo de idades. Esta dimensão revelou diferenças significativas no que respeita ao estatuto sócio-económico. Os rapazes pertencentes à classe social baixa, são os que menor importância atribuem a esta componente.

3. Satisfação com a imagem corporal e os valores e representações corporais

Pretende-se, neste ponto, verificar uma associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo.

3.1. Relação entre a satisfação com a imagem corporal e as componentes dos valores referenciados ao corpo

O Quadro 52, verifica a relação existente entre a satisfação com a imagem corporal e os valores e representações corporais. Para o efeito, analisamos os valores de correlação de Pearson assim como o respectivo nível de significância.

Quadro 52- Valores de correlação de Pearson, entre os valores médios da satisfação com a imagem corporal e as quatro componentes relativas aos valores e representações corporais.

	Valor médio da satisfação imagem corporal	Corpo estético / simbólico	Corpo social	Corpo sensual	Corpo saudável
Valor médio da satisfação c/ a imagem corporal	1,000	-0,028	0,067	0,001	-0,041

Ante o exposto, apercebemo-nos que a correlação existente entre a satisfação com a imagem corporal e as componentes referenciadas aos valores corporais verificou-se, embora a correlação seja muito fraca. Ou seja, a correlação não apresenta valores significativos, obtendo valores negativos nas componentes corpo estético/simbólico e corpo saudável. O corpo social e o corpo sensual, apresentaram valores positivos, embora muito reduzidos.

Dado estes resultados pouco satisfatórios e tendo em consideração as nossas expectativas, decidimos analisar

esta relação através de outro procedimento estatístico, de forma a podermos verificar a associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores e representações corporais. Assim, para compararmos os dois grupos, utilizamos a Anova II factores e, em seguida, o teste *Post hoc* de comparação múltipla de Scheffé, para efeitos exploratórios.

Para o efeito, agrupamos os níveis da satisfação com a imagem corporal em três categorias: (i) Insatisfeitos; (ii) Indiferentes e (iii) Satisfeitos. Utilizámos, ainda, algumas das variáveis referentes aos valores do corpo, nomeadamente, as que apresentavam diferenças estatisticamente significativas entre as categorias da satisfação com a imagem corporal e as variáveis do questionário referenciado aos valores e representações corporais. Os resultados serão apresentados no Quadro 53.

Quadro 53- Resultados concernentes ao questionário dos valores e representações corporais, em função das categorias da satisfação com a imagem corporal. Anova factorial, valores de F e de p.

	Insatisfeitos	**Indiferentes**	**Satisfeitos**	**F**	**p**
Fumar tabaco	1,82±1,25	1,24±0,69	1,32±0,83	2,622	0,075
Ter uma cintura esbelta	2,55±1,29	1,74±0,96	1,93±1,06	3,265	0,040
Vestir o que apetece e quando apetece	2,55±1,04	2,03±0,90	2,27±1,02	2,275	0,105
Vestir de forma desleixada	1,36±0,92	1,25±0,47	1,53±0,84	3,895	0,022
Dançar todo o tipo de música	2,00±1,00	2,55±0,83	2,29±0,90	3,412	0,035
Não divertir porque a vida é algo de muito sério	1,45±0,69	1,58±0,79	1,34±0,70	2,482	0,086
Praticar desportos radicais	2,36±1,03	2,65±0,91	2,85±0,93	2,126	0,122
Vestir com cores berrantes	1,09±0,30	1,52±0,64	1,55±0,65	2,670	0,072
Fumar charros com os amigos	1,55±1,04	1,10±0,40	1,32±0,81	3,874	0,022

Não fazer nada na vida	1,64±1,12	1,19±0,54	1,44±0,85	3,674	0,027
Usar roupas largas para me sentir à vontade	2,73±1,10	2,35±0,88	2,64±0,81	3,191	0,043
Participar em concursos de beleza	1,27±0,47	1,34±0,60	1,61±0,84	3,697	0,026
Ter um cumprimento especial entre os amigos	2,27±1,19	2,64±0,93	2,37±0,96	2,248	0,108
Ir às discotecas para ouvir música	1,91±1,14	2,55±1,02	2,25±0,97	2,718	0,068
Ir à escola para ter um futuro melhor	3,55±0,93	3,38±0,50	3,58±0,74	2,879	0,058
Ter uma cara bonita	2,09±0,83	2,64±0,90	2,68±0,84	2,281	0,105
Ir à escola porque sou obrigado	1,18±0,41	1,29±0,54	1,59±0,84	5,373	0,005
Dar graxa aos professores para ter boas notas	2,00±1,27	1,35±0,65	1,66±0,94	5,029	0,007
Ir ao médico com frequência	2,64±1,12	3,22±0,74	3,06±0,83	2,961	0,054
Ter um corpo musculado	2,64±1,21	1,93±0,91	2,22±0,92	4,150	0,017

Da leitura geral do Quadro 53, apercebemo-nos que a variável "ir à escola para ter um futuro melhor", correspondente aos valores corporais, foi a que apresentou valores superiores nas três categorias da satisfação com a imagem corporal, salientando-se, mais claramente, nos satisfeitos (3,58±0,74). O contrário verificou-se nas variáveis "vestir com côres berrantes"; "fumar uns charros com os amigos" e ."fumar tabaco", para as categorias insatisfeito, indiferente e satisfeito, respectivamente.

É interessante verificar que a variável "ter uma cintura esbelta" apresentou valores mais elevados nos insatisfeitos do que nos satisfeitos (2,55±1,29 e 1,93±1,06, respectivamente). Igualmente interessante, foi observar que na variável "ter um corpo musculado", os insatisfeitos obtiveram, novamente, valores médios superiores aos dos satisfeitos (2,64±1,21 e 2,22±0,92,

respectivamente). Ainda na variável "vestir de forma desleixada", o grupo dos satisfeitos revelou valores mais elevados do que os insatisfeitos e os indiferentes.

Os indivíduos considerados satisfeitos com a sua imagem corporal apresentaram, relativamente às restantes categorias, valores médios superiores nas variáveis: "praticar desportos radicais"; "participar em concursos de beleza" e "ter uma cara bonita".

No que respeita aos sujeitos denominados de insatisfeitos, quando comparados com os outros, estes apresentaram valores mais elevados nas variáveis "fumar tabaco"; "vestir o que apetece e quando apetece"; "fumar uns charros com os amigos"; "não fazer nada na vida"; "usar roupas largas para me sentir à vontade" e "dar graxa aos professores para ter boas notas".

Estes resultados sugerem, apesar de reduzida, uma associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo.

Como anteriormente mencionamos, todas as variáveis apresentadas no Quadro 53, revelaram diferenças estatisticamente significativas entre as categorias da satisfação com a imagem corporal e as variáveis do questionário dos valores referenciados ao corpo.

Discussão

Através do Quadro 52, referente aos valores de correlação de Pearson, entre a média da satisfação com a imagem corporal e as quatro componentes relativas aos valores e representações do corpo, verificamos, como

anteriormente, que esta correlação é muito fraca, não se verificando associações estatisticamente significativas.

Com o intuito de analisarmos, uma associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores e representações corporais, recorremos ao Quadro número 53. Da sua leitura, apercebemo-nos que existe uma associação, apesar da pouca significância em grande parte dos casos, entre a satisfação com a imagem corporal e as variáveis relacionadas com os valores do corpo, revelando associações estatisticamente significativas em vinte variáveis.

Os indivíduos do nosso estudo que se consideram insatisfeitos, quando comparados com os outros, atribuem maior importância às variáveis "fumar tabaco"; "vestir o que apetece e quando apetece"; "fumar uns charros com os amigos"; "não fazer nada na vida"; "usar roupas largas para me sentir à vontade" e "dar graxa aos professores para ter boas notas". De acordo com Pais (1998), estes adolescentes valorizam preferencialmente uma vivência quotidiana, numa ética de liberdade pessoal e individual do prazer.

Ferreira (1998a), reforça a ideia de Pais (1998), ao revelar que os jovens fundamentam a sua vida quotidiana numa ética de diversão, do prazer, da imagem e do lazer.

Tais imagens, caracterizadas pela aparência exterior, da necessidade de fazer sobressair aquilo que é visível, consideradas centrais na vivência da sociedade actual, levam, em muitos casos, à construção de juízos errados, criando comportamentos inadequados e, na maioria das vezes, muito pouco saudáveis (Lobo, 1999).

A este respeito, Cash (1990) afirma que, a estética e a aparência corporais, afectam o modo como os outros indivíduos nos vêem e a forma como podemos ser tratados.

Schilder (1968) também destaca que forças sociais e culturais também contribuem na formação do conceito individual da imagem corporal.

Segundo Fallon (1990), a imagem corporal não é somente o retrato que o sujeito percepciona sobre o seu próprio corpo, mas também a forma como outros sujeitos o vêem. Portanto, além das representações mentais, as reacções dos outros à aparência do corpo do indivíduo influenciam o desenvolvimento da imagem corporal (Fisher, 1986).

Para finalizar, referimos o estudo de Duarte e Nunes (1994), no qual os autores verificaram que as ansiedades com a forma corporal e o aspecto físico encorajam as pessoas a praticarem mais exercício físico, a não fumarem e a cuidarem do seu corpo.

Pelo exposto, verifica-se uma associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores e representações corporais.

Na nossa pesquisa, os indivíduos denominados de satisfeitos revelam associações significativas relativamente à variável dos valores e representações corporais "ter uma cara bonita". O estudo de Tucker (1985) aponta no mesmo sentido, isto é, o autor assinala que as mulheres sentem-se, na generalidade, mais satisfeitas com os aspectos faciais. Ou seja, os indivíduos de ambos os sexos, embora mais acentuadamente no sexo feminino, apresentam níveis elevados de satisfação com a imagem corporal, na referida parte do corpo. Perante isto, apercebemo-nos, neste ponto, de uma associação entre a referida variável e os indivíduos satisfeitos com a sua aparência corporal.

Um estudo levado a cabo por Duarte e Nunes (1994), revelou que cerca de 70% dos Lisboetas dão muita importância a "uma linha esbelta do corpo", aos "regimes alimentares" e ao "processo de envelhecimento". Revelou, ainda, que os investimentos no corpo obedecem a imperativos sociais e que são dominantes em determinados grupos sociais (camadas mais jovens, solteiros, divorciados, etc.).

Estes resultados apontam na mesma direcção que os nossos. No entanto, foram os indivíduos insatisfeitos que maior importância atribuíram às variáveis.

Relativamente à variável "ir ao médico com frequência", os resultados demonstraram valores superiores para os indiferentes e para os satisfeitos. Sobre este assunto, Duarte e Nunes (1994) afirmam que as atenções dadas ao corpo são confirmadas pelos investimentos narcisísticos, traduzidos em várias ritualidades e anseios do dia a dia. O receio com o processo de envelhecimento, a obsessão pela saúde e pela linha corporal, as preocupações com a higiene, os rituais de controlo e de manutenção (das refeições e do peso) são exemplos claros das preocupações com a aparência e com a imagem corporal.

Estas preocupações, no nosso entender, explicam a relação existente no nosso estudo entre a satisfação com a imagem corporal e a variável "ir ao médico com frequência", referente aos valores corporais.

Para finalizar, resta-nos comentar a associação verificada entre a variável "Ir à escola para ter um futuro melhor" e a satisfação com a imagem corporal. Dos resultados da nossa pesquisa, apercebemo-nos que as três categorias (insatisfeitos, indiferentes e satisfeitos), obtiveram os valores médios mais elevados, destacando-se os satisfeitos com os valores superiores.

No nosso entender, são os indivíduos mais satisfeitos com a imagem corporal que maior importância atribuem à escola. Pretendem, com isso, ter um futuro melhor.

O estudo de Nunes (1996), sobre os perfis sociais juvenis, demonstrou que, quanto mais elevadas são as origens sociais, maior a percentagem de jovens que frequenta a escola. O autor conclui, assim, que as categorias de classe mais desprivilegiadas, geralmente, efectuam trajectórias escolares de curto alcance, negando, muitas vezes, a escola como meio de mobilidade profissional e social.

Neste âmbito, Pais (1998), ao estudar os modelos de comportamento dos grupos juvenis em relação à escola e ao trabalho, constatou, igualmente, que a origem social dos jovens persiste, sendo uma variável explicativa do sucesso escolar e das atitudes dos jovens face à escola e ao emprego.

O estudo de McAuley et al. (1995), assevera que a preocupação com a imagem corporal é mais acentuada nas raparigas com estatuto social elevado e com uma carreira profissional, do que propriamente sem projecto de carreira.

Sobre esta temática, Barbosa (2001), revela que as classes sociais mais elevadas estão associadas a maiores índices de satisfação com a imagem corporal, pelo facto de investirem mais tempo e dinheiro na sua aparência, pois os seus recursos económicos assim o possibilitam.

Fisher (1986) afirma, igualmente, que os indivíduos com estatuto social baixo, apresentam-se mais insatisfeitos com o seu aspecto corporal.

Em síntese, verificamos que os indivíduos mais satisfeitos com a imagem corporal pertencem a classes sociais altas e, como já referido anteriormente, quanto mais elevadas são as origens sociais, maior a percentagem

de jovens que frequenta a escola, considerando-a, assim, um meio de mobilidade profissional e social.

Perante o exposto, pensamos ter contribuído para interpretar os resultados do nosso estudo. Assim, em consonância com os autores, pensamos existir uma associação entre "ir à escola para ter um futuro melhor", referente aos valores e representações corporais e os indivíduos satisfeitos com a sua imagem corporal.

4. Redes de sociabilidade/grupos juvenis

Os resultados apresentados referem-se às redes de sociabilidade/grupos juvenis e consumos culturais, analisados em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico. Pretende-se determinar uma tendência, por parte dos sujeitos, para qualquer tipo de identificação grupal. Para o efeito, este subcapítulo será, ainda, subdividido em três partes: (1) Géneros musicais; (2) Identificação com estilos e ideais de grupo e (3) Redes de sociabilidade (convivialidades). De referir que esta última parte aborda, também, o sexo e a idade das companhias preferidas.

A discussão será efectuada no final da apresentação de todos os resultados pertencentes a este subcapítulo.

4.1. Grupos juvenis

os estilos de música ouvidos pelos adolescentes parecem poder constituir-se como potenciais diferenciadores das culturas juvenis. A este propósito, Pais(1996a) afirma que, objectos simbólicos como a música são cristalizações expressivas que ajudam a definir a identidade dos grupos.

Deste modo, iremos abordar os géneros musicais, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico.

4.1.1. Géneros musicais em função do sexo

Através dos Quadros 54 e 55, verificamos os tipo de música mais ouvidos, através de uma escala de preferências, pelos indivíduos do sexo masculino e feminino.

Quadro 54- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida no sexo masculino. Valores em percentagem (%).

Sexo masculino

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	16,0%	12,0%	20,0%	4,0%	4,0%	0%	4,0%	0%	4,0%	4,0%	4,0%	12,0%	8,0%	8,0%
Blues	5,9%	11,8%	17,6%	5,9%	5,9%	5,9%	11,8%	5,9%	0%	0%	0%	11,8%	17,6%	0%
Popular portuguesa	10,7%	21,4%	10,7%	14,3%	10,7%	3,6%	10,7%	0%	3,6%	3,6%	3,6%	7,1%	0%	0%
Ligeira estrangeira	16,7%	20,0%	10,0%	16,7%	10,0%	13,3%	0%	3,3%	3,3%	0%	3,3%	0%	3,3%	0%
Heavy Metal	27,3%	15,2%	18,2%	9,1%	6,1%	3,0%	3,0%	9,1%	0%	0%	0%	3,0%	0%	6,1%
Popular brasileira	8,7%	4,3%	17,4%	13,0%	8,7%	8,7%	4,3%	13,0%	4,3%	8,7%	0%	0%	8,7%	0%
Jazz	0%	5,6%	11,1%	5,6%	16,7%	11,1%	11,1%	11,1%	22,2%	5,6%	0%	0%	0%	0%
Rap	7,7%	11,5%	15,4%	19,2%	3,8%	11,5%	0%	3,8%	11,5%	3,8%	7,7%	0%	0%	3,8%
Reagge	0%	7,7%	0%	0%	15,4%	7,7%	15,4%	15,4%	15,4%	15,4%	7,7%	0%	0%	0%
Africana	7,1%	0%	14,3%	0%	0%	21,4%	0%	0%	7,1%	28,6%	7,1%	0%	0%	14,3%
Pop/Rock	54,0%	20,0%	12,0%	4,0%	4,0%	2,0%	0%	0%	0%	0%	4,0%	0%	0%	0%
Hard rock	8,3%	33,3%	27,8%	8,3%	8,3%	2,8%	2,8%	0%	2,8%	0%	0%	5,6%	0%	0%
Dance music	18,4%	23,7%	21,1%	13,2%	10,5%	2,6%	5,3%	2,6%	0%	0%	2,6%	0%	0%	0%
Punk	0%	13,0%	8,7%	26,1%	4,3%	4,3%	13,0%	4,3%	0%	4,3%	8,7%	4,3%	4,3%	4,3%

Relativamente ao sexo masculino, a primeira ordem de preferência incide sobre a música pop/rock. Em segundo e terceiro lugares surge o hard/rock, seguindo-se a música punk, jazz e africana. Em sétimo e oitavo lugares, a preferência vai para a música reagge, em nono o jazz, seguindo-se, novamente, a música africana, a punk, a clássica, blues e, por fim, a africana. De referir que, relativamente à primeira ordem de preferência, a música jazz, reagge e punk, obtiveram uma percentagem de 0% de indivíduos, ou seja, nenhum indivíduo seleccionou para primeiro lugar na ordem de preferência estes géneros musicais. Convém não esquecer que os tipos de música popular portuguesa, ligeira estrangeira, heavy metal,

music, não obtiveram lugar na ordem de preferência dos indivíduos deste sexo.

Quadro 55- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no sexo feminino. Valores em percentagem (%).

Sexo feminino

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	5,8%	10,1%	8,7%	10,1%	11,6%	2,9%	2,9%	5,8%	4,3%	8,7%	7,2%	5,8%	8,7%	7,2%
Blues	0%	5,1%	3,4%	5,1%	8,5%	15,3%	11,9%	13,6%	8,5%	6,8%	8,5%	10,2%	1,7%	1,7%
Popular portuguesa	8,8%	8,8%	13,8%	15,0%	7,5%	5,0%	6,3%	3,8%	8,8%	2,5%	5,0%	2,5%	5,0%	7,5%
Ligeira estrangeira	26,9%	18,3%	18,3%	13,5%	8,7%	6,7%	1,9%	1,0%	0%	1,0%	1,9%	1,9%	0%	0%
Heavy Metal	7,9%	9,5%	15,9%	14,3%	6,3%	6,3%	7,9%	6,3%	6,3%	1,6%	0%	3,2%	6,3%	7,9%
Popular brasileira	9,0%	19,1%	19,1%	11,2%	7,9%	10,1%	1,1%	7,9%	4,5%	0%	3,4%	12,2%	4,5%	0%
Jazz	0%	2,0%	6,0%	12,0%	2,0%	2,0%	2,0%	4,0%	10,0%	18,0%	12,0%	10,0%	12,0%	8,0%
Rap	3,2%	6,3%	14,3%	9,5%	14,3%	6,3%	7,9%	4,8%	7,9%	11,1%	9,5%	3,2%	0%	1,6%
Reagge	4,0%	0%	2,0%	8,0%	6,0%	12,0%	10,0%	12,0%	4,0%	6,0%	6,0%	10,5%	12,0%	8,0%
Africana	2,0%	0%	7,8%	3,9%	2,0%	2,0%	7,8%	9,8%	5,9%	3,9%	3,9%	9,8%	21,6%	19,6%
Pop/Rock	54,9%	17,3%	12,0%	8,3%	3,8%	1,5%	0%	0,8%	0%	1,5%	0%	0%	0%	0%
Hard rock	3,1%	16,9%	18,5%	7,7%	12,3%	7,7%	12,3%	4,6%	1,5%	7,7%	3,1%	3,1%	0%	1,5%
Dance music	11,1%	37,6%	17,9%	13,7%	6,0%	6,0%	2,6%	1,7%	0,9%	0%	2,6%	0%	0%	0%
Punk	3,4%	3,4%	13,6%	8,5%	11,9%	6,8%	10,2%	3,4%	8,5%	5,1%	5,1%	11,9%	1,7%	6,8%

O sexo feminino, apresenta uma ordem de preferência diferente da do sexo oposto. No entanto, à música pop/rock foi atribuída, tal como no sexo masculino, o primeiro lugar na ordem de preferência. Seguiu-se a dance music, popular brasileira, popular portuguesa, rap, blues, hard/rock, a blues outra vez, mas para o oitavo lugar. Em nono, décimo e décimo primeiro, o tipo de música escolhido foi o jazz. A seguir, a preferência foi para a música popular brasileira e, a africana para os dois últimos lugares na ordem de preferências dos indivíduos do sexo feminino. Contudo, convém salientar que as músicas bues e jazz, na primeira ordem de preferência, obtiveram 0% de indivíduos. De sublinhar, ainda, o facto de os tipos de músicas clássica, ligeira estrangeira, heavy metal, reagge e punk, não foram selecionadas, pelos indivíduos deste sexo, para nenhum lugar na ordem de preferência.

Pelo exposto, podemos afirmar que a escala de preferências dos géneros musicais diferem entre os sexos. Contudo, a música pop/rock foi a que reuniu maior percentagem de indivíduos de ambos os sexos na primeira ordem de preferência. De referir ainda que um dos géneros musicais que obteve a menor percentagem, denominada de jazz, foi a mesma para os dois sexos.

Concluímos, assim, que o primeiro e último géneros musicais preferidos foram os mesmos para os dois sexos.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos, nos seguintes tipos de música: blues (χ^2=20,844; p=0,076), jazz (χ^2=22,979; p=0,028) e africana (χ^2 =23,578; p=0,023).

4.1.2. Géneros musicais em função da idade

Os Quadros 56, 57 e 58 abaixo esquematizados, referem-se à ordem de preferência dos tipos de música, que os sujeitos da nossa pesquisa, mais ouvem. De salientar, que os géneros musicais foram analisados em função dos escalões etários.

Quadro 56- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no grupo de idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos. Valores em percentagem (%).

(I) - 14 a 15 anos

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	0%	9,1%	18,2%	6,1%	15,2%	3,0%	6,1%	3,0%	6,1%	3,0%	6,1%	12,1%	9,1%	3,0%
Blues	0%	0%	5,0%	0%	5,0%	20,0%	5,0%	15,0%	15,0%	10,0%	5,0%	5,0%	10,0%	5,0%
Popular portuguesa	5,7%	14,3%	5,7%	22,9%	2,9%	5,7%	11,4%	5,7%	8,6%	5,7%	2,9%	0%	5,7%	2,9%
Ligeira estrangeira	28,9%	13,3%	20,6%	11,1%	11,1%	11,1%	2,2%	0%	0%	2,2%	0%	0%	0%	0%
Heavy Metal	13,3%	10,0%	13,3%	13,3%	10,5%	6,7%	3,3%	13,3%	3,3%	0%	0%	3,3%	3,3%	6,7%
Popular brasileira	13,2%	13,2%	15,8%	13,2%	5,3%	7,9%	5,3%	7,9%	2,6%	2,6%	2,6%	5,3%	5,3%	0%
Jazz	0%	0%	4,5%	9,1%	9,1%	0%	9,1%	9,1%	9,1%	18,2%	9,1%	13,6%	4,5%	4,5%
Rap	3,2%	9,7%	16,1%	9,7%	12,9%	9,7%	3,2%	3,2%	12,9%	6,5%	6,5%	3,2%	0%	3,2%
Reagge	0%	0%	0%	0%	10,0%	15,0%	5,0%	20,0%	10,0%	10,0%	10,0%	10,0%	5,0%	5,0%
Africana	0%	0%	5,3%	0%	0%	5,3%	10,5%	0%	5,3%	10,5%	10,5%	5,3%	26,3%	21,1%
Pop/Rock	56,4%	16,4%	12,7%	9,1%	5,5%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Hard rock	8,8%	17,6%	23,5%	5,9%	8,8%	5,9%	8,8%	2,9%	0%	8,8%	2,9%	2,9%	0%	2,9%
Dance music	8,9%	46,7%	13,3%	17,8%	2,2%	2,2%	0%	2,2%	2,2%	0%	4,4%	0%	0%	0%
Punk	6,7%	6,7%	13,3%	13,3%	10,0%	3,3%	10,0%	0%	3,3%	0%	10,0%	10,0%	3,3%	10,0%

Observando o I grupo de idades (14 a 15 anos), constatamos que os géneros musicais apresentaram a seguinte ordem crescente: pop/rock, dance music, hard rock, popular portuguesa, clássica, blues, mais uma vez a popular portuguesa, reagge, novamente a blues, jazz, africana, outra vez a jazz, e os dois últimos lugares foram atribuídos à música africana. As músicas blues, jazz, reagge e africana, obtiveram 0% na primeira ordem de preferência. De referir que os tipos de música ligeira estrangeira, heavy metal, popular brasileira e rap, não conseguiram obter nenhuma ordem de preferência.

Quadro 57- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no grupo de idades compreendidas entre os 16 e os 17 anos. Valores em percentagem (%).

(II)- 16 a 17 anos

	1º lugar	2º lugar	3º lugar	4º lugar	5º lugar	6º lugar	7º lugar	8º lugar	9º lugar	10º lugar	11º lugar	12º lugar	13º lugar	14º lugar
Clássica	10,0%	12,0%	10,0%	8,0%	8,0%	2,0%	2,0%	4,0%	4,0%	8,0%	6,0%	6,0%	10,0%	10,0%
Blues	2,2%	4,3%	8,7%	6,5%	6,5%	10,9%	15,1%	13,0%	2,2%	4,3%	8,7%	13,0%	4,3%	0%
Popular portuguesa	10,9%	9,1%	14,5%	12,7%	10,9%	3,6%	7,3%	1,8%	9,1%	0%	3,6%	5,5%	3,6%	7,3%
Ligeira estrangeira	25,0%	19,4%	16,7%	11,1%	9,7%	8,3%	1,4%	2,8%	1,4%	0%	0%	0%	0%	0%
Heavy Metal	9,6%	13,5%	21,2%	13,5%	1,9%	1,9%	9,6%	5,8%	5,8%	1,9%	0%	3,8%	3,8%	7,7%
Popular brasileira	6,8%	18,6%	20,3%	8,5%	8,5%	10,2%	0%	11,9%	3,4%	1,7%	3,4%	0%	6,8%	0%
Jazz	0%	5,3%	7,9%	10,5%	2,6%	7,9%	0%	2,6%	18,4%	13,2%	7,9%	5,3%	13,2%	5,5%
Rap	6,3%	4,2%	14,6%	14,6%	12,5%	6,3%	6,3%	4,2%	6,3%	10,4%	10,4%	2,1%	0%	2,1%
Reagge	0%	3,0%	3,0%	9,1%	3,0%	9,1%	15,3%	12,0%	3,0%	9,1%	6,1%	6,1%	12,1%	9,1%
Africana	5,3%	0%	10,5%	5,3%	0%	5,3%	5,3%	13,2%	7,9%	7,9%	2,6%	5,3%	10,5%	21,1%
Pop/Rock	52,6%	18,9%	11,6%	6,3%	4,2%	3,2%	0%	0%	0%	2,1%	1,1%	0%	0%	0%
Hard rock	4,1%	24,5%	16,3%	10,2%	14,3%	8,2%	8,2%	2,0%	0%	4,1%	2,0%	6,1%	0%	0%
Dance music	16,9%	31,3%	16,9%	12,0%	7,2%	8,4%	4,8%	0%	0%	0%	2,4%	0%	0%	0%
Punk	0%	2,6%	7,7%	17,9%	12,8%	2,6%	10,3%	5,1%	10,3%	7,7%	5,1%	10,3%	2,6%	5,1%

O II grupo de idades (16 a 17 anos) optou pela seguinte ordem de preferência: pop/rock, dance music, heavy metal, punk, hard rock, blues, reagge, africana, jazz (em nono e décimo lugares), rap, blues, jazz e africana. Os tipos de música que obtiveram a menor percentagem de indivíduos (0%) na primeira ordem de preferência, foram o

jazz, o reagge e o punk. Os géneros musicais que não foram seleccionados para nenhuma ordem de preferência foram a clássica, a popular portuguesa, a ligeira estrangeira e a popular brasileira.

Quadro 58- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no grupo de idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos. Valores em percentagem (%).

(III)- 18 a 20 anos

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	27,3%	9,1%	0%	18,2%	0%	0%	0%	9,1%	0%	18,2%	9,1%	0%	0%	9,1%
Blues	0%	30,0%	0%	10,0%	20,0%	10,0%	10,0%	0%	10,0%	0%	0%	10,0%	0%	0%
Popular portuguesa	11,1%	16,7%	22,2%	5,6%	11,1%	5,6%	0%	0%	0%	5,6%	11,1%	5,6%	0%	5,6%
Ligeira estrangeira	11,8%	29,4%	5,9%	35,3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	2,2%	1,5%	0,7%	0%
Heavy Metal	35,7%	7,1%	7,1%	7,1%	14,3%	14,3%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7,1%	7,1%
Popular brasileira	6,7%	13,3%	20,0%	20,0%	13,3%	13,3%	0%	0%	13,3%	0%	0%	0%	0%	0%
Jazz	0%	0%	12,5%	12,5%	12,5%	0%	12,5%	12,5%	0%	12,5%	12,5%	0%	0%	12,5%
Rap	0%	20,0%	10,0%	10,0%	0%	10,0%	10,0%	10,0%	10,0%	10,0%	10,0%	0%	0%	0%
Reagge	20,0%	0%	0%	10,0%	20,1%	9,9%	10,0%	0%	10,0%	0%	0%	10,0%	10,0%	0%
Africana	0%	0%	12,5%	0%	12,5%	12,5%	0%	0%	0%	12,5%	0%	25,0%	25,0%	0%
Pop/Rock	57,6%	18,2%	12,1%	6,1%	0%	0%	0%	3,0%	0%	0%	3,0%	0%	0%	0%
Hard rock	0%	27,8%	33,3%	5,6%	5,6%	0%	11,1%	5,6%	11,1%	0%	0%	0%	0%	0%
Dance music	7,4%	22,2%	33,2%	11,2%	14,8%	0%	3,7%	7,4%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Punk	0%	15,4%	23,1%	0%	0%	23,1%	15,4%	7,7%	0%	7,7%	0%	7,7%	0%	0%

Em relação ao III grupo de idades, compreendidas entre os 18 e os 20 anos, o pop/rock foi o primeiro género musical seleccionado por 57,6% de indivíduos da amostra, seguindo-se blues, hard rock, ligeira estrangeira, reagge, punk (em sexto e sétimo lugares), jazz, popular brasileira, clássica, o jazz novamente, africana (em décimo segundo e décimo terceiro lugares) e, outra vez, o jazz, com o décimo quarto lugar na ordem de preferência. Os géneros musicais com 0% de indivíduos, na primeira ordem de preferência foram o jazz, o rap, a africana, o hard rock e o punk. De salientar que a música popular portuguesa, heavy metal, rap e dance music não fizeram parte da ordem de preferência elaborada pelos indivíduos pertencentes a este grupo de idades.

No geral, verificamos que nos três grupos de idades, o primeiro lugar na ordem de preferência para os géneros musicais, foi atribuído à música pop/rock, obtendo a maior percentagem de indivíduos. O jazz, também foi um dos géneros musicais com 0% de indivíduos, verificado nos três grupos.

Apenas se verificaram diferenças significativas entre os três escalões etários na dance music (χ^2 =29,693; p=0,041).

4.1.3. Géneros musicais em função do estatuto sócio-económico

Os resultados apresentados, dizem respeito aos géneros musicais mais ouvidos pelos indivíduos, pertencentes às três classes sociais. Serão apresentados através dos Quadros 59, 60 e 61.

Quadro 59- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no estatuto sócio-económico alto. Valores em percentagem (%).

Estatuto sócio-económico alto

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	0%	23,5%	5,9%	11,8%	5,9%	5,9%	0%	5,9%	17,6%	0%	5,9%	11,8%	5,9%	0%
Blues	7,1%	0%	0%	14,3%	21,4%	7,1%	14,3%	0%	7,1%	0%	7,1%	7,1%	7,1%	7,1%
Popular portuguesa	11,1%	11,1%	16,7%	16,7%	0%	0%	5,6%	5,6%	16,7%	0%	0%	5,6%	5,6%	5,6%
Ligeira estrangeira	28,0%	16,0%	16,0%	16,0%	8,0%	12,0%	0%	0%	0%	4,0%	0%	0%	0%	0%
Heavy Metal	29,4%	17,6%	11,8%	0%	17,6%	0%	5,9%	5,9%	0%	0%	0%	5,9%	0%	5,9%
Popular brasileira	8,7%	26,1%	13,0%	13,0%	0%	13,0%	4,3%	8,7%	0%	0%	0%	4,3%	8,7%	0%
Jazz	0%	0%	8,3%	16,7%	8,3%	16,7%	0%	0%	8,3%	16,7%	16,7%	0%	8,3%	0%
Rap	5,9%	5,9%	41,2%	11,8%	5,9%	0%	11,8%	5,9%	0%	0%	11,8%	0%	0%	0%
Reagge	0%	0%	0%	0%	0%	22,2%	33,3%	22,2%	0%	0%	0%	0%	11,1%	11,1%
Africana	0%	0%	12,5%	0%	0%	0%	12,5%	12,5%	0%	12,5%	12,5%	0%	12,5%	25,0%
Pop/Rock	54,8%	9,7%	12,9%	16,1%	0%	0%	0%	3,2%	0%	3,2%	0%	0%	0%	0%
Hard rock	0%	30,0%	20,0%	10,0%	10,0%	5,0%	5,0%	5,0%	5,0%	5,0%	0%	5,0%	0%	0%
Dance music	13,6%	27,3%	27,7%	4,5%	13,6%	9,1%	4,5%	4,5%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Punk	0%	13,3%	0%	6,7%	20%	13,3%	0%	0%	6,1%	20,0%	13,3%	6,7%	0%	0%

O Quadro 59, refere-se aos géneros musicais preferidos, por ordem crescente, pelos indivíduos com estatuto sócio-económico alto. Verificamos que as preferências seguiram a seguinte ordem musical: pop/rock, hard rock, rap, popular portuguesa, blues, reagge (em sexto, sétimo e oitavo lugares), clássica, punk, jazz, novamente a clássica e, em décimo terceiro e décimo quarto lugares, a escolha foi para a música africana. Os tipos de música clássica, jazz, reagge, africana, hard rock e punk, obtiveram o menor valor na primeira ordem de preferência, com uma percentagem de 0% de sujeitos. Convém fazer referência aos géneros musicais que não ficaram apurados nas preferências dos inquiridos, destacando-se: ligeira estrangeira, heavy metal; popular brasileira e dance music.

Quadro 60- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no estatuto sócio-económico médio. Valores em percentagem(%).

	Estatuto sócio-económico médio													
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	6,0%	4,0%	16,0%	6,0%	12,0%	0%	4,0%	4,0%	0%	10,0%	6,0%	8,0%	12,0%	12,0%
Blues	0%	5,1%	5,1%	2,6%	7,7%	10,3%	10,3%	15,4%	2,6%	10,3%	7,7%	15,4%	7,7%	0%
Popular portuguesa	8,8%	14,0%	12,3%	17,5%	10,5%	3,5%	8,8%	3,5%	5,3%	0%	7,0%	3,5%	1,8%	3,5%
Ligeira estrangeira	21,1%	18,3%	19,7%	14,1%	8,5%	7,0%	2,8%	1,4%	1,4%	0%	1,4%	2,8%	1,4%	0%
Heavy Metal	11,1%	7,4%	20,4%	20,4%	1,9%	7,4%	3,7%	7,4%	3,75	1,9%	0%	1,9%	3,7%	9,3%
Popular brasileira	8,5%	13,6%	18,6%	16,9%	5,1%	10,2%	1,7%	8,5%	6,8%	3,4%	3,4%	0%	3,4%	0%
Jazz	0%	2,6%	5,3%	5,3%	7,9%	2,6%	7,9%	5,35	13,2%	13,2%	10,5%	5,35	10,5%	10,5%
Rap	5,9%	3,9%	5,9%	11,8%	15,7%	9,8%	3,9%	3,9%	13,7%	9,8%	7,8%	3,9%	0%	3,9%
Reagge	2,8%	2,85	2,8%	0%	11,1%	8,3%	5,6%	16,7%	11,1%	11,1%	5,6%	8,3%	11,1%	2,8%
Africana	5,0%	0%	5,0%	5,0%	2,5%	10,0%	5,0%	5,0%	7,5%	12,5%	5,0%	10,0%	15,0%	12,5%
Pop/Rock	59,0%	21,0%	8,0%	3,0%	4,0%	2,0%	0%	0%	0%	1,0%	2,0%	0%	0%	0%
Hard rock	7,1%	23,2%	19,6%	7,1%	7,1%	5,4%	10,7%	3,6%	1,8%	3,6%	3,6%	5,4%	0%	1,8%
Dance music	12,8%	38,4%	20,9%	9,3%	8,1%	2,3%	2,3%	2,3%	1,2%	0%	2,3%	0%	0%	0%
Punk	0%	6,3%	16,7%	16,7%	6,3%	6,3%	12,5%	4,2%	8,3%	2,1%	4,2%	8,3%	2,1%	6,3%

De acordo com o Quadro 60, referente ao estatuto sócio-económico médio, constatou-se que o primeiro lugar foi atribuído à música pop/rock, seguindo-se a dance music,

para o segundo e terceiro lugares. Heavy metal, rap, blues, punk, reagge e, novamente, o rap ocuparam, respectivamente, o quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono lugares. Mais uma vez, o jazz se posicionou no décimo e o décimo primeiro lugares, seguindo-se blues e, em décimo terceiro e décimo quarto lugares, na ordem de preferência dos sujeitos, a música africana. Relativamente à primeira ordem de preferência, os géneros musicais blues, jazz, rap e africana, consistiram no menor valor revelado pelos indivíduos, com uma percentagem de 0%. Por fim, as músicas clássica, popular portuguesa, ligeira estrangeira, heavy metal e rap não obtiveram lugar na ordem de preferência dos sujeitos do nosso estudo.

Quadro 61- Ordem de preferência do tipo de música mais ouvida, no estatuto sócio-económico baixo. Valores em percentagem (%).

Estatuto sócio-económico baixo

	1° lugar	2° lugar	3° lugar	4° lugar	5° lugar	6° lugar	7° lugar	8° lugar	9° lugar	10° lugar	11° lugar	12° lugar	13° lugar	14° lugar
Clássica	18,5%	14,8%	7,4%	11,1%	7,45	3,7%	3,7%	3,7%	3,7%	7,4%	7,4%	3,7%	3,7%	3,7%
Blues	0%	13,0%	13,0%	4,3%	0%	21,7%	13,0%	13,0%	13,0%	0%	4,3%	4,3%	0%	0%
Popular portuguesa	9,1%	9,1%	12,1%	9,1%	9,1%	9,1%	6,1%	0%	6,1%	9,1%	3,0%	3,0%	6,1%	9,1%
Ligeira estrangeira	28,9%	21,1%	10,5%	13,25	10,5%	7,9%	0%	2,6%	0%	0%	5,3%	0%	0%	0%
Heavy Metal	12,0%	16,0%	12,3%	4,0%	8,0%	4,0%	12,0%	8,0%	8,0%	0%	0%	4,0%	8,0%	4,0%
Popular brasileira	10,0%	13,3%	23,3%	0%	20,0%	6,7%	0%	10,0%	3,3%	0%	3,3%	3,3%	6,7%	0%
Jazz	0%	5,6%	11,1%	16,7%	0%	0%	0%	11,1%	16,7%	16,7%	0%	16,7%	5,6%	0%
Rap	0%	19,0%	14,3%	14,3%	4,8%	9,5%	4,8%	4,8%	4,8%	14,3%	9,5%	0%	0%	0%
Reagge	5,6%	0%	0%	22,2%	5,6%	11,1%	11,1%	0%	0%	5,6%	11,1%	11,1%	5,6%	11,1%
Africana	0%	0%	17,6%	0%	0%	0%	5,9%	11,8%	5,9%	0%	0%	5,9%	23,5%	29,4%
Pop/Rock	46,2%	17,3%	19,2%	9,6%	5,8%	1,9%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Hard rock	4,0%	16,0%	28,0%	8,0%	20,0%	8,0%	8,0%	0%	0%	8,0%	0%	0%	0%	0%
Dance music	12,8%	29,8%	12,8%	25,5%	2,15	8,7%	4,35	0%	0%	0%	4,3%	0%	0%	0%
Punk	10,5%	0%	10,5%	10,5%	10,5%	0%	15,8%	5,3%	0%	0%	5,3%	15,8%	5,3%	10,5%

No que respeita à classe social baixa, o pop/rock foi considerado a primeira preferência dos géneros musicais, com uma valor de 46,2% de sujeitos. AO dance music, ao hard rock, ao dance music novamente, à música popular

brasileira, ao blues, ao punk e, outra vez, ao blues, foram atribuídos, respectivamente, os segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavos lugares. Continuando na ordem crescente de preferências, seguiu-se o jazz (em nono e décimos lugares), o reagge, novamente o jazz e a música africana (em décimo terceiro e décimo quarto lugares). O primeiro lugar na ordem de preferências, mostrou que o blues, o jazz, o rap e a música africana, foram os géneros musicais que apresentaram menor percentagem de indivíduos, com um resultado de 0%. Finalmente, convém fazer referência aos géneros musicais que não obtiveram classificação quantitativa nas preferências da nossa amostra, destacando-se as músicas: clássica, popular portuguesa, ligeira estrangeira, heavy metal e o rap.

Em síntese, verificamos que nos três estratos sociais, a primeira ordem de preferências foi atribuída ao género de música pop/rock. Entre outras, a música jazz, foi a que se apresentou igual nos três quadros, isto é, obteve 0% de sujeitos nos estatutos sócio-económicos alto, médio e baixo.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as classes sociais para os seguintes estilos musicais: Blues (χ^2=35,956; p=0,092), pop/rock (χ^2=23,488; p=0,101) e punk (χ^2=35,674; p=0,098).

4.1.4. Estilos e ideais de grupo

Ao termos a percepção global da dificuldade dos jovens se assumirem declaradamente em determinadas culturas juvenis, a associação a um corpo colectivo, embora diversificado, por alguns sujeitos, acabou por ser uma surpresa agradável. Apesar de serem um número minoritário,

verificou-se a adesão a uma determinada cultura. Pretendemos, assim, em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico, constatar uma identificação com os estilos e ideais de grupo, por parte dos sujeitos do nosso estudo.

Estilos e ideais de grupo em função do sexo

Apresentamos, através do Quadro 62, referentes ao sexo masculino e feminino, a identificação com uma determinada cultura.

Quadro 62- Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino, que se identificam com os estilos e ideais de grupo.

	Sexo masculino	Sexo feminino
Punks	10,8%	1,4%
Skaters	3,1%	2,7%
Rastfers	0%	0,7%
Góticos	0%	2,0%
Betinhos	1,5%	4,1%
Hippies	0%	5,4%
Rockers	0%	0,7%
Surfers	3,1%	0%
Não sabe	27,7%	32,7%

O Quadro 62, acima apresentado, demonstra que tanto o sexo masculino como o sexo feminino, têm dificuldade em se identificar com um estilo ou ideais de grupo. Dos 212 sujeitos da amostra, apenas 46,2% do sexo masculino responderam a esta questão, em que 27,7%, isto é, a maior percentagem de respostas, afirmou que não sabia identificar-se com um dos grupos apresentados.

No caso do sexo feminino, somente 49,7% de indivíduos responderam a esta questão, afirmando, a maioria (32,7%), que não sabe identificar-se com algum grupo.

Contudo, apercebemo-nos, pela leitura do exposto, que 10,8% de indivíduos do sexo masculino se identificam com os punks; 3,1% com os skaters e os surferes; 1,5% com os betinhos e, com 0% os rastfers, góticos, hippies e rockers.

O sexo feminino, identifica-se com uma maior variedade de estilos e ideais de grupo, revelando, deste modo, percentagens maiores nos hippies (5,4%) e nos betinhos (4,1%). De seguida, identificam-se mais com os skaters (2,7%), com os góticos (2,0%) e, por fim, com os rastfers e os rockers (0,7%).

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos (χ^2=21,908; p=0,009).

Estilo e ideais de grupo em função da idade

Pretendemos, através da leitura do Quadro 63, verificar uma tendência, por parte dos indivíduos pertencentes às três faixas etárias, para um determinado grupo juvenil.

Quadro 63- Percentagem de indivíduos, que se identificam com os estilos e ideais de grupo, nos três grupos de idade.

	(I) 14 a 15 anos	(II) 16 a 17 anos	(III) 18 a 20 anos
Punks	9,2%	2,7%	0%
Skaters	0%	5,4%	0%
Rastfers	0%	0,9%	0%
Góticos	0%	0,9%	5,6%
Betinhos	15,4%	1,8%	2,8%
Hippies	1,5%	6,3%	2,8%
Rockers	0%	0,9%	0%
Surfers	1,5%	0%	2,8%
Não sabe	32,3%	31,5%	27,8%

'Não sabes', foi a resposta mais cotada para os três grupos de idade. 32,3% dos sujeitos com idades

compreendidas entre os 14 e os 15 anos, afirmaram que não sabiam identificar-se com um dos grupos apresentados. O grupo II (16 a 17 anos), com 31,5% de indivíduos, também afirma que não sabe identificar-se com o estilo e ideais de um dos grupos apresentados. No III grupo (18 a 20 anos), 27,8% de sujeitos, continuam a revelar que não sabem identificar-se com algum dos grupos.

No entanto, os betinhos no I grupo de idades, os hippies no II grupo e os góticos no III grupo de idades, apresentaram-se, com maiores percentagens, como sendo os estilos e ideais dos indivíduos da nossa pesquisa.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos de idade (χ^2=38,727; p=0,003).

Estilo e ideais de grupo em função do estatuto sócio-económico

O Quadro 64, apresenta os resultados da adesão a determinadas culturas juvenis, segundo os estratos sócio-económicos.

Quadro 64- Percentagem de indivíduos, que se identificam com os estilos e ideais de grupo, segundo o estatuto sócio-económico.

	E.S.E. alto	**E.S.E. médio**	**E.S.E. baixo**
Punks	2,7%	4,3%	5,0%
Skaters	2,7%	4,3%	0%
Rastfers	2,7%	0%	0%
Góticos	2,7%	1,7%	0%
Betinhos	5,4%	7,0%	5,0%
Hippies	2,7%	4,3%	5,0%
Rockers	0%	0%	1,7%
Surfers	0%	1,7%	0%
Não sabe	32,4%	28,7%	35,0%

Dos 51,3% de indivíduos pertencentes ao estatuto sócio-económico alto, 32,4% revelam que não sabem identificar-se com o estilo e ideais de um dos grupos apresentados.

Provenientes de estratos sociais médios, apenas 52% do total da amostra respondeu a esta questão, afirmando, 28,7% que não sabem identificar-se com um grupo.

Relativamente aos 51,7% indivíduos com estatuto social baixo, 35,0% afirmou que não sabia identificar-se com o estilo e ideais de algum dos grupos apresentados.

Contudo, verificaram-se percentagens elevadas para os betinhos nas três classes sociais.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os estatuto sócio-económico.

4.2. Redes de sociabilidade

Pais (1996b) sustenta que as culturas juvenis constituem-se a partir de redes de sociabilidade, entendidas como "um conjunto de relações sociais efectivas, vividas, que unem os indivíduos entre si, através de laços interpessoais ou de grupo" (Pais, 1996b, p.171).

O grupo de amigos são um exemplo destas redes de sociabilidade. Deste modo, pretendemos, com este ponto, saber o tipo de pessoas com quem mais gostam de conviver. A análise foi efectuada em função do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico.

4.2.1. Tipo de pessoas com quem mais convivem, em função do sexo

Saber o tipo de companhias preferidas, em ambos os sexos, é o que se pretende fazer, aquando de análise dos resultados do Quadro 65.

Quadro 65- Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino ordenados segundo o tipo de pessoas com quem mais convivem.

	Sexo masculino			Sexo feminino		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Colegas da escola	86,9%	6,6%	4,9%	84,8%	15,2%	0%
Pessoas do mesmo bairro	19,15%	72,3%	8,5%	16,9%	72,9%	9,3%
Pessoas do mesmo prédio	0%	20,8%	79,2%	0%	9,3%	85,2%

Analisando o Quadro 65, verificamos que a preferência, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, no que respeita ao tipo de pessoas com quem mais convivem, é a mesma. Ou seja, o primeiro lugar foi atribuído para os colegas da escola, seguindo-se as pessoas do mesmo bairro e, em terceiro lugar, as pessoas do mesmo prédio.

Constatamos, ainda, que a percentagem de indivíduos, de ambos os sexos, atribuída para cada item é muito semelhante. De referir que na primeira ordem de preferência, nos dois sexos, as pessoas do mesmo prédio obtiveram uma percentagem de 0%.

Em resumo, tanto o sexo masculino como o feminino, têm a mesma ordem de preferência no que concerne ao tipo de pessoas com quem mais gostam de conviver.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas, entre os sexos, no convívio com os colegas da escola (χ^2=12,054; p=0,007).

4.2.2. Tipo de pessoas com quem mais convivem, em função da idade

Perante o Quadro 66, abaixo aflorado, verificamos o tipo de companhias preferidas pelos elementos da nossa pesquisa, nos diferentes escalões etários.

Quadro 66- Percentagem de indivíduos pertencentes aos três grupos de idade ordenados segundo o tipo de pessoas com quem mais convivem.

	(I) 14 a 15 anos			(II) 16 a 17 anos			(III) 18 a 20 anos		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Colegas da escola	81,3%	15,6%	3,1%	87,0%	12,0%	0%	88,2%	8,8%	2,9%
Pessoas do mesmo bairro	22,4%	71,4%	6,1%	14,8%	73,9%	10,2%	17,9%	71,4%	10,7%
Pessoas do mesmo prédio	0%	9,5%	85,7%	0%	9,8%	85,4%	0%	25,0%	75,0%

Observando os resultados dos três grupos de idade, verificamos que os colegas da escola são o tipo de pessoas preferidas para os convívios, seguindo-se as pessoas do mesmo bairro e, por último, as pessoas do mesmo prédio. Verificamos, também, que as pessoas do mesmo bairro, no que respeita à primeira ordem de preferência, obtiveram uma percentagem de 0% de sujeitos nos I, II e III grupos de idades.

Concluímos, deste modo, que não se verificam diferenças nas preferências dos indivíduos em idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os três escalões etários.

4.2.3. Tipo de pessoas com quem mais convivem, em função do estatuto sócio-económico

A leitura do Quadro 67, permite-nos observar o tipo de pessoas com quem os nosso inquiridos, pertencentes às três classes sociais, mais gostam de conviver.

Quadro 67- Percentagem de indivíduos pertencentes a diferentes estatutos sócio-económicos ordenados segundo o tipo de pessoas com quem mais convivem.

	E.S.E. alto			E.S.E. médio			E.S.E. baixo		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Colegas da escola	86,5%	10,8%	2,7%	85,5%	11,8%	1,8%	84,7%	15,3%	0%
Pessoas do mesmo bairro	15,2%	75,8%	9,1%	17,8%	73,3%	8,9%	19,0%	69,0%	9,5%
Pessoas do mesmo prédio	0%	0%	100,0%	0%	16,7%	79,2%	0%	10,5%	84,2%

De acordo com os resultados apresentados, verificamos, para os três estratos sociais, a preferência é a mesma, no que respeita ao tipo de pessoas com quem mais gostam de conviver. Assim, os colegas da escola são os primeiros considerados na ordem de preferências, seguindo-se as pessoas do mesmo bairro e, em terceiro lugar, as pessoas do mesmo prédio. Impõe-se salientar o facto de, o primeiro lugar na ordem de preferências, para o estatuto sócio-económico alto, médio e baixo, o item as pessoas do mesmo prédio obtiveram 0% de indivíduos.

O Quadro 67 sugere que, apesar de os estatutos sociais diferirem, o mesmo não acontece com as companhias que preferem. Isto é, o tipo de pessoas com quem mais gostam de conviver são, precisamente, as mesmas.

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes estratos sociais.

Idades de convivialidades em função do sexo

As idades das pessoas com quem os nossos inquiridos mais convivem, serão apresentadas em função do sexo e numa ordem de preferência, através do Quadro 68.

Quadro 68- Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino ordenados segundo a idade das pessoas com quem mais convivem.

	Sexo masculino			Sexo feminino		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Da mesma idade	72,3%	23,15	4,6%	76,6%	21,4%	2,1%
Mais velhos	26,2%	57,4%	16,4%	23,1%	59,4%	17,5%
Mais novos	3,4%	18,6%	78,0%	2,2%	18,4%	79,4%

Da leitura do Quadro 68, apercebemo-nos que as idades das pessoas com quem mais gostam de conviver não diferem de sexo para sexo. Os rapazes e as raparigas, preferem, em primeiro lugar, conviver com pessoas da mesma idade, depois com pessoas mais velhas e, por fim, com pessoas mais novas. É de salientar, que os valores percentuais, são muito semelhantes nos dois sexos.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os sexos.

Idades de convivialidades, em função da idade dos sujeitos

No Quadro 69 será analisada a faixa etária das convivialidades dos indivíduos, em função da idade dos mesmos.

Quadro 69- Percentagem de indivíduos pertencentes aos três grupos de idade ordenados segundo a idade das pessoas com quem mais convivem.

	(I) 14 a 15 anos			(II) 16 a 17 anos			(III) 18 a 20 anos		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Da mesma idade	86,2%	13,8%	0%	71,6%	24,8%	3,7%	66,7%	27,8%	5,6%
Mais velhos	12,5%	71,9%	15,6%	28,7%	50,0%	21,3%	31,3%	62,5%	6,35
Mais novos	1,7%	15,5%	82,8%	1,9%	23,8%	74,3%	6,3%	6,3%	87,5%

Segundo o Quadro 69, constatamos que, tanto para as idades compreendidas entre os 14 e os 15, os 16 e os 17 e

os 18 e os 20 anos, as preferências são as mesmas, relativamente às idades das pessoas, com quem os indivíduos do nosso estudo gostam mais de conviver. Assim, a escala apresenta-se da seguinte forma: pessoas da mesma idade; pessoas mais velhas e pessoas mais novas. Convém frisar que, o III grupo de idades (18 a 20 anos) apresenta valores percentuais muito próximos no primeiro e segundo lugar na ordem de preferências, o que sugere uma aproximação, também elevada, com indivíduos mais velhos.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos três grupos de idade, nomeadamente nos indivíduos mais velhos (χ^2=11,960; p=0,018).

Idades de convivialidades, em função do estatuto sócio-económico

A faixa de idades das convivialidades dos elementos do nosso trabalho, serão apresentadas, através do Quadro 70 e em função do estatuto sócio-económico.

Quadro 70- Percentagem de indivíduos pertencentes a diferentes estatutos sócio-económicos ordenados segundo a idade das pessoas com quem mais convivem.

	E.S.E. alto			**E.S.E. médio**			**E.S.E. baixo**		
	1° lugar	**2° lugar**	**3° lugar**	**1° lugar**	**2° lugar**	**3° lugar**	**1° lugar**	**2° lugar**	**3° lugar**
Da mesma idade	73,0%	21,6%	5,4%	71,7%	25,7%	2,7%	83,3%	15,0%	1,7%
Mais velhos	25,0%	61,1%	13,9%	27,9%	56,8%	15,3%	15,8%	61,4%	22,8%
Mais novos	2,8%	16,7%	80,6%	2,9%	16,3%	80,8%	1,8%	23,6%	74,5%

Os estatutos sócio-económicos alto, médio e baixo, revelam os mesmos gostos, nomeadamente no que respeita à idade das pessoas com quem mais gostam de conviver. Deste modo, os sujeitos da mesma idade são os que se afiguram com maiores valores percentuais, constituindo, assim o primeiro lugar na ordem de preferências. O segundo lugar foi

atribuído aos indivíduos mais velhos e a última posição aos mais novos.

Estrutura sexual das convivialidades, em função do sexo

Pretendemos, perante o Quadro 71, verificar a estrutura sexual das companhias dos indivíduos da nossa pesquisa, em função do sexo.

Quadro 71- Percentagem de indivíduos do sexo masculino e feminino ordenados segundo o sexo das pessoas com quem mais convivem.

	Sexo masculino			Sexo feminino		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Mais do sexo masculino	28,3%	49,1%	22,6%	15,1%	29,4%	55,6%
Mais do sexo feminino	27,8%	35,2%	37,0%	34,9%	42,6%	22,5%
De ambos os sexos	56,5%	12,9%	30,6%	58,2%	24,8%	17,0%

O sexo masculino revelou que os indivíduos com quem mais gostam de conviver são de ambos os sexos. Em segundo lugar, optam pelos sujeitos do sexo masculino e em último lugar, os indivíduos do sexo oposto.

Relativamente ao sexo feminino, as pessoas com quem mais gostam de conviver, também são de ambos os sexos, seguindo-se os indivíduos do sexo feminino e, por fim, os sujeitos do sexo masculino.

Analisando os dois sexos, verificamos que, em primeiro lugar, ambos convivem com pessoas tanto do sexo masculino como do sexo feminino. A segunda e terceira ordem de preferências difere nos dois sexos, o que era de esperar, pois a tendência vai ao encontro dos resultados afigurados no quadro. Ou seja, os indivíduos do sexo masculino procuram companhia masculina e vice-versa.

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos (χ^2=16,367; p=0,000).

Estrutura sexual da convivialidade, em função da idade

O Quadro 72, refere-se à estrutura sexual das convivialidades dos sujeitos do nosso estudo, em função da idade.

Quadro 72- Percentagem de indivíduos pertencentes aos três grupos de idade ordenados segundo o sexo das pessoas com quem mais convivem.

	(I) 14 a 15 anos			(II) 16 a 17 anos			(III) 18 a 20 anos		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar
Mais do sexo masculino	19,6%	30,4%	50,0%	22,3%	31,9%	45,7%	6,9%	55,2%	37,9%
Mais do sexo feminino	34,5%	44,8%	20,7%	32,6%	42,1%	25,3%	30,0%	26,7%	43,3%
De ambos os sexos	54,8%	24,2%	21,0%	54,7%	21,7%	23,6%	71,4%	14,3%	14,3%

No que respeita aos grupos de idades I e II, as preferências foram as mesmas. Ou seja, por ordem crescente, as pessoas com quem mais convivem são de ambos os sexos, seguindo-se os indivíduos do sexo feminino e, por último do sexo masculino.

O grupo de idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, não segue a mesma ordem de preferência que os anteriores. Considera os indivíduos de ambos os sexos a primeira opção, seguindo-se os indivíduos do sexo masculino e, a seguir, os sujeitos do sexo feminino.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os três escalões etários.

Estrutura sexual da convivialidade, em função do estatuto sócio-económico

A estrutura sexual das convivialidades dos inquiridos, será analisada através do Quadro 73 e em função do estatuto sócio-económico.

Quadro 73- Percentagem de indivíduos pertencentes a diferentes estatutos sócio-económicos ordenados segundo o sexo das pessoas com quem mais convivem.

	E.S.E. alto			E.S.E. médio			E.S.E. baixo		
	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar	2° lugar	3° lugar	1° lugar1	2° lugar	3° lugar
Mais do sexo masculino	12,5%	25,0%	62,5%	21,0%	39,0%	40,0%	19,1%	34,0%	46,8%
Mais do sexo feminino	40,6%	43,8%	15,6%	28,7%	39,6%	31,7%	36,0%	40,0%	24,0%
De ambos os sexos	54,1%	27,0%	18,9%	57,7%	18,9%	23,4%	60,0%	21,8%	18,2%

Observando as diferentes classes sociais, constatamos que os indivíduos de ambos os sexos são os preferidos para a convivência e companhia dos sujeitos da nossa amostra. O segundo lugar na ordem de preferências foi atribuído a pessoas do sexo feminino e, a terceira e última opção, aos indivíduos do sexo masculino.

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os estatutos sócio-económicos.

Discussão

Relativamente aos géneros musicais, em função dos sexo, idade e estatuto sócio-económico, a música pop/rock, mostrou ser a grande vencedora das preferências dos indivíduos do nosso estudo. Estes resultados encontram uma possível justificação no que Pais (1996a) assevera sobre este estilo musical. O autor afirma que o rock atrai

bastantes jovens porque é um estilo de música envolvente que não implica uma ruptura entre o compositor e o receptor. Ou seja, uma das características do rock é a de não se deixar definir por um critério musical preciso, por uma estrutura codificada, abrindo campo à redescoberta de ritmos.

O estudo efectuado por Rodrigues (1997), sobre os gostos musicais das culturas juvenis, com mil e dezasseis indivíduos de ambos os sexos, revelou, tal como os nossos resultados, que o estilo musical mais ouvida foi a música pop/rock.

O jornal 'O Público' referiu um estudo, ainda não publicado, realizado por Pais e Cabral (2002) que constava de um inquérito a dois mil e oito jovens portugueses sobre as condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo. A música, entre outros, foi um dos indicadores estudados. A pesquisa revelou que os estilos preferidos de um em cada três jovens são o rock (mais pelos homens) e a música romântica (eleição feminina), seguindo-se-lhes a música pop e a brasileira (um em cada quatro). Menos de um em cada dez jovens escolhe a música portuguesa. Mais uma vez, estes resultados, no que respeita à preferência dos estilos musicais, vão de encontro aos resultados da nossa pesquisa.

Em suma, os estilos de música ouvidos pelos adolescentes parecem poder constituir-se como potenciais diferenciadores das culturas juvenis. A confirmar esta hipótese, Pais(1996a) afirma que objectos simbólicos como a música são cristalizações expressivas que ajudam a definir a identidade dos grupos.

Independentemente do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico, os indivíduos da nossa pesquisa sentem dificuldades em identificar-se com alguns dos estilos e

ideais de grupo apresentados. O questionário apresentava uma identificação pessoal e condicionada a um conjunto de onze culturas/grupos juvenis diferenciados.

Ao termos a percepção global da dificuldade dos jovens se assumirem declaradamente em determinadas culturas juvenis, a associação a um corpo colectivo, embora diversificado, por alguns sujeitos, acabou por ser uma surpresa agradável. Apesar de serem um número minoritário, verificou-se, tal como no estudo de Rodrigues (1997), que a adesão a uma determinada cultura processa-se mais declaradamente na faixa etária entre os 16 e os 17 anos. O autor interpreta estes dados como sendo uma transitoriedade biológica e social, típica da fase de adolescência. Ou seja, considera que a passagem pela adolescência é um momento com um sentimento de pertença e ligação a outros grupos sociais que não o familiar.

Ainda no estudo de Rodrigues (1997), são os rapazes, os elementos inquiridos que mais se identificam com as culturas e grupos juvenis. Em contrapartida, as raparigas, no global, identificam-se menos. As culturas onde elas são maioritárias são nos betinhos. Os resultados da nossa pesquisa, curiosamente, evidenciam o contrário. As raparigas, contrariamente aos rapazes, identificam-se mais com os estilos e ideais dos grupos juvenis denominados de hippies e betinhos.

Relativamente ao estatuto sócio-económico, os resultados concernentes à nossa pesquisa mostram que são os indivíduos com elevadas e médias possibilidades económicas, que se identificam mais com os estilos e ideais das culturas juvenis. O mesmo não acontece no estudo de Rodrigues (1997), apresentando maior percentagem de indivíduos que se assumem enquanto categoria juvenil, nos estatutos sócio-económicos médio e baixo. Constatamos,

assim, uma identificação, embora minoritária, de diferentes culturas juvenis.

Pais (1996a) sustenta que as culturas juvenis constituem-se a partir de redes de sociabilidade, entendidas como "um conjunto de relações sociais efectivas, vividas, que unem os indivíduos entre si, através de laços interpessoais ou de grupo" (Pais, 1996a, p.171).

Os grupos de amigos são um exemplo destas redes grupais. Neste âmbito, os resultados do nosso estudo, tal como o de Rodrigues (1997), mostraram que os colegas de escola, com a mesma faixa etária e de ambos os sexos, constituem as redes de sociabilidade, nas variáveis sexo, idade e estatuto sócio-económico.

Relativamente às relações interpessoais, o estudo de Dias e Santos (1993) revelou que os portugueses atribuem um lugar de relevo à família (1° lugar na escala de valores) e aos amigos (3° lugar). Constatou, ainda, que são os mais jovens (18 a 24 anos) e os mais idosos (mais de 65 anos), ou seja, os inquiridos potencialmente mais libertos de compromissos familiares e de trabalho, que maior importância atribuem a amigos e conhecidos.

O convívio com os amigos é um dos aspectos da vida mais valorizados pela totalidade da população portuguesa, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos , de acordo com o inquérito do Instituto de Ciências Sociais (Ferreira, 1993). Esta importância é igualmente evidente nos resultados do inquérito nacional à juventude, realizado pelo fundo de apoio aos organismos juvenis (1982), revelando ser a amizade ser a dimensão a com maior números de jovens (56%) , considerando contribuir mais para o "sentir-se bem" (Ferreira, 1993).

Um dos aspectos que reforça a função de integração e participação social da convivialidade com os amigos, é o

facto de ela se encontrar associada ao quotidiano dos jovens, nomeadamente a escola (Schmidt, 1989, citado por Ferreira, 1993). Este fundamento pode justificar as redes de sociabilidade encontradas no nosso estudo. Os elementos da nossa amostra revelaram que são os colegas da escola o tipo de pessoas com quem mais convivem.

Schmidt (1989, citado por Ferreira, 1993) sustenta, ainda, que a importância das relações com os amigos é predominante em todos os estratos sócio-económicos. Esta constatação também se verifica nos nossos dados da pesquisa.

Em suma, o sexo, a idade e o estatuto sócio-económico não apresentam diferenças significativas no que respeita às redes de sociabilidade. Apercebemo-nos, assim, que os jovens da nossa pesquisa transportam os mesmos gostos e vontades.

VI. CONCLUSÕES

V. Conclusões

O final deste percurso pressupõe a realização de uma síntese sobre os objectivos que nos propusemos analisar.

Pretende ainda ser um contributo para o conhecimento dos jovens, da sua imagem corporal, bem como as relações que possam existir entre esta e os valores do corpo que a sociedade actual impõe. Propusemo-nos, ainda, verificar uma tendência, por parte dos inquiridos, para qualquer tipo de identificação grupal (culturas juvenis).

Este capítulo tem como objectivo, também, confirmar ou não, as hipóteses inicialmente formuladas.

Apresentaremos as conclusões dos resultados da nossa pesquisa, subdivididas em quatro parte: (1) Satisfação com a imagem corporal; (2) Valores e representações corporais; (3) Satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo e (4) Redes de sociabilidade (culturas juvenis).

1. Satisfação com a imagem corporal

Hipótese 1- Os níveis de satisfação com a imagem corporal diferem significativamente em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico.

Os resultados da nossa pesquisa, revelaram que a satisfação com a imagem corporal, quando analisada em função do sexo, mostrou ser superior nos indivíduos do sexo masculino nos II e III grupo de idades (16/17 anos e 18/20 anos). Contudo, mostraram-se mais insatisfeito que o sexo feminino, na faixa etária entre os 14 e os 15 anos. De sublinhar, ainda, que as raparigas apresentaram valores médios superiores com os aspectos faciais, relativamente aos rapazes.

O sexo feminino revela maiores níveis de satisfação com a imagem corporal, nas idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos. No entanto, apresenta insatisfação com as suas partes corporais, nas faixas etárias dos 16 aos 17 anos e dos 18 aos 20 anos. Concluímos, assim, que a satisfação com a imagem corporal, nos indivíduos do sexo feminino, diminui com a idade. De sublinhar, ainda, que as raparigas apresentam valores médios superiores com os aspectos faciais, quando comparadas com os rapazes.

O sexo masculino apresenta-se mais satisfeito com o seu corpo, revelando maiores níveis de satisfação com a imagem corporal ao longo da idade.

Os maiores níveis de satisfação com a imagem corporal verificam-se, em ambos os sexos, nos indivíduos de estatuto sócio-económico alto, seguindo-se os de estatuto social baixo e, mais insatisfeitos, os sujeitos de estrato social médio.

Percepção da altura e do peso

Verificamos que ambos os sexos percepcionam-se com a altura ideal. Contudo , o sexo masculino apresenta valores percentuais superiores às raparigas. Seguem-se os itens sinto-me baixo, apresentando maior percentagem de indivíduos do sexo feminino e sinto-me alto, com valores superiores para os rapazes.

Os resultados do nosso estudo constataram que, tanto os rapazes como as raparigas, percepcionam-se como tendo o peso ideal, embora a percentagem de sujeitos do sexo masculino revelar ser superior. Seguem-se o item sinto-me

gordo e, por fim sinto-me magro, ambos com percentagens superiores nos indivíduos do sexo feminino.

2. Valores e representações corporais

Hipótese 2- Os valores referenciados ao corpo diferem significativamente em função do sexo, idade e estatuto sócio-económico.

Das quatro dimensões valorativas do corpo, o corpo saudável apresentou-se como a mais importante para os três grupos de idade, para os diferentes estratos sociais e para ambos os sexos. De realçar, que esta componente tende a desvalorizar-se com o aumento da idade, nos indivíduos do sexo masculino e pertencentes ao estatuto sócio-económico baixo. No entanto, as raparigas atribuem maior importância aos aspectos de saúde no decorrer da idade, verificando-se, mais atentamente, nos estratos sociais baixos.

Os resultados da nossa pesquisa, no que respeita à componente estética/simbólica, demonstraram que a valorização desta dimensão é mais acentuada nos indivíduos com idades estabelecidas entre os 16 e os 17 anos, em ambos os sexos e pertencentes a classes sociais elevadas. Não obstante, os valores atribuídos para esta dimensão foram menores que a dimensão corpo saudável. Verifica-se uma desvalorização nesta componente, sendo significativa em relação ao estatuto sócio-económico.

O corpo social, que apresentou um valor muito próximo de ser significativo no nosso trabalho, obteve maior importância nos rapazes pertencentes aos II e III grupo de idades. Verificou-se, no entanto, uma desvalorização desta componente na faixa etária entre os 14 e os 15 anos.

Contudo, os rapazes de estatuto sócio-económico alto foram os que maior importância (apesar de ser reduzida) atribuíram ao corpo social.

A 4ª componente da nossa pesquisa, denominada de corpo sensual, foi claramente, a dimensão mais desvalorizada. Muito embora, as raparigas tenham apresentado valores superiores relativamente aos rapazes, no I e II grupo de idades. Esta dimensão revelou diferenças significativas no que respeita ao estatuto sócio-económico. Os rapazes pertencentes à classe social baixa, são os que menor importância atribuem a esta componente.

3. Satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo

Hipótese 3- Existe uma associação entre a satisfação com a imagem corporal e os valores referenciados ao corpo.

Existe uma associação, embora fraca, entre a satisfação com a imagem corporal e as variáveis relacionadas com os valores do corpo, revelando diferenças estatisticamente significativas em 20 variáveis.

Relativamente aos nossos resultados, verificamos que os indivíduos considerados insatisfeitos, quando comparados com os outros, atribuem maior importância às variáveis "fumar tabaco"; "vestir o que apetece e quando apetece"; "fumar uns charros com os amigos"; "não fazer nada na vida"; "usar roupas largas para me sentir à vontade" e "dar graxa aos professores para ter boas notas". Pelo exposto, verifica-se uma associação entre a categoria dos insatisfeitos com a imagem corporal e os valores do corpo.

Os indivíduos denominados de satisfeitos revelaram diferenças significativas relativamente à variável (referente aos valores e representações corporais) "ter uma cara bonita". Vários estudos mostraram que, os indivíduos de ambos os sexos, embora mais acentuadamente no sexo feminino, apresentavam níveis maiores de satisfação com os aspectos faciais. Perante isto, apercebemo-nos, neste ponto, de uma associação entre a referida variável e os indivíduos satisfeitos com a sua aparência corporal.

As variáveis referentes aos valores do corpo "ter uma cintura esbelta" e "ter um corpo musculado", apresentaram diferenças significativas. No entanto, foram os indivíduos insatisfeitos que maior importância atribuíram a estas variáveis. Relativamente à variável "ir ao médico com frequência", os resultados demonstraram valores médios superiores para os indiferentes e os satisfeitos.

Para finalizar, resta-nos abordar a associação verificada entre a variável "Ir à escola para ter um futuro melhor" e a satisfação com a imagem corporal. Dos resultados da nossa pesquisa, apercebemo-nos que as três categorias (insatisfeitos, indiferentes e satisfeitos), obtiveram os valores médios mais elevados, destacando-se os satisfeitos com valores superiores.

4. Redes de sociabilidade/culturas juvenis

Hipótese 4- Verifica-se uma tendência grupal (culturas juvenis) por parte dos indivíduos.

Relativamente aos géneros musicais, em função dos sexo, idade e estatutos sócio-económicos, a música

pop/rock, revelou ser a preferida dos indivíduos do nosso estudo.

Independentemente do sexo, da idade e do estatuto sócio-económico, os indivíduos da nossa pesquisa sentem dificuldades em identificar-se com alguns dos estilos e ideais de grupo apresentados. Apesar de serem um número minoritário, verificou-se que a adesão a uma determinada cultura, efectuou-se, mais declaradamente, na faixa etária entre os 16 e os 17 anos. As raparigas, diferentemente dos rapazes, identificam-se mais com os estilos e ideais das culturas juvenis apresentadas, verificando-se, as maiores percentagens nos grupos juvenis denominados de hippies e betinhos.

Relativamente ao estatuto sócio-económico, os dados resultantes da nossa pesquisa, mostraram que foram os indivíduos com grandes e médias possibilidades económicas, que se identificaram mais com os estilos e ideais das culturas juvenis. Constatamos, assim, uma identificação, embora minoritária, de diferentes culturas juvenis.

os resultados do nosso estudo, no que respeita às convivialidades, mostraram que os colegas de escola, com a mesma faixa etária e de ambos os sexos, constituem as redes de sociabilidade, nas variáveis sexo, idade e estatuto sócio-económico.

Em suma, o sexo, a idade e o estatuto sócio-económico não apresentam diferenças significativas no que respeita às redes de sociabilidade. Apercebemo-nos, assim, que os jovens da nossa pesquisa transportam os mesmos gostos e vontades.

VII. BIBLIOGRAFIA

VI. Bibliografia

. Abramo, H. (1994). Cenas Juvenis. Editora Página Aberta Ltda. São Paulo.

. Abrantes, H. (1998). Satisfação com a imagem corporal, auto-estima e actividade física. Estudo comparativo em indivíduos de ambos os sexos, dos 45 aos 65 anos. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Almeida, J. (1990). Portugal - Os próximos 20 anos. Valores e representações sociais (vol. VIII). Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

. Alves, A. (2003). Esquizofrenia, imagem corporal e actividade física. Estudo da percepção e da satisfação com a imagem corporal em indivíduos esquizofrénicos, praticantes e não praticantes de actividade física. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Alves, M. (1999). Representações sociais do corpo envelhecido. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Araújo, S. (2001). Satisfação com a imagem corporal, auto-estima e variáveis morfológicas. Estudo comparativo em adolescentes do sexo feminino praticantes e não praticantes de ginásticas de academia. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Barbosa, M. R. (2001). A vinculação aos pais e a imagem corporal de adolescentes e jovens. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Batista, P. (1995). Satisfação com a imagem corporal e auto-estima. Estudo comparativo de adolescentes envolvidas em diferentes níveis de actividade física. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Bento, J. (1994). Discursos do corpo e da saúde no desporto. Revista Horizonte, vol 11, 63: 83-89.

. Bento, J. (1999). Da desportivização à somatização da sociedade. In: J. Bento, R. Garcia e A. Graça (eds), Contextos da pedagogia do desporto, pp. 115-158. Livros Horizonte, Lisboa.

. Bento , J.; Graça, A. (1991). Educação da saúde e conceito de corpo. In: FACDEX - Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa, pp. 55-71, vol. 1. Ministério da Educação, Direcção Geral dos Desportos. Lisboa.

. Bernard, M. (1995). Le Corps. Édition du Seuil. Paris.

. Berscheid, E.; Walster, E.; Bohrnstedt, G. (1973). The happy american body: A survey report. Psychology Today, 119-131.

. Braunstein, F; Pépin, J. (1999). O lugar do corpo na cultura ocidental. Instituto Piaget. Lisboa.

. Brown, T.; Cash, T.; Lewis, R. (1989). Body-image disturbances in adolescent female binge-purgers: A brief report of the results of a national survey in the Unites States of America. Journal Of Child Psychiatry and Psychology, 30: 605-613.

. Brown, T.; Cash, T.; Mikulka, P. (1990). Attitudinal body-image assessment: Factor analysis of the body-self relations questionnaire. Journal Of Personality Assessment, vol 1 e 2, 55: 135-144.

. Bruchon-Schweitzer, M. (1987). Dimensionality of the body image: the body image questionnaire. Percept and Motor Skills, 65: 887-892.

. Bruchon-Schweitzer, M. (1990). Une psychology du corps. PUF, Paris.

. Campos, R. (2002). Elementos para uma reflexão em torno da globalização e das culturas juvenis: Okupas, capoiristas e os filhos da imigração. In: J. Simões (org), Forum Sociológico: Globalização e Diferenciação Cultural. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

. Cash, T. (1989). Body-image affect: Gestalt versus summing the parts. Percept and Motor Skills, 69: 18-28.

. Cash, T. (1990). The psychology of physical appearance: Aesthetics, atributes and images. In: T. F. Cash, T. Pruzinsky (eds.), Body images: Development, deviance and change, pp. 11-17, vol I. The Guilford Press, New York, London.

. Cash, T. (1991). Binge-eating and body images among the obese: A further evaluation. Journal of Social Behavior and Personality, 16: 367-376.

. Cash, T.; Brown, T. (1987). Body image in nervous anorexia and nervous bulimia: A revew of literature. Behavior Modification, 11: 487-521.

. Cash, T:; Brown, T. (1989). Gender and body images: Stereotypes and realities. Sex Roles, vol 5 e 6, 21: 361-373.

. Cash, T.; Henry, P. (1995). Women's body images. The results of a national survey in the Unites States of America. Sex Roles, 33: 19-28.

. Cash, T.; Pruzinsky, T. (1990). Integrative themes in body-image development, deviance and change. In: T. F. Cash, T. Pruzinsky (eds.), Body images: Development, deviance and change, pp. 337-349. The Guilford Press. New York, London.

. Çok, F. (1990). Body image satisfaction in turkish adolescents. Adolescence, vol XXV, 98: 409-413.

. Conner, M.; Martin, E. ; Silverdade, N. ; Grogan, S. (1996). Dieting in adolescent: An aplication of the theory of planned behavior. British Journal of Health Psychology, 1: 315-325.

. Constantino, J. (1993). O cidadão e o desporto: Novas tendências no desporto actual. Revista Horizonte, vol 9, 54: 205-210.

. Crespo, J. (1990). A história do corpo. Difel. Lisboa.

. Crespo, J. (1997). O corpo na arte portuguesa dos anos noventa. Fundação de Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras.

. Cruz, J., Machado, P.; Mota, M. (1996). Efeitos e benefícios psicológicos do exercício e actividade física. In: J. F. Cruz (ed), Manual de Psicologia do Desporto, pp. 91-113. Sistemas Humanos e Organizacionais Lda, Braga.

. Daolio, J. (1995). Da cultura do corpo. Papirus Editora. São Paulo.

. Davis, C.; Cowles, M. (1991). Body image and exercise: A study of relationship and comparisons between physically active men and women. Sex Roles, vol 1 e 2, 25: 33-44.

. Dias, M.; Santos, M. (1993). Bem-estar individual, relação interpessoal e participação social. In: L. França, Portugal - Valores europeus, pp. 43-73. Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, Lisboa.

. Dinis, M. (1996). Satisfação com a imagem corporal e motivação para as actividades desportivas. Estudo comparativo de adolescentes envolvidos em diferentes modalidades desportivas. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Duarte, A. (1999). Relação entre a prática de actividade física e o estado de bem-estar em estudantes adolescentes. Revista Horizonte, vol XV, 90: 5-7.

. Duarte, M.; Nunes, J. (1994). Uso do tempo e gostos culturais. Práticas culturais dos lisboetas. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa.

. Elias, N.; Dunning, E. (1992). A busca da excitação. Memória e Sociedade. Difel. Lisboa.

. Entralgo, P. (1996). Idea del hombre. Galaxia Gutenberg. Barcelona.

. Fallon, A. (1990). Culture in the mirror: Social-cultural determinants of body image. In: T. F. Cash e T. Pruzinsky (eds.), Body images: Development, deviance and change, pp. 11-17. The Guilford Press, New York, London.

. Fallon, A.; Rozin, P. (1985). Sex differences in perceptions of desirable body shape. Journal of Abnormal Psychology, 94: 102-105.

. Featherstone, M. (1991). The Body in consumer culture. The body: Social process and cultural theory. Sage Publications. London.

. Ferreira, P. (1993). Valores dos jovens portugueses nos anos oitenta. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

. Ferreira, P. (1998a). Atitudes perante a vida, moralidade e éticas de vida. In: J. Pais (coord), Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea, pp. 61-145. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.

. Ferreira, V. (1998b). Atitudes perante a sociedade. In: J. Pais (coord), Gerações e valores na sociedade portuguesa

contemporânea, pp. 147-244. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.

. Festas, C. (2002). A imagem corporal e o equilíbrio no idoso. Comparação entre praticantes e não praticantes de actividade física. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Fisher, S. (1986). Development and the structure of the body image (vols. 1 e 2). Hillsdale. NJ, Erlbaum.

. Fisher, S. (1990). The evolution of psychological concepts about the body. In T. F. Cash e T. Pruzinsky (eds.), Body images: Development, deviance and change, pp. 11-17. The Guilford Press, New York, London.

. Fowler, B. (1989). The relationship of body image perception and weight status to recent change in weight status of the adolescent female. Adolescence, vol XXIV, 95: 557-568.

. Garcia, R. (1998). Da desportivização à somatização da sociedade - Análise centrada na relação do corpo com o jogo. Lição de síntese para as Provas de Agregação. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Garcia, R. (1999). Do jogo com esforço ao jogo sem esforço: Análise através do corpo. Revista Horizonte, vol. 15, 89: 6-13.

. Garner, D. M. (1997). The body image survey results. Psychology Today, 30: 30-46.

. Gaspar, N. (1999). Estudo da imagem corporal na adolescência. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra.

. Gervilla, E. (1997). Postmodernidad y educación: Valores e cultura de los jóvenes (3ª Reimp). Dykinson. Madrid.

. Hausenblas, H.; Downs, D. (2001). Comparison of body image between athletes and nonathletes: a meta-analytic review. Journal of Applied Sport Psychology, 13: 323-339.

. Ingledew, D.; Sullivan, G. (2002). Effects of body mass and body image on exercise motives in adolescence. Psychology of Sport and Exercise, 3: 323-338.

. Jacob, J. (1994). A imagem corporal e os factores socioculturais, performance motora e sexo. Revista Horizonte, vol 10, 60: 211- 217.

. Jana, J. (1995). Para uma teoria do corpo humano. Instituto Piaget, Lisboa.

. Kreitler, S.; Kreitler, H. (1988). Body image: The dimension of size. Genetic, social and general psychology mongraphs, 114, 1: 7-32.

. Le Breton, D. (1990). Anthropologie du corps et modernité. PUF. Paris.

. Le Breton, D. (1995). Anthropologie du corps et modernité (3ª ed.). Sociologie d'aujourd'hui. Paris.

. Levinson, R.; Powell, B.; Steelman, L. (1986). Social location, significant others and body image among adolescents. Social Psychology Quarterly, 494: 330-337.

. Lipovetsky, G. (1994). O crepúsculo do dever - A ética indolor dos novos tempos democráticos. Publicações Dom Quixote. Lisboa.

. Lobo, M. (1999). Sinais de expressão do corpo nas actividades desportivas recreativas. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Loland, N. (1998). Body image and physical activity. A survey among Norwegian men and women. International Journal of Sport Psychology, 29: 339-365.

. Lutter, J.; Jaffer, L.; Lee, V.; Benyres, J.; Jones, C.; Johnson, V.; Zurek, L. (1990). The bodywise woman. The Melpomene. Institute for Woman's Health Research. Human Kinetics Publishers, Unites States of America.

. Maloney, M.; McGuire, J.;Daniels, S.; Specker, B. (1989). Dieting behavior and eating attitudes in children. Pediatrics, 84: 482-489.

. Marivoet, S. (1998). Tempo e espaços de realização humana no contexto das novas necessidades sociais. Revista Horizonte, vol XIV, 81: 8-11.

. McAuley, E.; Bane, S.; Susan, M.; Mihalko, S. (1995). Exercise in middle-aged adults: Self-eficacy and presentational outcomes. Journal International of Preventive Medicine, vol 24, 4: 319-328.

. Mota, J. (2001). A escola, a promoção da saúde e a condição física. Que relações? Revista Horizonte, vol XVII, 98: 33-36.

. Nóbrega, (2001). Educação física, corpo e sociedade. Motrivivência, vol 12, 16: 53-68.

. Nunes, J. (1996). Perfis sociais. In: Jovens de hoje e de aqui, pp. 15-34. Departamento sócio cultural da Câmara Municipal de Loures, Loures.

. Oliveira, M. (1996). Efeitos da ginástica aeróbica na imagem corporal e auto-conceito das mulheres. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Pais, J. (1996a). Culturas juvenis. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.

. Pais, J. (1996b). Sociabilidades. In: Jovens de hoje e de aqui, pp. 15-34. Departamento sócio cultural da Câmara Municipal de Loures, Loures.

. Pais, J. (1998). Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.

. Pais, J.; Cabral, M. (2002). Condutas do risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo. Resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000 (no prelo). In: Público de 16 de Março de 2002.

. Pereira, A. (1999). Academias: corolário de uma concepção do corpo. Revista Horizonte, vol 15, 90: 22-26.

. Pruzinsky, T. (1990). Psychopathology of body experience: expanded perspective. In: T. Cash, T. Pruzinsky (eds), Body images: Development, deviance and change, pp. 170-189. The Guilford Press, New York, London.

. Pruzinsky, T.; Edgerton, M. (1990). Body image change in cosmetic plastic surgery. In: T. Cash, T. Pruzinsky (eds), Body images: Development, deviance and change, pp. 152-168. The Guilford Press, New York, London.

. Queirós, P. (2002). O corpo na Educação Física. Leitura axiológica à luz de práticas e discursos. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Rauste-Von Wright, M. (1989). Body image satisfaction in adolescent girls and boys: a longitudinal study. Journal of Youth and Adolescence, vol 18, 1: 71-83.

. Richards, M.; Petersen, A.; Albrecht, R. (1990). Relation of weight to body image in pubertal girls and boys from to communities. Development Psychology, vol 26, 2: 313-321.

. Robinson, T.; Killen, J.; Litt, I.; Hammer, L.; Wilson, D.; Haydel, F.; Hay Ward, C.; Taylon, B. (1996). Ethnicity and body dissatisfaction: are hispanic and asian girls at increased risk for eating disorder? Journal of Adolescent Health, 19: 384-393.

. Rodrigues, A. (1997). Valores e representações corporais em culturas juvenis escolares. Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

. Ruff, G.; Barrios, B. (1986). Realistic assessment of body image. Behavioral Assessment, 8: 237-252.

. Schilder, P. (1935). The image and the appearance of the human body. Paul, Trencg and Trubner. London.

. Schilder, P. (1968). L'Image du corps. Étude des forces constructives de la psyché. Galimard. Paris.

. Sérgio, M. (1985). Para uma epistemologia da motricidade humana. Prolegómenos a uma nova ciência do homem. Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

. Serpa, S. ((1993). Actividade física e benefícios psicológicos - Uma tomada de posição. Revista Horizonte, 58: 154-156.

. Silberstein, L.; Striegel-Moore, R.; Timko, C.; Rodin, J. (1988). Behavioral and psychological implications of body dissatisfaction: do men and women differ? Sex Roles, vol 3 e 4, 19: 219-232.

. Simões, J. (2002a). Globalização e diferenciação cultural: hegemonia e hibridismo na construção das (sub)culturas juvenis. In: J. Simões (org), Forum Sociológico: Globalização e Diferenciação Cultural. Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

. Simões, P. (2002b). Imagem corporal, actividade física e toxicodependência. Estudo comparativo em indivíduos toxicodependentes em fase de tratamento e não toxicodependentes. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Slade, P. (1994). What is body image? Behavior research theory, 5: 497-507.

. Sobral, F. (1995). As práticas do corpo nas sociedades modernas: Determinantes objectivos e subjectivos de uma nova cultura. Comunicação apresentada IV convenção de Fitness e Aeróbica do Porto, Reebok, Pavilhão Rosa Mota, Porto.

. Sobral, F. (1996). As práticas do corpo nas populações do ocidente - determinantes objectivos e subjectivos de uma nova cultura. Revista Horizonte, vol 12, 72: 233-235.

. Synnot, A. (1993). The body social - Symbolism, self and society. Routledge. London.

. Thomas, V.; James, M. (1988). Body image. Dieting tendencies and sex roles traits in urban black women. Sex Roles, 18: 523-529.

. Thompson, J. K. (1996). Body image, eating disorders and obesity - An emerging synthesis. In: J. Thompson (ed), Body image, eating disorders and obesity - An emerging synthesis, pp. 1-20. American Psychology Association, Washington, DC.

. Thompson, J. K.; Thompson, C. (1986). Body size distortion and self-esteem in asymptomatic, normal weight

males and females. International Journal of Eating Disorders, 7: 521-526.

. Thompson, J. K.; Penner, L.; Altabe, M. (1990). Procedures, problems and progress in the assessment of body images. In: T. F. Cash e T. Pruzinsky (eds.), Body images: Development, deviance and change, pp. 11-17. The Guilford Press, New York, London.

. Tucker, L. (1982). Effects of a weight-training program on the reability of the body cathesis scale. Perceptual and Motor Skills, vol 53, 3: 891-896.

. Tucker, L. (1985). Dimensionality and factor satisfaction of the body image construct: A gender comparison. Sex Roles, vol 9 e 10, 12: 931-937.

. Turner, B. (1984). The body and society. Blackwell. Oxford, Brasil.

. Vala, J.; Cabral, M.; Ramos, A. (2003). Atitudes sociais dos portugueses. Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa. Instituto de Ciências Sociais. Lisboa.

. Vasconcelos, M. (1991). Assimetria funcional e preferência lateral. Estudo da variação intra-individual e inter-individual da força de preensão, destreza e precisão de movimentos em relação com alguns indicadores bio-sociais (vol II) - relatório de pesquisa. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Vasconcelos, M. (1995). A imagem corporal no período peripubertário. Comparação de três grupos étnicos numa perspectiva biocultural (vol. I e II). Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. Porto.

. Viegas, S. (1996). Pessoas presentes, pessoas ausentes. In: M. Almeida (org), Corpo presente - Treze reflexões antropológicas sobre o corpo, pp.154-171. Celta Editora, Oeiras.

. Vigarello, G. (1985). O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a idade média. Fragmento, Lisboa.

VIII. ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

Questionário de identificação pessoal

1. Sexo Masculino ☐ Feminino ☐ 2. Idade _____

3. Ano de Escolaridade _____ 4. N° de anos nesta escola _____

5. (PP) Profissão do Pai _____

6. (HAP) Habilitações Académicas
- ☐ 1) Não tem
- ☐ 2) Escola Primária
- ☐ 3) Ciclo Preparatório
- ☐ 4) Ensino Secundário
- ☐ 5) Ensino Superior

7. (PM) Profissão da Mãe _____

8. (HAM) Habilitações Académicas
- ☐ 1) Não tem
- ☐ 2) Escola Primária
- ☐ 3) Ciclo Preparatório
- ☐ 4) Ensino Secundário
- ☐ 5) Ensino Superior

9. (NPL) Número de pessoas em casa? _____

10. (NI) Quantos irmãos possuis? _____ 11. (II) Idade dos Irmãos _____

12. (NAH) Número de assoalhadas da habitação? _____

13. (TH) Qual o tipo de habitação?

☐ 1) Apartamento
☐ 2) Moradia
☐ 3) Outro

14. (HEP) A tua casa tem um espaço que consideras teu? ☐ 1) Sim ☐ 2) Não

15. (ATL) Que actividades realizas mais quando estás em casa?
(ordena por ordem de preferência; ex: 1°, 2°,3°...)

☐ 1) Jogar computador
☐ 2) Ouvir música
☐ 3) Estudar
☐ 4) Ajudar nas tarefas da casa
☐ 5) Ver T.V.
☐ 6) Ler
☐ 7) Outras _____

16. (AP) Dos seguintes bens assinala os que possuis:

1) Bicicleta ☐
2) Aparelho HI FI ☐
3) Máquina Fotográfica ☐
4) Vídeo ☐
5) Moto ☐
6) CDI ☐
7) Televisão ☐
8) Computador ☐
9) Skate ☐
10) Carro ☐
11) J. Electrónicos ☐
12) Patins ☐

17. (ATLT) Nos teus tempos Livres passas mais tempo:
(ordena em função do tempo; ex: 1°,2°,3°,...)

☐ 1) Em casa
☐ 2) Na rua
☐ 3) Em casa de amigos

☐ 4) No café

☐ 5) Outros _____

18. (ATLA) Quando estás com os teus amigos o que costumas fazer? (ordena em função das actividades mais realizadas; ex: 1ª, 2ª, 3ª..)

1) Praticar desporto ☐
2) Ouvir música ☐
3) Conversar ☐
4) Estudar ☐
5) Ir ao futebol ☐
6) Ir ao cinema/Teatro ☐
7) Não fazer nada ☐
8) Ir à praia ☐
9) Estar no café ☐
10) Não sei ☐
11) Outras actividades _____

19. (ADFGP) Das actividades desportivas indicadas, assinala as que praticas e as gostarias de praticar:

Actividades Desportivas	**Pratico**	**Gostaria de Praticar**
1) Voleibol		
2) Bodybord		
3) Ginástica		
4) Rugby		
5) Surf		
6) Para-pente		
7) Corrida de Orientação		
8) Basquetebol		
9) Atletismo		
10) Ténis		
11) Motociclismo		
12) Vela		
13) Futebol		
14) BTT		
15) Natação		
16) Escalada		
17) Desportos de combate		
18) Canoagem		
19) Andebol		
20) Windsurf		
21) Mergulho		
22) outras		

20. Quais Os géneros do música que ouves habitualmente (na rádio, em disco, CD ou cassete)? (indica por ordem de preferência ex: 1°, 2°, 3°, ...)

1) Clássica	☐	6) Popular brasileira	☐
2) Blues	☐	7) Jazz	☐
3) Popular portuguesa	☐	8) Rap	☐
4) Ligeira estrangeira	☐	9) Reagge	☐
5) Heavy-Metal	☐	10) Africana	☐
11) Pop/Rock	☐	12)Hard rock	☐
13) Dance music	☐	14) Punk	☐

21.Identificas-te com o estilo e ideias de algum destes grupos? (coloca uma cruz nas tuas opções, por ordem de preferência no caso de ser mais do que uma)

1) Punks	☐	5) Betinhos	☐
2) Skaters	☐	6) Hippies	☐
3) Rastfers	☐	7) Skinheads	☐
4) Góticos	☐	8) Rockers	☐
9) Surfers	☐	10) Metálicos	☐
11) Grunge	☐	12) Não sabes	☐
13) Nenhum	☐		

---

22. Achas que na tua escola existem pessoas pertencentes a alguns destes grupos? (indica por ordem em relação à quantidade e importância com que existem)

1) Punks	☐	5) Betinhos	☐
2) Skaters	☐	6) Hippies	☐
3) Rastfers	☐	7) Skinheads	☐
4) Góticos	☐	8) Rockers	☐
9) Surfers	☐	10) Metálicos	☐
11) Grunge	☐	12) Não sabes	☐
13) Nenhum	☐		

23. Que grupos musicais costumas ouvir com mais frequência?
(menciona no máximo 5, por ordem do importância)

1° _____ 2° _____

3° _____ 4° _____

5° _____

24. Os amigos com quem mais convives são? (indica per ordem de preferência; ex 1°, 2°, 3°, ...)

1) Colegas da escola ☐
2) Pessoas do mesmo bairro ☐
3) Pessoas do mesmo prédio ☐
4) Outros ☐ Quais? _____

25. Os amigos com quem convives são? (indica por ordem de preferência, ex; 1°, 2°, 3°, ...)

1) Da mesma idade ☐
2) Mais velhos ☐
3) Mais novos ☐

26. As pessoas com quem te dás são? (indica por ordem de preferência, ex; 1°, 2°, 3°, ...)

1) Mais do sexo masculino ☐
2) Mais do sexo feminino ☐
3) De ambos os sexos ☐

27. Como te defines na forma de vestir?

Roupa (tipo e côr)	Calçado (tipo e côr)	Penteado (Forma e tamanho)	Ornamentos (brincos, pulseiras, ...)

28.Descreve-nos um dia tipo na tua vida diária (semana e fim-de-sernana):
(Toma como exemplo o dia com menos aulas e menciona aquelas que consideras mais importantes)

Horas	Actividade de um dia de semana	Horas	Fim-de-semana

(Ex. de actividades: refeições, ir ao café, estar com os amigos, praticar desporto, deitar, estudar, jogar computador, namorar, ajudar nas tarefas de casa, idas para a escola, etc...).

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DA SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL

Questionário da Satisfação com a Imagem Corporal

Para cada item faça uma cruz sobre o numero que corresponde ao tipo de satisfação que sente em relação ao seu corpo:

① **Não gosto nada e desejaria ser diferente**
② **Não gosto mas tolero**
③ **É-me indiferente**
④ **Estou satisfeito(a)**
⑤ **Considero-me favorecido(a)**

1. Cabelo	①	②	③	④	⑤
2. Dentes	①	②	③	④	⑤
3. Olhos	①	②	③	④	⑤
4. Orelhas	①	②	③	④	⑤
5. Nariz	①	②	③	④	⑤
6. Pele	①	②	③	④	⑤
7. Aspecto g. face/rosto	①	②	③	④	⑤
8. Braços	①	②	③	④	⑤
9. Peitorais/seios	①	②	③	④	⑤
10. Ombros	①	②	③	④	⑤
11. Barriga	①	②	③	④	⑤
12. Ancas	①	②	③	④	⑤
13. Cintura	①	②	③	④	⑤
14. Nádegas	①	②	③	④	⑤
15. Coxas	①	②	③	④	⑤
16. Pernas	①	②	③	④	⑤
17. Forma do corpo	①	②	③	④	⑤
18. Atitude/Porte	①	②	③	④	⑤
19. Peso	①	②	③	④	⑤

20. Altura	①	②	③	④	⑤
21. Condição Física	①	②	③	④	⑤
22. Energia	①	②	③	④	⑤
23. Grau de sat. Com a aparência?	①	②	③	④	⑤

24. Sinto-me: (ponha uma cruz)

- ☐ Alto (a)
- ☐ Baixo (a)
- ☐ Tenho a altura ideal

25. Sinto-me (ponha uma cruz)

- ☐ Gordo (a)
- ☐ Magro (a)
- ☐ Tenho o peso ideal

ANEXO III

QUESTIONÁRIO DOS VALORES E REPRESENTAÇÕES CORPORAIS

Questionário dos valores e representações corporais

Nas páginas seguintes encontram-se várias afirmações relacionadas contigo.

Indica qual a grau de importância que atribuis a cada uma dessas afirmações.

MARCA COM UMA CRUZ o número que melhor representa a tua opinião, de acordo com a seguinte escala:

1. Muito Importante
2. Importante
3. Pouco Importante
4. Nada Importante

O que nos interessa é a tua opinião pessoal! Não ha respostas erradas; correcto e tudo aquilo que corresponde a tua opinião.

Pedimos-te que respondas de forma tão exacta quanto possível, sem reflectires muito tempo. Por favor não deixes nenhuma questão sem resposta.

1. Nada importante
2. Pouco importante
3. Importante
4. Muito importante

		①	②	③	④
1.	Tomar banho com frequência	○	○	○	○
2.	Comer doces e bolos em abundância	○	○	○	○
3.	Vestir-me como os meus amigos	○	○	○	○
4.	Ter uma cintura esbelta	○	○	○	○
5.	Tocar/Ouvir música com os meus amigos	○	○	○	○
6.	Usar desodorizante	○	○	○	○
7.	Fumar tabaco	○	○	○	○
8.	Fazer a depilação/Fazer a barba	○	○	○	○
9.	Utilizar o meu corpo para fazer desporto	○	○	○	○
10.	Olhar-me ao espelho com frequência	○	○	○	○
11.	Andar despenteado	○	○	○	○
12.	Lavar a cara todos os dias	○	○	○	○
13.	Andar de carro/moto a grande velocidade	○	○	○	○
14.	Ouvir música com o som muito elevado	○	○	○	○
15.	Homens e mulheres vestirem-se igual	○	○	○	○
16.	Utilizar a dança como forma de Sedução	○	○	○	○
17.	Ira concertos e fazer "moshes"	○	○	○	○
18.	Ver televisão em casa	○	○	○	○

19. Usar roupas que salientem a Linha do corpo	○	○	○	○
20. Ter os cabelos compridos	○	○	○	○
2 1. Conversar com os amigos	○	○	○	○
22. Possuir uns braços compridos	○	○	○	○
23. Vestir-me dependendo dos locais onde vou	○	○	○	○
24. Ter muitos pêlos no corpo	○	○	○	○
25. Vestir o que apetece e quando apetece	○	○	○	○
26. Não comer para não engordar	○	○	○	○
27. Andar a pé com frequência	○	○	○	○
28. Usar cabelo rapado	○	○	○	○
29. Ter umas mãos fortes e bem feitas	○	○	○	○
30. Usar prod. beleza para realçar o corpo	○	○	○	○
31. Arriscar a vida de vez em quando	○	○	○	○
32. Ter umas costas largas e fortes	○	○	○	○
33. Vestir-me apenas de cores escuras	○	○	○	○
34. Apanhar bebedeiras sozinho	○	○	○	○
35. 0 principal do meu corpo é agradar-me	○	○	○	○
36. Ter uns olhos bonitos	○	○	○	○
37. Vestir-me de forma desleixada	○	○	○	○
38. Divertir-me nos momentos apropriados	○	○	○	○
39. Andar de cabelo penteado e arranjado	○	○	○	○
40. Usar sempre roupas de marca	○	○	○	○
41. Dançar todo o tipo de música	○	○	○	○

42. Utilizar o corpo para provocar os outros	○	○	○	○
43. Ser alto	○	○	○	○
44. Pregar partidas aos outros	○	○	○	○
45. O corpo servir apenas como sedução e desejo	○	○	○	○
46. Fazer "moshes" para me divertir	○	○	○	○
47. Não me divertir porque a vida é muito séria	○	○	○	○
48. Praticar desportos radicais	○	○	○	○
49. Vestir-me com cores berrantes	○	○	○	○
50. O meu corpo servir para fazer palhaçadas	○	○	○	○
51. Passar o tempo com os amigos	○	○	○	○
52. Pular/saltar c violência nos concertos	○	○	○	○
53. Qd estou c os meus amigos fumar uns charros	○	○	○	○
54. Não fazer nada na vida	○	○	○	○
55. Ter uma voz forte para que todos me ouçam	○	○	○	○
56. Usar o corpo para chamar a atenção dos outros	○	○	○	○
57. Ir a escola para estar com os amigos	○	○	○	○
58. Dançar por prazer	○	○	○	○
59. Ter uma cara bonita	○	○	○	○
60. Falar c os amigos sobre cultura geral	○	○	○	○
61. Estar sozinho	○	○	○	○
62. Pesar-me c frequência para controlar o peso	○	○	○	○
63. Ser uma pessoa feliz	○	○	○	○

64. Usar roupas Iargas para me sentir à vontade ○ ○ ○ ○
65. Não me preocupar com o meu corpo ○ ○ ○ ○
66. Viver sempre como se fosse o último dia ○ ○ ○ ○
67. Participar em concursos do beleza ○ ○ ○ ○
68. Passear pelo campo ○ ○ ○ ○
69. O tipo de calçado que uso ○ ○ ○ ○
70. Usar água de colónia/perfume ○ ○ ○ ○
71. Sentir-me uma pessoa com um estilo próprio ○ ○ ○ ○
72. Pensar no meu futuro ○ ○ ○ ○
74. Ir à escola por não ter nada que fazer ○ ○ ○ ○
75. Usar roupas apertadas p salientar o meu corpo ○ ○ ○ ○
76. Usar o corpo para Iibertar energias ○ ○ ○ ○
77. Usar adornos que me distingam dos outros ○ ○ ○ ○
78. Usar botas de tropa ○ ○ ○ ○
79. Ter um cumprimento especial entre os amigos ○ ○ ○ ○
80. Fazer urna alimentação equilibrada ○ ○ ○ ○
81. Expressar sentimentos/emoções através corpo ○ ○ ○ ○
82. Vestir c forma de afirmação para os outros ○ ○ ○ ○
83. Ir a escola para aprender ○ ○ ○ ○
84. Mudar do roupa interior todos os dias ○ ○ ○ ○
85. Ir às discotecas para ouvir música ○ ○ ○ ○
86. Lavar a cabeça com frequência ○ ○ ○ ○
87. Ouvir radio quando estou cm casa ○ ○ ○ ○
88. Comer apenas quando tenho fome ○ ○ ○ ○
89. Ir à escola para ter um futuro melhor ○ ○ ○ ○

90. Vestir-me segundo as modas
91. 0 meu corpo servir para provocar as pessoas
92. Qd estou c problemas falar c os meus amigos
93. Ir as discotecas para fazer "engates"
94. Ter uma cara bonita
95. Ter um corpo saudável
96. Ir a escola porque sou obrigado
97. Vestir-me em função das condições do tempo
98. Ser capaz de me exprimir facilmente
99. Correr para manter a forma
100. Dar graxa aos prof. para ter boas notas
101. Usar roupas como forma de afirmação pessoal
102. Ter uma boa resistência física
103. Adaptar o comportamento aos locais e pessoas
104. Apanhar bebedeiras com os amigos
105. Ter sempre um corpo alegre e jovem
106. Fazer as minhas próprias roupas
107. Ir às discot./concertos p apanhar bebedeiras
108. Ir ao médico com frequência
109. Ter um corpo musculado